

YKAMIABAS

Filhas da Lua, Mulheres da Terra

Regina Melo

Rever o processo de destruição da vida.
Resgatar a luz que ilumina a sã consciência humana.
Controlar a contagem regressiva que já começou.
Encontrar o mais rápido possível o caminho de volta,
porque o tempo é curto, e a trilha é tão extensa
que atravessa todas as fronteiras.

ÍNDICE

Apresentação

Capítulo I - **A mensagem**

Capítulo II - **As miracemas**

Capítulo III - **O muyrakytã**

Capítulo IV - **As guerreiras e seus vizinhos**

Capítulo V - **O lago Yacy-Uaruá**

Capítulo VI - **O monte Yacy-Taperê**

Capítulo VII - **O encontro anual**

Capítulo VIII - **A independência das ykamiabas**

Capítulo IX - **O parto das ykamiabas**

Capítulo X - **Aventuras europeias em terras sul-americanas**

Capítulo XI - **A busca do eldorado e do país da canela**

Capítulo XII - **A construção do bergantim San Pedro**

Capítulo XIII - **O bergantim Victoria**

Capítulo XIV - **Orellana procura as amazonas**

Capítulo XV - **O encontro com as mulheres guerreiras**

Capítulo XVI - **A necrópole de Tacoera**

Capítulo XVII - **A resistência das ykamiabas**

Capítulo XVIII - **Izi reclama o poder**

Capítulo XIX - **A fruta proibida**

Capítulo XX - **A segregação das ykamiabas**

Capítulo XXI - **A divisão do poder**

Capítulo XXII - **A viagem do mito**

Capítulo XXIII - **O retorno à origem**

Capítulo XXIV - **O culto à Mãe Terra – O caminho de volta**

Apresentação

Por Maria Rejane Reinaldo¹

O livro *YKAMIABAS Filhas da Lua, Mulheres da Terra*, de Regina Melo, é resultado de uma densa pesquisa histórica e mitológica, mesclada a uma sofisticada literatura. A autora une, com exímio talento, o mito, a história e a arte, e assim engendra uma tessitura labiríntica, ambiência de dobras e circularidades, velando e descortinando, concomitantemente, o mais arcaico e o mais presente em nós.

A sua escrita serpenteia-se livremente, sinuosa, feito a controvertida simbologia do feminino, do redondo, do circular, do eterno retorno, permeada de grutas, atalhos, úteros, grotas, a transpor culturas, atravessando fronteiras, sob a feição do proibido.

A personagem Yara foi encantada pelas ykamiabas ao receber do seu pai Enki o muyrakyatã. Igualmente, fui conquistada, agora, pela linguagem poética vibrante e pesquisa arrojada de Regina Melo, em seu *YKAMIABAS – Filhas da Lua, Mulheres da Terra*. Romance carregado de mito e historicidade, profundo e misterioso como o amazonas, o rio. Assenta-se no vertiginoso, no prazer do *límen*, no indizível, no inominável.

Regina Melo passeia com desenvoltura, ora pelo mito, ora pela história, ora pela arte, como quer a transdisciplinaridade de Edgar Morin, sem ancorar-se em hegemonia ou dicotomia entre os fazeres e saberes. Sinaliza assim um desbravamento requintado, sofisticado, com a exposição de dados preciosos e precisos, da história e da mitologia, tudo sob os auspícios de uma ficção prenhe de realidade. Afinal, a verdade é uma ficção, já disse Nietzsche.

¹ A autora Maria Rejane Reinaldo é Bolsista CNPq – Grupo de Pesquisa Etnocenologia (UFBA) e doutoranda em Artes Cênicas no Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas da Universidade Federal da Bahia (PPGAC-UFBA) com o projeto de tese “Pentesileia, a rainha das amazonas: travessias de uma personagem”, onde pesquisa as mulheres guerreiras amazonas a partir da narrativa mítica grega, da narrativa dramática “Pentesilea” (1808) do alemão Kleist (1777-1811) e dos relatos do Brasil Colonial e mitologia amazônica, sob a orientação do Prof. Dr. Armindo Bião (PPGAC-UFBA). Atriz, diretora, gestora e produtora cultural desde 1980, dirige o Teatro da Boca Rica em Fortaleza, Ceará. Foi Secretária da Cultura e Turismo de Sobral, Coordenadora de Ação Cultural da Secult do Ceará, Diretora Artística do Theatro José de Alencar, diretora fundadora do IACC – Instituto Dragão do Mar de Arte e Cultura, diretora fundadora do Conselho Cearense dos Direitos da Mulher, diretora fundadora do Centro Popular da Mulher, diretora fundadora da Federação de Bairros e Favelas de Fortaleza.

O tema das mulheres guerreiras amazonas é desejo latente, é prazer explícito a cada palavra de YKAMIABAS. Esbanja, às vezes, uma singeleza enternecedora, a despeito de tratar-se de mulheres belicosas, aguerridas. Teriam as “amazonas” existido no Brasil? De onde teriam vindo? O que elas teriam em comum com as mulheres guerreiras narradas pelos gregos, e outros? Quem eram essas guerreiras? Que travessias teriam feito para chegar ao Brasil?

Os 24 “capítulos” são iniciados com epígrafes as mais diversas, de autores e livros de épocas e lugares muitos, cuja aproximação se dá pelo interesse na discussão das sociedades matriarcais, dos deuses e deusas da Lua e da Terra, da Grande Mãe, dos indígenas presentes no norte brasileiro, das mulheres guerreiras, as amazonas ykamiabas, as grandes navegações e o Novo Mundo. E, ainda, permeia o livro a ideia de um planeta saudável, tendo o ser humano como habitante e não como predador. Por fim, sugere afinidades eletivas sobre a possibilidade de uma convivência harmoniosa entre os gêneros, compreendendo-os inseridos igualmente no planeta Terra, Mãe Terra, acolhedora, geradora de todos nós.

Os personagens do romance YKAMIABAS são imbuídos de caráter mitológico: a protagonista chama-se Yara, a Mãe das Águas; o pai dela, Enki, significa o Deus das Águas; Juçara é a velha índia que contava as histórias para Yara quando criança. Mas YKAMIABAS é também uma história de amor, de encontro, de entes queridos e apaixonados, de vidas que são unidas pelo passado, pelo desejo de embrenhar-se nas origens. Traz à baila o mundo libertário das mulheres guerreiras da Amazônia, da Capadócia, de Abonei-República de Benim, fortalecendo a ideia da Deusa Mãe Terra. Regina Melo adentra o emaranhado construído pela interpenetração do mito, história e arte para nos dizer que, *“para chegar ao mundo dos deuses, deveremos descer ao interior da terra”*.

Para penetrar a profundidade do mito das amazonas e das cunhas-teco-imas a autora ancora-se em João Barboza Rodrigues, Curt Nimuendaju, Charles Marie de La Condamine, frei Gaspar de Carvajal, e uma vasta literatura sobre mitologia, ecologia, psicanálise, feminismo, gênero, cultura oriental e ocidental antigas.

Do capítulo I, “A mensagem”, ao capítulo IX, “O parto das Ykamiabas”, a autora trata do seu encontro e encanto com o mito, o legado que lhe foi dado: *“você recebeu um legado. Procure no mito”*; e do mundo espetacular das mulheres guerreiras, das cunhã-teco-imas, seus rituais, os objetos e paisagens naturais componentes do mito.

Astuciosa, Regina Melo une à cena amazônica, as narrativas africanas, grega, oriental, traçando alusões às variadas experiências humanas antes do patriarcado – para usar uma expressão de Françoise d’Eaubonne. Experiências da Deusa Mãe pelos quatro cantos da terra, a nos indicar fortemente que *“há milhares de anos, antes da Era Cristã... civilizações migraram de um continente a outro, atravessando terras e mares, montanhas e desertos, rios e florestas... e, assim, construíram as culturas que contariam, mais tarde, a história da humanidade”*.

É no capítulo V, “O Lago Yacy-Uaruá”, que a autora conceitua, com simplicidade e boniteza, o mito: *“Foi assim com os povos da terra num período que remonta a mais longínqua antiguidade de que se tem notícia: os seres humanos, buscando entender a sua existência, enalteceram a terra, os astros, os rios, as estrelas, os peixes e os animais enquanto divindades”*.

Do capítulo X, “Aventuras europeias em terras sul-americanas”, ao capítulo XV, “O encontro com as mulheres guerreiras”, a autora traça com maestria singular a chegada ao Brasil dos navegadores europeus, especialmente os portugueses e espanhóis, em busca de ouro, prata, especiarias e, acima de tudo, expansão territorial e domínio. Com primor, Regina Melo narra a aventura europeia no Brasil Colonial, a desventura dos seus habitantes, como povo, frente aos invasores. Os povos indígenas dizimados, as línguas nativas aniquiladas. A partir dos relatos coloniais, tem-se a data do encontro de Francisco de Orellana com as ykamiabas: “24 de junho de 1542, na confluência do rio Paraná-Guassu com o Kunury”.

Do capítulo XVI, “A necrópole de Tacoera”, ao capítulo XX, “A segregação das ykamiabas”, são elencadas informações sobre a vida dessas mulheres guerreiras, seus rituais de procriação, suas lutas, suas relações com os homens e tribos vizinhas, a forma de cuidar do corpo e as tarefas cotidianas.

As confluências entre mito, história e arte são recorrentes em todo o livro. A autora reitera a francesa Françoise d'Eaubonne que indagava, já na década de 1970²: *“Será coincidência o facto de termos tido que esperar por 1972 para que o antropólogo Jesco Von Puttmaker comunicasse à Academia de Berlin a sua descoberta das três grutas do Amazonas, encontradas na selva brasileira, com a fotografia das decorações murais que o reproduziam exactamente o nome de Amazonas dado ao rio americano, e que fosse tratado de ficcionista por toda a ciência universitária?”*

Do capítulo XXI, “A divisão do poder”, ao capítulo XXIV, “O culto à Mãe Terra – o caminho de volta”, Regina Melo explora o mito das amazonas, no Brasil, expondo os mitos e a vida dos indígenas do norte, no Brasil Colônia. Traz ao contexto o mito de Jurupari, o poder masculino e suas leis rigorosas, nunca acatadas pelas ykamiabas.

Os diálogos entre as personagens Yara e Benjamin, e entre Yara e Enki, são momentos de farto material histórico, mas permeado pelo mito. A leitura nos leva a viagens fantásticas, de Stambul a Manaus, da África à Grécia, de Roma a Nhamundá, de Constantinopla (Trácia) ao Império Romano do Oriente: *“mito e história se acham entrelaçados nos documentos e testemunho das civilizações. Ou seja, a história dos povos começou a ser escrita a partir dos seus primeiros relatos mitológicos”*.

O final do livro é quase um Epílogo e nele a autora anuncia o destino das personagens. Primeiramente ressalta a importância do muyrakytã como herança real das ykamiabas. E prossegue: *“Agora, era como se tivesse montado o quebra-cabeça: as mulheres sem seio ou leite sempre regaram com as águas da nascente, a Árvore da Vida. Fecundaram a terra com seu sangue para que os seres que nela habitassem tivessem espaço para viver. Pois a Terra, mesmo dividida, é uma só. É um corpo só. E nós fazemos parte dele”*.

Agradeço a Regina Melo o prestigioso convite para apresentar o seu livro YKAMIABAS Filhas da Lua, Mulheres da Terra, na 2ª. edição, depois do sucesso da 1ª. de 2004. O seu YKAMIABAS serviu de inspiração para o tema da Escola de Samba Acadêmicos da Rocinha (2010), e seu romance “Oceano Primeiro – Mar de Leite, Rio

² d'Eaubonne, Françoise. As Mulheres antes do Patriarcado. Lisboa, Vega, 1972, p. 248.

da Criação” recebeu o Prêmio Governo do Estado do Amazonas (2010) e foi selecionado pelo Edital do Banco da Amazônia para publicação (2011). Em 2012, a autora foi selecionada pelo Banco da Amazônia para uma nova edição do romance YKAMIABAS Filhas da Lua, Mulheres da Terra. Regina Melo também inseriu o tema no universo musical: possui uma ópera inédita, “As Amazonas”, com o compositor amazonense Adalberto Holanda, e um musical “Ritual das Icamiabas”, com o compositor Pedro César Ribeiro.

A minha “jornada” rumo às YKAMIABAS inicia por ocasião do doutorado em artes cênicas na Universidade Federal da Bahia, onde investigo, também, as mulheres guerreiras ykamiabas, presentes nos relatos do Brasil Colônia. Daí ter recorrido à pesquisa desenvolvida por Regina sobre *“os possíveis indícios da existência das ykamiabas, pela presença do muyrakytã (muiraquitã), objeto de desejo das tribos locais, a localização da tribo Cunuri, das mulheres guerreiras, registrada por Curt Nimuendaju, em seu mapa etno-histórico, no século XX, e descrita nos ciclos miológicos, por João Barboza Rodrigues, um século antes”*³.

O mistério ronda a vida, e há fartura do inexplicável na condição humana. E isso leva a Kleist (1777-1811), dramaturgo e poeta alemão, um encantado pelas amazonas e seu amor visceral, extasiante. Ele escreveu “Penthesilea”, a primeira tragédia moderna, que versa sobre a rainha das amazonas. No texto referido a protagonista fala: *“No coração das mulheres nascem tantas coisas que não são feitas para a luz do dia”*! Regina Melo sabe disso.

Evoé!

Fortaleza, 21 de junho de 2012

³ A citação compõe a palestra de Regina Melo no I Seminário Internacional Teatro, Mito, Antropofagia, sob a minha coordenação, ocorrido de 16 a 19 de maio próximo passado em Fortaleza, Ceará, em parceria com o INESP, o SESC e a Prefeitura de Fortaleza, onde o projeto “Pentesileia” foi ganhador do Prêmio Edital das Artes – Teatro - 2012.

Na minha infância eu vivi o silêncio. Um silêncio de profundidade tamanha. Meu silêncio tinha vozes que procuravam respostas para as indagações que passaria a formular mais tarde, já na minha adolescência e, mais seguramente, na minha fase adulta.

Em Nhamundá – onde eu nasci – as noites eram belas. Tinham um luar aberto que contagiava de alegria os habitantes do lugar. Nessas noites, eu costumava ouvir histórias, algumas muito interessantes. Tão interessantes, que me deixavam impressionada por vários dias. Como a que ouvi por diversas vezes, contada por uma daquelas senhoras que costumavam sentar-se à frente das suas casas nos finais de semana e à noitinha.

Era difícil saber o que realmente me incomodava nela. Mas que incomodava, incomodava. E muito! Não lembro as horas que passei a me embalar naquela cadeira de palha trançada, nas tardes que se estendiam longamente pela estrada de barro, ou quantas noites permaneci acordada, envolvida que estava com aquela história.

E, quando dormia, eram seus personagens que ganhavam vida nos meus sonhos. Ninguém ao meu redor poderia saber o que se passava comigo. Assim, eu ia guardando para entender tudo mais tarde. Com o tempo, decerto, eu saberia responder às indagações que embaralhavam a minha mente.

O tempo passou. A história, aparentemente adormecida na lembrança, subitamente arrastou a minha vida como um furacão. E eu não tive outra opção, senão vivê-la.

CAPÍTULO I

A MENSAGEM

Olha para baixo, meu amigo, para a terra.

O mar salgado não é mais que uma
vala de irrigação de jardineiro.

ALFRED KNOP

Aquela velha índia de nome Juçara contou-me a história intrigante de um reinado de mulheres. Dizia ela que, para dentro, muito dentro das matas da floresta amazônica, existiam mulheres índias fortes que combatiam tão bem quanto dez homens. E que muitos tinham medo delas, pelo que sabiam serem guerreiras ousadas e corajosas. Disse-me ainda aquela velha senhora que, se algum povo quisesse se apossar de seus territórios, ou impor-lhes regras de conduta, era logo reprimido pela força descomunal que elas possuíam.

Viria a aprender tempos depois que essas mulheres, ainda hoje não investigadas à luz do conhecimento, eram remanescentes de antigos povos que migraram para a América do Sul em busca de novas terras, no último período glaciário. Traziam consigo grandes ensinamentos que gerações inteiras não apreenderiam em séculos de civilização.

Tudo começou numa bela manhã de abril, quando recebi uma estranha correspondência da Turquia. O selo dos Correios indicava o local de onde a carta havia sido postada: Capadócia. Nem bem abri o embrulho e algo inteiramente novo já se apossava de mim, tomando-me o fôlego. Puxei a respiração, bem fundo, e retirei o invólucro que cobria a caixa, deparando-me com um objeto minúsculo – uma espécie de pingente – para ser pendurado ao pescoço. Tinha a cor verde-água e possuía a forma de uma rã. Junto ao pingente, uma pequena mensagem com os seguintes dizeres:

“Você recebeu um legado. Procure no mito”.

– É um presente! – pensei. Imediatamente procurei algo para suspendê-lo ao pescoço. Abri a caixinha onde costumava guardar pequenos adereços, uns

penduricalhos e algumas joias. Descobri um pedaço de fio feito de fibra sintética, amarrei o objeto ao pescoço e saí.

Mais tarde, na faculdade, o professor de Antropologia Cultural, Benjamim Ramos, em plena aula sobre as culturas e povos da região amazônica, deixou-me constrangida quando se referiu ao pequeno objeto pendurado em meu pescoço como um legítimo muyrakytã.

– Muyrakytã? O que vem a ser isso? – indaguei.

O professor, então, explicou-nos o significado de muyrakytã e pediu-me que o aguardasse depois da aula. Parecia que o meu coração ia saltar pela boca. – Este objeto só pode ser uma peça rara de alguma coleção – imaginei.

Quando ele deixou a sala, convidou-me a acompanhá-lo até a lanchonete da faculdade. Meus passos pareciam conduzir-me a um abismo. Estava assustada. Pedimos água e café e nos sentamos a uma mesa.

– Que presente bonito você ganhou! – ele disse.

– Como você sabe que é um presente?

– Um muyrakytã é sempre um presente, independente da forma como ele chega a você.

Continuava assustada. Pensei: será que ele acha que o objeto foi retirado de alguma coleção?

– Na verdade, eu não sei o que isto significa. – defendi-me. Embora desejasse muito descobrir...

– Conte-me o que está havendo!

Permaneci, por alguns instantes, calada. Naquele momento, apenas me questionava se deveria contar-lhe.

– Você não confia em mim? – ele insistiu.

A pergunta me deixou sem jeito. Talvez fosse melhor contar logo como recebi o muyrakytã. Quem sabe ele me ajudaria. Mas estava insegura. Pra que me antecipar? Pensei: Não! É precipitado. Prefiro responder:

– Eu não sei o que isso quer dizer. Não parei para pensar!

– Tudo bem! – respondeu-me o professor. Quando você se sentir à vontade para conversar sobre o assunto, pode contar comigo! – disse e afastou-se da mesa.

– Professor!... Espere! Está bem. Eu vou lhe contar o que houve. Naquele momento, percebi que era impossível não compartilhar com ele aquela revelação.

– Conte-me o que houve para que eu possa ajudá-la!

Retirei da bolsa a estranha mensagem escrita em português para que a lesse. Examinando atentamente o envelope, ele desdobrou a pequena folha de papel diante do meu olhar assustado.

– Não sei o que isto significa! – tornei a me defender.

– Pois eu sei! – exclamou, sorrindo, o professor. – Você está diante de um enigma.

– Enigma? E o que devo decifrar?

– O mito. Você deve decifrar o mito.

– Como? Decifrar?

– Trazer o mito à tona. Retirar a névoa que o encobre.

– Falando assim, você me deixa assustada!

– Não fique!

– Diga-me, então, o que devo fazer?

– Yara, estou tão emocionado quanto você. Algo me chama a atenção: o fato da carta ter vindo da Turquia, Capadócia... Parece existir alguma coisa muito importante nesta mensagem. Algo que precisamos descobrir.

O professor olhava atentamente o envelope, como se percebesse algo que eu não havia percebido antes.

– O quê? – perguntei.

– Não sei, exatamente. Parecem hieróglifos. – respondeu. O que você acha de investigarmos isso juntos?

– O que eu vou lhe dizer pode parecer estranho, mas a verdade é que me sinto atraída por essa mensagem.

– Então, prepare-se, porque vamos ter bastante trabalho.

– Como assim?

– Precisamos nos munir de muitas informações para percorrermos o caminho do mito.

Aquelas palavras mexeram comigo. Pressenti uma relação entre o muyrakytã e o que eu vivera em Nhamundá. Podia ser uma intuição ou apenas uma lembrança incômoda. De qualquer forma, achei que deveria contar-lhe.

– Preciso lhe falar algo!

– Fale!

Contei-lhe a história da velha índia, que me acompanhava desde a infância, e os sonhos que tinha de estar sempre retornando à minha terra natal, de onde saí aos seis anos de idade.

– Yara quantos anos você tem? – ele me perguntou.

– Vinte e seis. – respondi-lhe.

– Você não gostaria de saber mais sobre o muyrakytã? Talvez você até encontrasse algumas resposta para suas dúvidas.

– Gostaria muito!

– Posso ajudá-la? Penso que podemos descobrir uma história fascinante...

Naquele momento, mais tranquila, interessava-me saber o que representava o estranho presente. Qual o seu significado. Aceitei a proposta do professor e, a caminho de casa, refleti sobre aqueles acontecimentos. Lembrei-me das suas orientações e pensei ser importante contar com ele. No dia seguinte, encontrei-o na entrada da faculdade, à minha espera:

– Tenho algo para lhe mostrar. Podemos conversar depois da aula, no Departamento?

– Estarei lá, professor!

Depois da aula, dirigi-me ao Departamento de História. Ele me mostrou um mapa geográfico antigo, com detalhes sobre a região da Capadócia.

– Observe isto aqui. Este mapa mostra a região antiga entre a Europa e a Ásia Menor, onde estava localizada a Trácia.

– Trácia? – O interesse do professor Benjamim deixava-me cada vez mais curiosa.

– Você está vendo a Trácia e a Macedônia aqui, no mapa?

– Sim...

– Eram países localizados ao norte da Grécia e ao sul do Monte Olimpo, constituídos pelas terras da península balcânica; à época, considerados primitivos pela Grécia Continental.

– Essa história tem relação com as nossas amazonas?

– Parece que sim!

– Mas o que têm a ver os muyrakytãs com a mitologia grega?

– É o que buscaremos descobrir. Pode ser uma grande coincidência, porém não menos intrigante, pois a Trácia era terra de culto à deusa da fertilidade, considerada a Deusa Mãe, que deu origem ao mundo.

– Agora a coisa vai embolar...

– Não! Você não deve pensar assim, Yara. Porque nós vamos descobrir essa história.

Na semana seguinte, o professor Benjamim entrou sorridente em sala para ministrar a sua disciplina Antropologia Cultural. Eu, que havia passado todos aqueles dias a pensar unicamente no enigma do muyrakytã, mal podia esperar para que ele comesse a falar. Tinha impressão de que algo novo se desenhava à minha volta. Parecia prever que, daquele momento em diante, as suas aulas não seriam mais as mesmas, especialmente depois daquele dia em que me vi exposta diante da sala inteira com aquele muyrakytã em volta do pescoço.

– Tenho uma proposta para fazer a vocês: o que acham de dedicarmos algumas aulas à investigação de um mito?

– Qual mito, professor? – quis saber um dos alunos.

– O mito das mulheres guerreiras do vale do Amazonas.

– As amazonas? – perguntou o aluno.

– Sim. As amazonas. As ykamiabas a que se referem etnógrafos e historiadores.

– Eu topo!

– Eu também!

Avalizado pelos alunos que se dispunham a conhecer o mistério que envolve as mulheres guerreiras na região amazônica, o professor pareceu ficar à vontade para falar sobre o assunto.

– Dedicaremos uma sequência de três aulas para entendermos o caminho percorrido pelo mito.

Benjamim iniciava a sua palestra com a abordagem sobre antigas migrações em terras americanas, explicando-nos que ocorreram num tempo bem anterior à chegada dos exploradores europeus. Num tempo em que sequer se imaginava existir vida por esses lados da América. Fundamentava suas explicações com informações históricas,

mitológicas, geográficas e étnicas, e nos orientava para um novo olhar sobre a história dos povos da Amazônia.

CAPÍTULO II

AS MIRACEMAS

Não podeis tocar uma flor
sem perturbar uma estrela.

BACON

Há milhares de anos, antes da Era Cristã, havia laços de união entre a Ásia e a América que permitiram a expansão dos povos da terra. Civilizações migraram de um continente a outro, atravessando terras e mares, montanhas e desertos, rios e florestas para habitar as partes sombrias do planeta e, assim, construir as culturas que contariam mais tarde, a história da humanidade.

Saíram com destino às cinco partes do mundo e se espalharam em multifacetadas regiões. Avançaram em áreas de intenso frio, temperadas, úmidas e quentes. Absorveram os climas, ou foram absorvidas por eles. Assim, conforme a terra e o clima que encontravam, modificavam a língua, a cor da pele e os costumes.

Entre essas migrações saíram do seio do velho continente asiático, em busca de novas terras, os povos de uma dinastia solar e lunar que tinham como patriarca um kumu⁴, sacerdote com poderes de xamã, ou, mais precisamente, um pajé. Esses povos migraram em grande quantidade – as chamadas miracemas⁵, para um continente que se tornaria conhecido, milhares de anos depois, como o Novo Mundo, a América.

Estudos nos levam a crer que esses Filhos do Sol e das Serpentes – assim eles se intitulavam – teriam vindo da Montanha Vermelha, dos subúrbios de Chifeng, na Mongólia Inferior, ou mesmo das regiões próximas ao Mar Mediterrâneo. Atravessaram as terras e alcançaram o “novo mundo”, quando ainda não soavam os sinos da comunidade cristã. Nas novas terras, fixaram-se na América do Norte, de onde, depois, desceram em bandos para a América do Sul.

⁴ Sábio, vidente, que domina ritos, prevê e previne malefícios.

⁵ Cultura Hongshan.

Essas civilizações alcançaram o México, o Panamá, a Colômbia, a Venezuela, o Peru e a Bolívia, até o vale do Amazonas. Teriam sido esses os primeiros karas, depois karaíbas, dos quais se originaram os Toltecas, ou Nahuas.

“Galhos de um só tronco, raças de uma só semente; oriundos de um único berço”, esses povos aventuraram-se pela América, estendendo-se de norte a sul. Lutaram, dispersaram-se e formaram novas nações: Omaua, Karipuna, Kamayura, Auetê⁶ e Nahua, que se subdividiu em Kachinauá, Yaminauá e Uakanauá⁷.

Com os karaybas, vieram também as mulheres guerreiras, portadoras de muyrakytãs – artefatos líticos, também conhecidos como pedras verdes –, amuletos que, pelas suas virtudes, proporcionavam força, saúde e poder.

Traziam-nos suspensos ao pescoço, para assegurar-lhes a vida, livrá-las das moléstias e dos inimigos e garantir-lhes a supremacia das terras de que se apossavam.

Nos primeiros tempos de invasão, os karaybas estenderam seu poderio do Golfo de Darien ao Amazonas. A sua influência moral e religiosa caminhou até o Paraguai por meio de uma grande nação guerreira e poderosa que seguiu para o Sul. Os Tupis desciam para o sul, assenhorando-se do litoral e levando tribos que se encontravam pelas serras, em busca de refúgio: os Tapuyas ou Tapauyas e os Nheengaíbas.

Na disputa pela posse das terras, eles se dispersavam e se subdividiam: uns para o extremo sul, outros para o norte, levando consigo os vencidos karaybas. Iniciava-se a fusão dos povos do Vale do Amazonas. A partir desse momento entram em cena as míticas guerreiras.

...

Era o final da palestra. Aplaudimos, entusiasmados. Quanto interesse nos despertava Benjamim para um tema tão pouco estudado, mas de tamanha relevância para a cultura regional. Na verdade, desconhecíamos essa teoria que descreve a migração de povos do antigo continente pela Travessia do Estreito de Bering ao Pacífico, através das costas da Califórnia até a região das cabeceiras, no Peru. Fui a primeira aluna a se pronunciar. Queria saber como foi feita essa travessia.

⁶ Rio Xingu.

⁷ Rio Juruá.

– Como esses povos, em época remota, migraram de lugares tão distantes? Que laços seriam esses?

Benjamim nos explicou que o mundo habitável era mais frio e mais compartimentalizado que o de hoje, devido à extensão do gelo dos períodos glaciares, particularmente o último deles – de 100.000 a 12.000 anos a. C. – que solidificou parte considerável da água do planeta imobilizada nas geleiras, fazendo baixar o nível dos mares em cerca de duzentos metros e deixando livres inúmeras passagens terrestres, como, por exemplo, entre a Ásia e a América, o Japão e a Indonésia, a Nova Guiné e a Austrália, o que veio facilitar a passagem dos karaybas para este outro lado do mundo.

– Professor, que são karaybas? – questionou um dos alunos, abrindo a discussão sobre o assunto.

Benjamim respondeu que o termo karayba vem do vocábulo karayua, cujo significado é bravo, mau, homem ruim, mau estrangeiro, ou estrangeiro ruim, entre os povos de língua tupi-guarani.

– Eles eram povos cruéis? Essa denominação era justificada pela crueldade? – indagou outro aluno.

– Alguns registros dão conta de que se acreditava que eles estivessem unidos aos arianos⁸ e que, por isso, estavam impregnados do sangue deles. Mas talvez esse tratamento lhes fosse dado devido à necessidade que tinham os povos já instalados na região de se protegerem daqueles recém-chegados. Possivelmente os que já haviam delimitado os seus territórios se sentissem ameaçados pela presença de novos imigrantes, digamos assim.

– O que você quis dizer com “galhos de um só tronco, raças de uma só semente; oriundos de um único berço”? – perguntou uma colega da turma, ao que Benjamim lhe revelou ser esta citação do grande pesquisador João Barbosa Rodrigues, em sua obra sobre os muyrakytãs e os ídolos simbólicos, a que abriu perspectivas sobre a origem do povo americano, através da migração de povos do continente asiático. Barbosa Rodrigues – explicou o professor –, além de botânico e naturalista, deixou também uma grande contribuição mitológica e histórica sobre a Amazônia, através de várias publicações, como a *Exploração do Vale do Amazonas* e *Exploração do Rio*

⁸ Antigos antepassados da família indo-europeia, os arianos, de uma raça supostamente pura.

Jamundá, ambas de 1875, e *O Muyrakytã – estudo da Origem Asiática da Civilização do Amazonas nos Tempos Pré-Históricos*, de 1889.

– Qual o significado da palavra muyrakytã, professor?

Benjamim revelou ao aluno a tradução da palavra de origem tupi-guarani: *muyra*, pau; e, *kytã*, nó. “Nó de madeira”, embora também conhecido como “conta de gente”, entre outras tentativas de interpretação.

– Estudiosos tentam explicar o seu significado da seguinte forma: **puir**, ou **muir**: miçanga, conta, enfeite; **ki**: mexer, usar, tocar; e **itã**: espécie de sapo ou rã. Conforme expliquei anteriormente, era um amuleto considerado mágico pelos indígenas, que acreditavam na sua capacidade de transmitir força, saúde e poder a quem dele se apropriasse. Os muyrakytãs eram adornos que exerciam influência nos destinos dos homens e seus humores. Os índios costumavam usá-los suspensos ao pescoço, não só pela crença de que possuíam poderes especiais, como pela beleza estética e rara com que eram valorizados pelos povos locais. Em sua maioria, esculpidos, geralmente, em formas de rãs, os muyrakytãs estão associados ao órgão reprodutor feminino, símbolo da fertilidade, e, simbolicamente, relacionados ao culto matriarcal da Grande Mãe Terra, que remonta de várias mitologias do chamado Velho Mundo. É bom lembrar que as pedras verdes, como o jade, em países da Ásia e da América Central, assumem a função de verdadeiros amuletos, pelas virtudes espirituais e medicinais que a elas são creditadas. Assim, o muyrakytã em sua forma batraquiana, pode retratar a fertilidade e a anatomia externa do sexo feminino. É também possível que o termo tupi dado ao amuleto seja uma corruptela do termo original, o que ainda não nos é dado conhecer, mas a similaridade com a cultura oriental é inegável.

Havia lido na noite anterior um fato curioso, que chamara a minha atenção. Inquieta, pedi a palavra:

– Professor, fiquei sabendo que a matança de sapo é proibida na Turquia, pois há uma crença de que sua morte provoca chuvas que arrasam as plantações.

– E o que podemos inferir com isso?

– Que a possibilidade de que os povos tenham saído de um só continente existe. Pela natureza semelhante dos mitos e suas representações.

– Exatamente, Yara. Existem alguns pontos comuns entre as mitologias espalhadas pelos diversos cantos da Terra. Bem, turma, por hoje é só. Amanhã, teremos, na sequência, mais informações sobre esse símbolo das mulheres guerreiras, o muyrakytã. Bom almoço e um bom dia a todos vocês.

Não conseguia ocultar minha satisfação. Tive vontade de chorar de alegria. A impressão que tinha era de que aquele presente começava a se expandir, era inesgotável. Onde daria essa história? Parecia que tudo estava interligado com a minha origem, minha vida...

Deixei a faculdade ainda assim, alheia a tudo ao meu redor. Entretida em meus pensamentos, não atentei para as nuvens que se formavam no céu. Somente quando os trovões anunciaram o temporal é que fui me dar conta de que havia caminhado quase quatro quarteirões e que me aproximava de casa. O susto veio seguido da chuva, que arriou fortemente sobre a minha cabeça. Encharcada, alcancei a esquina da rua e deparei-me com a minha mãe, aflita, a me aguardar no portão de casa.

– Filha, ainda bem que você chegou!

– Por quê?

– Uma coisa muito esquisita, muito esquisita. Mas... você está toda molhada. Deixe-me enxugá-la! – disse-me, indo buscar uma toalha.

– Nossa! A senhora está muito nervosa! – comentei, abraçando-a até à cozinha. – Beba um pouco d'água e me conte o que aconteceu.

– Uma mulher muito estranha esteve aqui, hoje. Deixou algo para você. E, olhando-me firmemente nos olhos, ela me disse:

– Minha filha, o que você anda fazendo? Aquela mulher parece uma feiticeira!

– Calma, mamãe! O que foi que ela deixou?

– Aquele embrulho, ali. – apontou assustada para o canto da mesa, onde estava a encomenda. Embora mamãe fosse uma mulher forte, que raramente se deixava impressionar por alguma coisa, naquele dia algo a perturbou. Não exatamente a mulher,

talvez a forma misteriosa com que fora abordada, pedindo-lhe que entregasse à filha o embrulho e falando pouco.

Sentei-me à mesa, apanhei a encomenda e comecei a rasgar o papel que a embrulhava. Mamãe me olhava, nervosa. Dentro do pequeno pacote havia um machado de pedra muito pequeno e um envelope que resolvi guardar para abrir depois, evitando que minha mãe viesse a se assustar ainda mais. Ela, no entanto, insistiu:

– Você não vai me mostrar o que tem dentro dele?

– Não! Por enquanto, não! Só lhe peço que não se preocupe. Faz parte dos estudos que estamos realizando na faculdade.

Ela suspirou, aliviada.

– Ah! Sim. Ainda bem! Mas tome cuidado, filha! Ela disse que era de Faro, e Faro é terra de feitiçaria.

Ao dizer estas palavras, minha mãe deu-me as costas e deixou-me sentada à mesa, por uns instantes, pensativa. Mais uma vez, o enigma. E minha mãe, do que tinha medo? Resolvi levantar-me para ler a mensagem no quarto.

Quando abri o envelope, mal consegui conter a admiração. Deixei-me cair sobre a cama com o machado e o mapa entre as mãos e fiquei a olhar, incrédula, para os dois símbolos da existência daquelas mulheres míticas. Era um mapa antigo da região onde habitaram as ykamiabas, ao longo do rio Nhamundá. Apesar de reconhecer a importância que tinha aquele papel, não sabia o que fazer com ele. Motivada pela vontade de desvendar o mistério que se interpunha em meu caminho, não tinha a mínima ideia de como proceder, como me situar. Permaneci deitada na cama, a olhar para o mapa e o machado, sem medir o tempo. Mas reagi a essa nova surpresa e, mesmo sem entender, ainda, o que significavam todos aqueles acontecimentos, resolvi ligar para o professor:

– Tenho mais informações.

– Quais?

– Acabo de receber outro presente: um mapa antigo da região das ykamiabas e um pequeno machado de pedra. Quero mostrá-los a você.

– Fique tranquila! Leve amanhã o mapa e o machado. Depois da aula, conversaremos.

– Está bem! – respondi-lhe, decepcionada. Esperava que o professor ficasse tão animado quanto eu havia ficado e me ajudasse a entender rapidamente o que estava acontecendo. Tentei controlar a ansiedade, ouvindo música. Não consegui. Passei o resto da tarde pensando no porquê da estranha mulher ter-me levado o mapa de localização do território das ykamiabas. No dia seguinte, lá estava eu, bem cedo, junto aos colegas de classe, à espera da aula do professor.

Benjamim é um mestre e tanto, pensava. Diferente da grande maioria, ele se interessa pela pesquisa. Mas por que este assunto lhe aguça especialmente a curiosidade e o estimula a preparar aulas tão interessantes para os seus alunos? Decerto é um homem generoso, concluía, enquanto aguardava a sua chegada.

Quando Benjamim chegou, encontrou um clima de suspense na sala. A turma, em silêncio, esperava a sua entrada com ansiedade. Sorriu, ao perceber a expectativa que despertara nos alunos. E resolveu estimulá-los com uma brincadeira.

– Posso entender esse silêncio que se estende entre vocês como um sinal de protesto! – provocou. Se assim for, não se preocupem. Podemos trocar o assunto.

– Não! – gritaram todos.

– Estão dispostos a continuar?

Aplaudimos, entre gritos e assobios, dando a entender ao professor que ele poderia continuar com as palestras; mais que isso: transmitimos a ele o nosso grande interesse pelo assunto. Mais meu, na verdade, mas também de meus colegas. O professor pediu silêncio.

– Na aula de hoje vamos conhecer um pouco sobre o símbolo das mulheres guerreiras. Ontem, ficamos sabendo que elas chegaram à América do Sul, junto a outros povos, com certa independência. Hoje, nós vamos conhecer como essa independência modelou a sua personalidade e caracterizou o comportamento delas através de um símbolo.

Benjamim dava início à sua segunda palestra, explorando os conceitos que definiam as mulheres guerreiras enquanto nação independente que influenciava os povos da região. A confecção artesanal do amuleto seria peça importante para a comprovação da sua existência em terras amazônicas.

CAPÍTULO III

O MUYRAKYTÃ

Cada imagem primitiva traz consigo uma
mensagem de importância direta para a
condição da humanidade, porque a imagem
revela aspectos da suprema realidade que
de outro modo seriam inacessíveis.

MIRCEA ELIADE

O muyrakytã atravessou o Oceano Pacífico no pescoço das karaybas, denominadas ykamiabas – aquelas que não têm seio ou leite. Essas mulheres independentes chegaram às costas da Califórnia, atravessaram o México e estenderam-se da América Central até o Amazonas, pela região das cabeceiras, no Peru.

Seu comportamento independente, longe de despertar uma relação arredia por parte dos povos já instalados na região, era aceito com naturalidade, pois, naquele momento, as mulheres exerciam papel significativo e ocupavam posição de destaque junto aos homens de vários grupos.

A ausência de vocação maternal era traço marcante na personalidade dessas guerreiras – um estigma que as ykamiabas carregavam pela determinação e pela independência com que delineavam seu comportamento.

O amuleto, trazido ao pescoço, era o distintivo de sua cultura. Representava o poder feminino da criação. Com ele, elas acreditavam possuir a força necessária para vencer as dificuldades e enfrentar os desafios que comumente eram postos à sua frente.

O termo muyrakytã é uma adaptação da língua tupi, posterior à conquista da Amazônia. A grafia do vocábulo decorre de corruptelas de missionários e cientistas, cujas tentativas são ‘nó de pau’, ‘pedra verde do rio’, ‘pedra de chefe’, ‘botão de gente’ e ‘pedra de gente’.

Muito se tem falado sobre a origem asiática dos muyrakytãs. Segundo alguns autores, inicialmente, eles teriam sido confeccionados com nefrite, uma rocha trazida do “velho mundo”, e, aqui, em atrito com outra rocha de nefrite, ganhavam o tamanho e a forma desejados. Como a nefrite, o jade, passou a ser apreciado na confecção dos muyrakytãs. O interessante é que, durante muito tempo, assim como a nefrite era utilizada contra as dores renais, nefríticas (daí, a derivação), o jade também o era na prevenção contra vários males, desde o controle da ciática, envenenamentos, infecções e, até mesmo, no combate à solidão e à ruína. Tratava-se, portanto, de duas pedras utilizadas como amuleto de proteção contra as forças incontrolláveis da natureza, consideradas como “pedra da sorte”, ou “pedra da imortalidade”, que possuíam função medicinal e religiosa.

Com o tempo, os muyrakytãs passaram a ser confeccionados com material local, como um “certo barro verde”, encontrado numa localidade do baixo Amazonas, que era apanhado pelas ykamiabas no fundo de um lago e, em contato com o ar, endurecia, possibilitando o trabalho dos contornos do objeto, conforme veremos, mais tarde.

Depois de sólidos, os muyrakytãs eram, então, lavados na corrente d’água para auxiliar no ajuste dos contornos. A partir daí, tinham início a escultura e a perfuração das peças, um trabalho artesanal que durava dias...

Para confeccionar os muyrakytãs, as ykamiabas utilizavam serras, pedras e raspadores, objetos por elas criados, com os quais produziam verdadeiras obras de arte. Com esses instrumentos, elas limpavam o mineral e davam-lhe as formas desejadas, valendo-se, para isso, de muita água e areia. Os canais de passagem para os cordéis de suspensão eram marcados com um objeto pontiagudo, geralmente ossos de animais ou pedaços de minerais ou rochas.

A confecção dos muyrakytãs começava com a escolha da forma do amuleto, geralmente um sapo ou uma rã, os mais comuns, embora também o fizessem em forma de tartaruga e peixe. Escolhida a forma, as ykamiabas se empenhavam nesse magnífico trabalho que encantava quem já o conhecia e despertava a curiosidade daqueles que dele tinham ouvido falar.

A pedra verde tornou-se conhecida do Amazonas ao Orenoco. Sua influência percorreu os rios Negro, Branco e afluentes, como o Waupez, provocando alterações no

comportamento dos seus portadores. Esses são alguns aspectos da força e magia do muyrakytã, símbolo das mitológicas guerreiras e peça importante na discussão sobre a sua existência em terras amazônicas.

Quando Benjamim terminou de falar, os colegas de classe já estavam preparados para crivá-lo de perguntas. A primeira veio de um jovem e tímido rapaz, que tinha interesse em desfazer uma dúvida que, por sinal, até hoje motiva estudos de muitos pesquisadores.

– Qual, na verdade, era o material empregado na confecção dos muyrakytãs?

Interessado pela questão, Benjamim aproveitou a oportunidade para expor seu ponto de vista:

– Há uma discussão sobre a origem da rocha utilizada para confeccionar os muyrakytãs. João Barbosa Rodrigues, nosso estudioso da Amazônia, responsável pela catalogação dos mitos que envolvem as ykamiabas, classificou-a como nefrite, que seria proveniente do planalto asiático. Mas, segundo o mito e através de diversas pedras encontradas na região, as guerreiras utilizavam o material de que dispunham para a sua confecção, desde o barro que seria extraído das águas, até as rochas conhecidas como pedras verdes, que, àquela altura, existiam em grande quantidade na área onde residiam.

– Você falou que o jade era empregado na confecção dos muyrakytãs. Qual a veracidade desta afirmação?

– Na literatura geral, jade corresponde a um material esverdeado, microfibroso e duro, visto mais como uma rocha do que um mineral, porém em termos mais genéricos designa dois minerais: a jadeíta e a nefrita, ou nefrite. A jadeíta é um piroxênio de sódio e alumínio que se apresenta quase em todas as cores. A verde translúcida, aparentemente, é a mais comum nos muyrakytãs. A nefrite, por sua vez, não mais corresponde a um mineral. É um termo que, por muito tempo, foi utilizado para designar um anfíbio de cálcio, magnésio e ferro, que se apresenta em quase todas as cores e ocorre, com frequência, nos calcários dolomíticos cristalinos impuros. Em geral,

é constituída de tremolita e actinolita. Aliás, pesquisas científicas, realizadas em peças⁹ de museus do Pará e São Paulo, tentam refutar a origem asiática dos muyrakytãs. Artefatos como os muyrakytãs, encontrados no baixo Amazonas, apresentam-se em nefrite, talco, amazonita, serpentina e até em ametista, turquesa e outros semipreciosos.

– Isso dá muito “pano pra mangas”. – observou um dos alunos.

– Com certeza! Mas falta muito, ainda, para se negar ou confirmar a relação histórica do mito com o Velho Mundo.

– Os muyrakytãs eram todos verdes? – perguntou outro aluno.

– A cor que predomina é o verde, porém de vários matizes, desde o branco ao esverdeado, verde-amarelado, azeitonado, leitoso, até mesmo o verde-escuro, quase preto. São mais comuns os de tonalidade verde-clara, com detalhes ligeiramente escuros, como é a característica do jade, que tem a cor mais apreciada.

– Você disse que o jade tem valor terapêutico...

– Essa afirmação se baseia no fato de que, na China, as pedras de cor verde, principalmente o jade, eram usadas na cura de doenças e tinham propriedades medicinais.

Concluídas as explicações, o professor prometeu nos falar na aula seguinte sobre a vida das ykamiabas junto aos outros povos amazônicos. Os colegas deram-se por satisfeitos e a aula foi encerrada. Apenas eu permaneci na sala para conversar com o professor e mostrar-lhe o mapa que havia recebido da misteriosa figura de Faro. Contei-lhe sobre as impressões de minha mãe sobre a tal senhora, segundo ela, uma mulher muito estranha.

– Com este mapa, é possível se chegar até lá... – disse-me o professor, arriscando, indiretamente, um convite. Como eu nada respondesse, ele sugeriu:

– Vamos?

– Até o local onde elas teriam habitado?

– Sim!

⁹ Ricas em tremolita e actinolita, procedentes da região do baixo Amazonas

– Como?

– Não será difícil. A partir da aula que teremos ainda nesta semana, você obterá informações sobre a sua localização.

– Quando poderíamos ir?

– Podemos combinar... deixe-me ver... estamos em abril... Um bom período seria durante o recesso das aulas, em junho. Poderíamos ir de barco a Nhamundá e a Faro, de onde faríamos o percurso até o local indicado no mapa. Que tal?

– Topo!

– Vamos, então?

– Combinado!

– Yara, preciso sair, agora. Depois, voltaremos a conversar sobre este assunto.

– Professor!

– O que é?

– Obrigada por tudo!

– Não há de quê, Yara. Estamos juntos nesta aventura! – disse o professor, esboçando um largo sorriso.

CAPÍTULO IV

AS GUERREIRAS E SEUS VIZINHOS

O céu santo vive na embriaguez de
penetrar o corpo da Terra.

NAUCK

Aumentava a nossa expectativa quanto à chegada do professor Benjamim, que havia prometido naquela aula apresentar mais informações a respeito do dia a dia das ykamiabas e seus vizinhos. Seriam postos a descoberto os caminhos percorridos pelas guerreiras em terras amazônicas. Assim que chegou, afixou à parede da sala um mapa onde se achavam documentadas cerca de 1.400 tribos do Brasil.

– Na aula de hoje, vamos conhecer como as ykamiabas se instalaram pela região, descendo pelos rios amazônicos.

Nossa curiosidade crescia à medida que ele ia retirando da pasta alguns instrumentos para fazer com que visualizássemos melhor o mapa, e percorrêssemos os caminhos que seriam postos a descoberto, enquanto a história se desenrolava. Estava iniciando a terceira palestra sobre as mulheres guerreiras.

As portadoras dos muyrakytãs entraram no rio Amazonas provavelmente pelo Içá, Napo, Negro e Japurá, de acordo com a chegada dos primeiros karas. Alguns viajantes deixaram registrado que, durante muito tempo, elas foram vistas descendo e subindo esses rios, portando objetos de rituais e adornos. Essa rotina diária permaneceu até o dia em que elas resolveram se estabelecer no lugar que se tornaria conhecido por “monte das mulheres” ou “monte escondido dos homens”. Ao trocarem as terras do alto rio Negro pelos rios Nhamundá e Trombetas e abandonarem seus respectivos maridos, as ykamiabas passaram a ser chamadas de “mulheres sem marido”.

O local que as guerreiras escolheram como morada ficava muito abaixo do grande rio Amazonas. Chamava-se Kondury¹⁰, o mesmo Nhamundá, um rio de beleza singular, entrecortado por grandes montes e serras, cognominado, ainda, de Kumiru, Kuniry ou Kamury.

Nas suas proximidades, outro rio com origem semelhante – Kanury ou Kamuru – emprestava nome a uma tribo vizinha da região das guerreiras. A convivência entre as ykamiabas e seus vizinhos era boa. Costumavam ajudar-se mutuamente em tempos de conflito ou invasão.

Os vizinhos não interferiam na maneira de viver um do outro, exceto em áreas um pouco mais afastadas, de onde as ykamiabas haviam fugido. Lá, o poder masculino tentava sobrepujar, com novas leis e conceitos, a prática do xamanismo exercida pelas mulheres.

Comentava-se a essa altura, em toda a região, que, em muitas tribos, os homens não deixavam mais as mulheres tocar os instrumentos de sopro e que, em alguns povoados, nem mesmo lhes era permitido ouvir o som da flauta. Tal proibição começava a ser vista com muito temor pelas mulheres, menos pelas ykamiabas, que, a despeito das novas leis, continuavam a realizar seus rituais e a tocar os instrumentos sagrados como se nada houvesse acontecido.

Na área habitada pelas ykamiabas, o assunto costumava ser comentado, mas não alterava, ainda, o comportamento dos homens, que continuavam a privilegiar as mulheres e não se incomodavam com a realização de seus rituais de expiação, fertilidade e acasalamento. A alguns, inclusive, era reservado o direito de participar ativamente de um desses rituais, denominado de “encontro anual”.

Esse último evento era reservado às povoações vizinhas das ykamiabas, embora não tão próximas, pois o curso dos rios entre essas costumava ser vencido em vários dias. Na maioria das vezes, essa distância não constituía um empecilho para se visitarem. Pelo contrário, muitos grupos que mantinham relações cordiais, costumavam estabelecer trocas, vencendo longas distâncias.

¹⁰ Cunury. “Cunáh-r-y”, rio das mulheres em língua tupi.

Essas povoações eram ocupadas pelos Aruaks, Apotós, Pariquis, Tagaris e Guacarás. As ykamiabas mantinham perante toda a vizinhança a tradição trazida da Ásia pelos Karas: independência, ousadia, coragem e determinação.

Os Aruaks habitavam a região do rio Içana e seus afluentes, até os rios Aneune e Hiauapiri, de onde proveio, mais tarde, a população do Jaú. Eram guerreiros antropófagos e excelentes ceramistas. Supõe-se que fossem conhecedores dos símbolos yang e yin chineses, pelas transcrições e desenhos encontrados em urnas mortuárias na área de São José do Amatary, nas proximidades do atual município de Itacoatiara. Com essa nação e a Tarumã, foi fundada a primeira povoação do rio Quiari, nas imediações do Ayari.

Os Pariquis eram a nação indígena da Guiana, que habitava o rio Uatumã, de onde se formou, depois, a população de Itacoatiara. Eram belos guerreiros, mas muito bravos e intratáveis. Costumavam aparecer no rio Quiari pelo rio Uacriau, em frente de Jaú e agredir as embarcações e plantações. Quando pequenos, costumavam enfaixar as pernas numa largura de três dedos, para mais tarde se distinguirem com uma coloração mais clara do que o resto do corpo.

Na boca do rio Paraná-Guassu, seguindo o seu afluente Kondury, estavam localizadas as terras dos Apantos, dos Tagaris e dos Guacarás ou Guacaris. Os Apotós habitavam o rio Kondury, e, mais para dentro, estavam os Tagaris.

Os Guacaris ou Guacarás eram os galantes visitantes das ykamiabas. Também no rio Kondury, numa área um pouco mais distante da sua foz, povoavam montes de prodigiosas alturas, vulgarmente chamados de Cordilheira Guiana, hoje interior da região do atual Estado de Roraima.

Esse panorama, num determinado momento vivido pelos povos da região, nos permite traçar o perfil do ambiente sociocultural e definir algumas características que lhe são peculiares – disse-nos o professor, após a palestra. Sentado em uma cadeira, ao lado do mapa que afixara à parede, ele observava cada um de nós, como a esperar uma provocação. E ela não demorou a surgir:

– Professor, onde termina o mito e começa a história, ou vice-versa? – reclamava um dos alunos, após a sua explanação.

– Vejam bem: vocês estão diante de uma minúscula parte do que representa a história dos povos dessa região. Vocês não têm ideia de quantos milhares de índios habitavam essa terra há poucos séculos.

– Sim, mas onde entram as ykamiabas nesta história?

– As ykamiabas são uma pequena parte desse universo de culturas que povoaram, durante milênios, a Amazônia. Sua história, intrinsecamente ligada ao mito, como já vimos, começa no alto rio Negro, com os primeiros povos e se estende, posteriormente, até o baixo Amazonas.

– Esses povos que você citou durante a sua palestra existiram mesmo? – insistia o aluno.

– Claro, inclusive a tribo Kondury, das mitológicas guerreiras. E estão todos contidos neste mapa que vocês observam aqui à parede – o professor apontava para a região das ykamiabas, situada no mapa. Aqui estão catalogadas tribos atuais e tribos extintas. Foi um trabalho minucioso de Curt Nimuendaju, um dos maiores conhecedores das tribos do Brasil. Vejam, venham até aqui – o professor nos mostrava no detalhe do mapa a área de localização das tribos mencionadas durante a palestra: Aruak, Tagari, Guacará, Apotó, todas citadas no ciclo mitológico das ykamiabas, por Barbosa Rodrigues.

– Fantástico, professor, fantástico! – vibravam os alunos.

Animados, todos queriam conferir o que Benjamim acabara de relatar.

– Venham! Venham todos, para ver mais de perto! – tornava a nos convidar. Observem, no detalhe do grande mapa, a localização das tribos mencionadas.

Um a um, os alunos se aproximaram do mapa, onde constataram a veracidade da informação. Eu também me levantei e passei por Benjamim, dirigindo-lhe um olhar de suspeita e cumplicidade. O professor continuava:

– Extraídos dos ciclos mitológicos das ykamiabas, todos esses povos estão inseridos no mapa etno-histórico de Curt Nimuendaju.

– E quem é esse Curt Nimuendaju, afinal?

– A pergunta veio em boa hora. – respondeu o professor. Curt Nimuendaju, Enkel, por nascimento, foi um alemão nascido em Jena, no ano de 1883, que veio para o Brasil aos 20 anos de idade e passou a viver no meio dos índios, onde conheceu o idioma tupi-guarani. O nome Nimuendaju, que significa “o ser que cria ou faz o seu próprio lar”, foi-lhe dado por um pajé. Pois bem, esse aprendiz de mecânico – era essa a sua profissão, em Jena – se transformou num pesquisador apaixonado pela cultura indígena. Com a habilidade de um grande artesão, teve o cuidado de registrar traço a traço em papel *conson*, neste mapa que vocês estão vendo afixado à parede, as tribos do Brasil, tarefa extremamente difícil, principalmente para aquela época. Este mapa é uma das versões que foram editadas e é a mais completa, com 972 referências bibliográficas. É considerado pelos nossos mais eminentes cientistas sociais o maior documento etnográfico brasileiro.

– Ele deve ter tido um amor muito grande pelo Brasil indígena, não é mesmo, professor? – comentou um dos alunos.

– Com certeza! Nimuendaju conviveu com muitas tribos no Brasil, incluindo os Tikunas, na Amazônia, para onde voltou, ao final da sua vida, em 1945, imbuído do desejo de continuar as histórias que havia começado a escrever sobre esse povo com o qual tanto se identificava. Mas faleceu, sem conseguir concluir o projeto.

– Professor, como podemos afirmar que os Aruaks foram os primeiros habitantes da Amazônia?

– O povo Aruak é um dos mais antigos da Amazônia, e veio do norte, em sucessivas ondas migratórias. Provavelmente, do seu centro de dispersão do alto Orenoco e rio Guainia¹¹. Durante a descoberta da América, os Aruaks formaram o grande reino dos Aruaquises e tinham uma das culturas mais desenvolvidas da floresta tropical: usavam a zarabatana e viviam à margem dos grandes rios e igarapés navegáveis. Foram desalojados pelos Tukanos, numa segunda onda migratória, dessa vez vinda do oeste. Os Aruaks chegaram a ocupar a metade ocidental da bacia amazônica, a oeste do Rio Negro e do Madeira, a bacia do Orenoco e o litoral das Guianas até a Ilha de Marajó. Seus remanescentes foram os Barés, Manáos, Warekênas e os Baniwas, entre outros.

¹¹ Venezuela e Colômbia.

- Quanta informação, hein, professor?
- De fato. E parte dessas informações foi descrita por Nimuendaju para expor toda a onda migratória que desencadeou a expansão dos primeiros povos na Amazônia e a consequente cultura cabocla do rio Negro.
- Eu não imaginava que aqui no Amazonas existisse uma história tão antiga. – revelou uma das alunas.
- É antiga mesmo! Ainda há muito do nosso passado a ser descoberto. Tanto que a cada momento se descobrem mais coisas. Vocês não fazem ideia da fabulosa riqueza que é a cultura dos povos amazônicos.
- Professor, e esses nomes indígenas para os rios, como o de Paraná-Guassu?
- Esse é o nome primitivo do rio Amazonas. Kayari é Waupez e Ayari é Içana. Assim como Kondury, ou Kunury é Nhamundá, certo?
- Certo! Mas também é o nome da tribo das mulheres guerreiras.
- Exatamente! O rio Nhamundá, cuja grafia também é Jamundá, ou Yamundá, é o mesmo rio Kunury das mulheres guerreiras. Seus primeiros habitantes foram os povos de língua karib, os Xauianás e Piranyas, seguidos dos Uabuís ou Uaboís, Kondurys, ou Kunurys e Guacaris ou Guacarás, na região do Nhamundá, como já vimos. Seus vizinhos, no rio Trombetas, foram os Kaxuianas, Pauxis e Piana-kotós. Hoje, grande parte daquela região é habitada pelos Hixkarianas.
- Professor, por que tantos nomes semelhantes para uma mesma tribo ou lugar?
- Bem, isso se deve à maneira pela qual as informações vão sendo repassadas, via comunicação oral. Com o tempo, a pronúncia vai se deturpando, se corrompendo...
- Quando Nhamundá virou município? – perguntou um dos alunos. O professor olhou-me como a pedir que falasse sobre a minha terra. O que eu poderia falar se restringia a algumas datas históricas e foi o que fiz.

– Nhamundá chegou a categoria de vila, em 1758. Em 1911, apareceu como um distrito de Parintins, conhecido como “Ilha das Cotias”, do qual foi desmembrado em 1955, passando a constituir um município autônomo.

O professor prosseguiu com as explicações, comentando sobre Jurupari, personagem central das histórias dos povos indígenas da região do alto rio Negro:

– Esse herói lendário, conhecido por toda a região amazônica como “o novo legislador”, vai exercer papel fundamental no período da colonização amazônica e influenciar o comportamento dos indígenas da região, travando larga batalha com a tribo das mulheres guerreiras.

Após a aula, encontrei-me com o professor na cantina da faculdade.

– Não pensei obter tantas informações a respeito das ykamiabas em tão pouco tempo.

– Essa história é como uma colcha de retalhos, todos já se expressaram um pouco a respeito do assunto. Falta alguém para juntar essas informações contidas na história, no mito, nas descrições geográficas, nos achados arqueológicos, enfim. Alguém que não tenha vergonha de juntar todas as peças e montar esse quebra-cabeça.

E, olhando-me profundamente nos olhos, prosseguiu:

– O mito das mulheres guerreiras está a reclamar de todos nós um mergulho profundo.

– Será que algum dia isso vai ser possível?

– Já está sendo possível.

– Como assim?

Apesar de não saber exatamente o que dizia o professor, senti um forte arrepio a indicar-me um envolvimento maior com aquela situação. Ele continuou:

– Você não está percebendo que estamos mergulhando nas profundezas do mito?

– Só sei que toda esta história me parece fascinante! – respondi, entusiasmada.

– Então, deixe-se levar por ela.

– Não é tão simples assim!

– Faça com que seja! As coisas são simples, como num sonho. Nós é que costumamos complicá-las, porque não acreditamos no sonho, na possibilidade de que tudo pode acontecer.

Eu estava extremamente impressionada com o que o professor havia levantado sobre as mulheres guerreiras, pois até então tudo era mito. As suas palestras haviam se constituído em informações preciosas para a continuidade das nossas pesquisas. Entretanto, algo me incomodava sobremaneira, e seu demasiado interesse pelo assunto mexia comigo. O que, na verdade, ele procurava? Intrigava-me o fato de que outros temas poderiam ocupar-lhe o tempo, não essa investigação em particular. Haveria outra intenção por detrás de todo esse interesse? Se havia, eu estava tão orgulhosa pelos passos que conseguíramos dar na investigação, que omiti qualquer comentário que porventura viesse fazer a respeito da minha observação. Mas perguntei:

– Você acredita que conseguiremos descobrir a chave desse mistério?

– Já temos várias pistas. Resta-nos começar a persegui-las. E, em tom decidido, ele me disse:

– Você vai escrever essa história!

– O quê? Eu? – questionei, com surpresa. O professor, finalmente soltava num fôlego só, o que pensava sobre a nossa investigação. Contive o engasgo, quando ele ratificou o que havia dito.

– Sim! Você é a pessoa certa para descobrir a chave desse enigma.

– Não! Eu não conseguiria...

– Tente! Deixe a história invadir o seu inconsciente. Procure vivê-la como ela se apresenta a você.

O professor parecia muito tranquilo sobre a responsabilidade que colocava nas minhas mãos. Mas eu não! Eu tinha muitas dúvidas, muitas indagações... Não poderia iniciar um projeto desses sem me sentir preparada para tal. Enquanto ele sorria, numa intencional despreocupação, eu quase sussurrava:

- Acho que nunca conseguirei...
- Não diga nunca! – ele rebateu.
- Por quê?
- Porque o nunca inexistente! Tudo existe e tudo pode ser possível!
- Você acredita mesmo ser possível descobrir o mito através da história?
- Sinceramente? Acredito!
- Acho que somos dois loucos.
- Loucos ou não, vamos satisfazer a vontade das guerreiras. Vamos retirá-las das entranhas da terra, onde adormecem e dar-lhes vida. O que acha?
- Sair daqui, de onde chegaram para o lugar de onde partiram?
- De onde chegaram para onde partiram! – repetiu o professor. Ou, mais precisamente, reforçar o conselho que veio da Capadócia: investigar o mito.

Tudo o que fora dito por Benjamim ficara-me na memória. Ao chegar em casa, cumprimentei rapidamente minha mãe e entrei em meu quarto. Retirei da estante alguns livros e coloquei-os em cima da escrivaninha. Após um rápido banho, sentei-me à mesa para almoçar. Mal consegui colocar algumas colheres de comida à boca, quando uma vontade repentina de escrever fez com que me retirasse da mesa.

- Desculpe-me, mamãe, mas estou sem fome.
- Tome, ao menos, o suco.
- Está bem! – respondi, levando o suco para o quarto.

Durante muitos dias, segui uma rotina de trabalho: da faculdade para o quarto, do quarto para a faculdade, levada pelo desejo de encontrar as informações que

pudessem ajudar-me na investigação do mito. Minha mãe começava a se preocupar seriamente com a minha saúde. O tempo em que permanecia em casa era aproveitado com leituras e anotações. Ela não entendia a razão que me levava a agir assim. Depois de algumas semanas, finalmente, decidi parar. Não toquei num único livro ou escrevi durante vários dias. Até que, ao retornar da faculdade num final de manhã chuvoso, bastante motivada, depois de almoçar em sua companhia, coloquei sobre a mesa do computador todo o material que acreditava ser importante para possíveis consultas, como sempre fazia quando iniciava algum trabalho, e pus-me a escrever, de maneira emocionada e exaustiva, a história sobre as mulheres guerreiras.

CAPÍTULO V

O LAGO YACY-UARUÁ

Agora todas as pragas que no ténue
ar são destino das falhas dos
homens revelam-se em suas filhas.

SHAKESPEARE

Foi assim com os povos da terra, num período que remonta à mais longínqua antiguidade de que se tem notícia: os seres humanos, buscando entender a sua existência, enalteceram a terra, os astros, os rios, as estrelas, os peixes e os animais, enquanto divindades.

A terra foi a primeira divindade que o ser humano enalteceu. Ao perceber que dela nascia e florescia a vida, passou a endeusá-la. Depois, observando à sua volta, notou que a noite fazia o dia nascer novamente e que, conforme os dias iam se passando, as plantas, as pessoas e os bichos tomavam uma forma diferente.

O movimento constante do grande astro no espaço o incomodava, e ele passou a perceber uma forte influência desse astro sobre a vida na terra. Surgia, então, o culto à Lua, como um desdobramento do culto à Mãe Terra.

Aqui começa a ser contada uma história que teve origem há milhares de anos entre as civilizações que habitaram o Oriente Próximo, ao redor do Mar Mediterrâneo. Uma história revelada pelo mito que atravessou as fronteiras geográficas e alcançou as densas florestas e extensos rios amazônicos para ser vivenciada num culto de natureza feminina de amor à terra, pelas seguidoras da Deusa Mãe, as filhas da Lua, as mulheres guerreiras do vale do Paraná-Guassu.

Numa região entrecortada por serras de magnífica altura, conhecida como Kurumu¹², muitas mulheres costumavam prestar reverências àquela que acreditavam possuir os poderes mágicos de criação da vida.

¹² Estrela das Águas

Eram as ykamiabas, “aquelas que não têm seio ou leite”, assim definidas pela forma de viver, independentes. Essas mulheres deixaram muitas histórias vividas em comum com os “filhos do sol”, na Serra do Tunuí, e passaram a morar sem maridos, na Serra da Lua, onde marcaram sua existência num convívio essencialmente feminino. Extremamente fortes e ousadas, as ykamiabas permitiam-se viver sem homens, apesar do apelo de Jurupari ter se espalhado por todos os cantos da floresta.

A Lua é a entidade com a qual se identificavam, pois entendiam ser esse astro a manifestação dos desejos da Deusa Mãe. Para elas, a lua fecundava a terra porque detinha o poder da vida. As ykamiabas tinham nesse elemento da natureza a expressão do seu mito de criação. Dessa forma, não faltavam ocasiões para que dedicassem seus esforços àquela que tinha poderes para fortalecê-las. Quando festejavam a lua, as ykamiabas recebiam energia para empreender suas realizações.

E o cenário não poderia deixar de ser o lago mítico onde a lua se espelhava para se aproximar da terra, tornando possível essa união.

Revivamos esse encontro:

É noite de lua nova na floresta. As ykamiabas aproximam-se do lago sagrado para mais um dia da “Festa da Vitória”. Elas assim o festejam, após dias de expiação e jejum¹³, num lago de especial importância, localizado no Monte Yacy-Taperê, ou Serra da Lua.

A “Festa da Vitória” ocorre anualmente, após o término do primeiro ciclo menstrual das adolescentes debutantes. Dela participam, além da morubixaba¹⁴ da tribo, as avós, todas as jovens guerreiras e as iniciadas.

Em procissão, e carregando potes cheios de perfume, elas descem a colina e abaixam-se, aos bandos, para as margens do lago Yacy-Uaruá, o Lago Espelho da Lua. À frente, vão as avós. Vestidas com máscaras feitas com pele de macacos e portando tambores, elas se posicionam ao redor do lago. Em seguida, desce Naruna, a guerreira chefe, imponente em seu traje de gala. Com vários colares em volta do pescoço, Naruna veste uma tanga enfeitada com miçangas e usa um grande cocar. Em seus 50 anos é ainda uma forte e elegante mulher. Para às margens do lago. Os tambores começam a

¹³ Purificação para enaltecer a divindade

¹⁴ Chefe (a) da tribo

entoar as canções que marcam o início da cerimônia de preparação para a vida adulta das jovens guerreiras. Uma fina luz atravessa o lago. É o sinal para que as ykamiabas adolescentes desçam. Então, como acontece anualmente, uma de cada vez vai descendo a colina para receber de Naruna autorização para entrar no lago.

É meia-noite. As ykamiabas derramam seus potes perfumados na água, para purificá-la. Essa festa, consagrada à lua, chamada Yacinorá, tem a característica da força e da renovação. A partir dela, as ykamiabas tornam-se dispostas a dar andamento aos seus projetos.

A primeira a mergulhar é Naruna. Ela vai até o fundo e leva a primeira iniciada consigo. Em seguida, retorna sozinha. Depois de alguns instantes, a adolescente emerge das águas com um punhado do barro verde nas mãos, retirado do fundo do lago.

Logo após o mergulho de Naruna, as jovens ykamiabas que foram iniciadas no ano anterior levam, uma de cada vez, as debutantes até o fundo das águas. As iniciadas devem penetrar no lago até encontrar um pequeno orifício, de onde retiram o barro com o qual vão confeccionar os seus muyrakytãs. Geralmente elas voltam com as mãos e os braços arranhados ou feridos pelas raízes da grande árvore que se estende até o fundo do lago.

Quando as ykamiabas penetram no lago, a música começa a ser cantada:

Na lua nova
trago vida livre
para que a tua luz
assim a possa conservar

Trago nas mãos
a força do tempo
rasgada das entranhas
da Terra Mãe

É lua nova
e nós mergulhamos
nas águas lustrais
de Yacy-uaruá

As flores da luz
abrem-se para a noite
São como orquídeas
ao encontro da luz

Depois que todas cumprem o ritual, a música e os tambores silenciam... As avós entram no lago e, junto às demais guerreiras, participam da festa, banhando e purificando seus corpos durante toda a noite. Até que a mãe dos muyrakytãs, das pedras verdes como a floresta, que no fundo do lago habita, atendendo aos apelos, aparece sobre o sabá noturno para trazer a boa-nova às mulheres guerreiras do lago sagrado.

No centro do lago está o reflexo da lua nova. Vem prateando, levemente, a madrugada. As ykamiabas não resistem ao seu fascínio e mergulham por diversas vezes, erguendo os braços para enaltecer a divindade:

– Oh Mãe dos muyrakytãs
Deita-te sobre o espelho da lua
Onde nós, tuas filhas,
nos revigoramos para a luta

Uma corrente de luz penetra nas águas. A lua nova deita-se como por encanto no lago. As ykamiabas agradecem à mãe dos muyrakytãs os talismãs que representam a força, a saúde e o poder:

– Yacy... Que refletis

sobre nossos corpos

Somos, agora, o teu espelho

a mirar dentro de ti!

Nesse momento, a lua projeta uma singela luminosidade sobre a área do lago. As árvores, a serra, o rio... tudo em volta está iluminado. Novamente, as ykamiabas mergulham na profundidade do lago e, desta vez, são surpreendidas com o amuleto nas mãos da configuração que desejam. O barro é retirado ainda mole, pois vai endurecendo, à medida que é posto em contato com o ar.

– Nessas noites de vitória

Renascemos todas

Somos filhas da lua nova

Da mãe dos muyrakytãs!

O barro da região do Kunury tem a cor verde¹⁵. Os novos muyrakytãs serão retocados no dia seguinte. A cerimônia é encerrada. As ykamiabas retiram-se do lago como entraram, em fila. Sobem a colina, ainda cantando:

– Subimos o Monte Ykamiaba

Após cumprirmos a obrigação

Nossa vitória sobre os homens

Que aprisionam!

O Monte Yacy-Taperê, ou Serra da Lua, começa a receber os primeiros raios do dia. As cunhãs exibem à mãe dos muyrakytãs os seus amuletos com as mais variadas formas: tartarugas, rãs, peixes...

¹⁵ O ciclo mítico das ykamiabas aponta a confecção dos muyrakytãs com certo “barro verde”, encontrado no Lago Yacy-Uaruá, que, em contato com o ar, endurece. A variedade de rochas utilizada na confecção desses talismãs, entre as quais o feldspato, a amazonite e a jadeíte, remonta épocas anteriores.

– Eis o símbolo da nossa
liberdade
A canção do nosso ventre!
Daqui nascerão
as filhas da terra livre!

...

O professor ficou emocionado. Acabara de ler a recriação do ritual de expiação das ykamiabas. Disse-me que estava expresso poeticamente ali um dos símbolos das mulheres guerreiras: o lago Yacy-Uaruá. Aquilo me fez crer que dava início ao trabalho que me propusera, de reconstruir, através das informações existentes, o mito das ykamiabas.

– A partir de agora, vamos verificar o que podemos fazer para que seja possível dar continuidade a essa história. Para que ela possa se tornar conhecida por todos.

– Mas não temos quase nada, ainda.

– Engano seu. Acabamos de encontrar o caminho.

O professor dizia que o meu texto era o começo da narrativa sobre as ykamiabas, pois abria o caminho para a investigação do mito. E que, ao fazê-lo, dessa forma, ‘especial’ – talvez pelo desejo de dar vida às milenares guerreiras – eu resgatara um pouco de uma essência perdida em cada uma de nós, mulheres, ou seja, a força que se esconde por detrás do feminino.

Havia muito trabalho pela frente. Nada, porém, que me detivesse agora. Nos dias vindouros, a minha atenção estaria inteiramente voltada à pesquisa. Eufórica, adentraria o Departamento de História, trazendo nas mãos mais um capítulo da minha fascinante busca.

CAPÍTULO VI

O MONTE YACY-TAPERÊ

A revolução que nos tornou humanos
resultou das mudanças evolutivas
registradas no organismo da mulher.

JAMAKE HIGHWATER

O dia amanhece. As guerreiras reiniciam suas atividades. O Monte Yacy-Taperê compõe-se de extensas serras batidas pelos ventos, limpo de ervas e escondido dos homens. É o monte das mulheres. Situado à margem direita do rio Kunury, passa a ser conhecido como Monte Ykamiaba.

Uma variedade de palmeiras dá imponência ao lugar. Um cenário não apenas mágico e exuberante, mas de utilidade prática no dia a dia das guerreiras. Em grande quantidade, as paxiúbas, como são conhecidas, além do encanto estético, respondem pela sobrevivência da tribo.

A partir delas, são confeccionados muitos produtos. Das palmas, as ykamiabas constroem o teto de suas casas, com duas entradas: a da frente, a mais importante, que dá para a praça, e a do fundo, considerada menos importante. Também são construídos, com as palmas, fios resistentes para cordas de arcos, tecidos e redes de pesca e dormir.

Do caule, as ykamiabas fazem as paliçadas das casas – o alicerce; da estopa, conhecida como tururi, confeccionam as roupas para o cotidiano e ocasiões de festa; e dos frutos comestíveis, que são muitos, como o tucumã, o caioé, o açai, a bacaba, a pupunha, o buriti e o babaçu, preparam deliciosas bebidas. Enfim, tudo das palmeiras é utilizado.

As guerreiras participam de muitas atividades. Geralmente pela manhã, depois de divididas as tarefas, apenas as avós e as crianças permanecem na aldeia. Além de cuidar das netas, elas são responsáveis pela limpeza de toda área do Monte Yacy-Taperê e respondem por tudo que ocorre na ausência das outras ykamiabas. Em ocasiões especiais, como a manhã que sucede a festa de Yacynorá, a praça central vira uma festa,

com a presença de tantas quantas queiram participar da oficina de confecção e acabamento dos muyrakytãs.

As jovens ykamiabas retocam seus amuletos, retirados do lago na noite anterior. Um momento especial para a tribo, que recebeu da Grande Mãe o presente com sabor de prazer e liberdade. Com os muyrakytãs, elas adquirem o direito de se deitar com os guerreiros que escolherem e a possibilidade real de engravidarem, contribuindo assim para o aumento da população com novas mulheres. As debutantes estão em seus momentos férteis, razão pela qual se preparam para o encontro com os eleitos.

Os muyrakytãs, expostos à luz do sol, aos raios de Coaracy¹⁶, começam a ganhar forma e consistência definitivas. As ykamiabas retocam seus muyrakytãs e cantam:

– A brisa balança as árvores

Cunhã pesca no lago

As águas estão tranquilas

Embalando a paisagem

Uridxantepe

É o monte de nossas tribos

Uridxaniana

É o rio das meninas¹⁷

Enquanto as jovens ykamiabas preparam-se para o primeiro encontro com os guerreiros vizinhos – fato que ocorrerá dentro de alguns dias –, outras mulheres da tribo passam a cuidar de tarefas, como a coleta de tubérculos da roça e frutos do mato, e da caça, esta última destinada a uma equipe diferente a cada dia.

¹⁶ Coaracy, Coracy, sol. Também conhecido como mãe do dia, ou mãe do mundo.

¹⁷ Uridxan-iana: rio da tribo das mulheres; uridixan-tepe: monte da tribo das mulheres (denominação dos índios Pauxi).

Os muyrakytãs logo estarão prontos. O trabalho requer bastante cuidado para que as peças não se quebrem enquanto são confeccionadas.

Entardece, e as ykamiabas que saíram pela manhã retornam à aldeia com os produtos de uma caça gloriosa: tatus, capivaras, patos e uma anta com quase dois metros de comprimento e pesando uns 170 quilos. Ao redor das fogueiras – enquanto preparam um verdadeiro banquete –, elas relembram o passado, quando abandonaram as terras às margens do Ayari, na Serra do Tunuí.

Os Kenukés¹⁸ tentavam impor-lhes novas leis e submetê-las ao seu domínio, desprezando-as por Izi, o Sol.

Loucas de raiva, as adoradoras da Lua abandonaram os seus maridos e fugiram, deixando para trás o passado na terra do Tunuí. Estrangularam todos os curumins, amarrando os cadáveres, ao lado das suas cabeleiras cortadas, em toras de madeira e expostos nos barrancos às margens do rio. Depois, desceram em flotilhas de ubás¹⁹, da foz do rio Quiari²⁰ até o correntoso Kunury, atravessando o grande rio Paraná-Guassu. Havia encontrado o rio das águas claras que lhes escondia a foz.

Sua coragem e determinação levaram-nas à região das serras, para onde foram adentrando em busca de morada. Galgaram uma suave colina, à qual deram o nome de Yacy-Taperê, ou Serra da Lua. Encontraram um grande lago e, pelo que sabemos, o denominaram “Princesa”. Perto dele, acharam um mais lindo, que chamaram de Yacy-Uaruá, Espelho da Lua.

Os Kenukés arrependidos ainda tentaram uma reconciliação, mas as bravas e decididas guerreiras não os aceitaram. Naruna, pela sua coragem e valentia, foi eleita a morubixaba da tribo²¹.

As recordações não são movidas pela saudade, mas pela afirmação dos ideais de coragem, determinação e liberdade que orienta o destino dessas mulheres, atributos que as regem e que foram herdados dos antigos povos que vieram habitar a região. No rio

¹⁸ Nação indígena da qual as guerreiras se segregaram.

¹⁹ Frotas pequenas de embarcações indígenas, sem quilha e sem banco, constituídas de um só lenho, escavadas a fogo, ou de cascas inteiriças de árvore, cujas extremidades são amarradas com cipós.

²⁰ Rio Quiari, Iquiari e também Kuro Sivo. Nomes pelos quais era conhecido o rio Negro.

²¹ Chefe das guerreiras. Também era conhecida por Condori, Conory, ou ainda Conhori.

Kunury, elas são donas dos seus caminhos e estão à vontade para relembrar esses fatos que, até um passado recente, faziam parte da sua vida.

É tarde da noite. Dentro de suas casas, elas se recolhem às suas redes de algodão. O coaxar dos sapos e rãs e a música contínua dos grilos invadem a noite, estendendo-se pela madrugada. O calor das fogueiras acalenta o sono das guerreiras. Grandes pingos de chuva caem sobre a seringueira torrada que, por sua vez, salpica grossas gotas de água nas casas cobertas com folhas de palmeira miriti²². As guerreiras dormem.

²² Buriti.

CAPÍTULO VII

O ENCONTRO ANUAL

Com efeito, o corpo é um e, não obstante, tem muitos membros, mas todos os membros do corpo, apesar de serem muitos, formam um só corpo.

CORÍNTIOS 12:12

Comparava a motivação que experimentava ao escrever sobre as míticas ykamiabas com um mergulho numa vida passada, que bem poderia ser a minha. Dentro do meu mais profundo interior, parecia que resgatava algo adormecido. Algo que, apesar de não compreender inteiramente, dava-me sinais de que aquela história estava relacionada à minha vida.

Às vezes, ficava sem entender por que minha mãe não falava sobre o seu passado, sobre como vim ao mundo e em quais circunstâncias. Esse silêncio me intrigava, porque, apesar do amor que nos unia, desejava descobrir a origem dos meus traços físicos, algumas características peculiares, como a minha pele mais clara, minhas sobrancelhas acentuadas, minha altura, meus cabelos bastante negros e lisos, meus olhos claros e esticados... Uma beleza estranha, antes esquisita para mim. A impressão que eu tinha era de que descendia de orientais.

Não sabia nada sobre meu pai. Acostumara-me a viver unicamente com a minha mãe e lá se vão 20 e tantos anos. Mas minha história sempre esteve ligada às coisas da terra. Aprendera desde a infância, entre os quintais, a conviver com os bichos e com a floresta que aparecia por detrás das cercas das nossas casas. Sem me dar conta, adquirira a sabedoria de que a convivência harmoniosa gera o equilíbrio, o respeito à biodiversidade e contribui para a manutenção da vida na terra.

O fato de ter convivido quase exclusivamente com a minha mãe me manteve distante das pessoas de minha idade, embora guardasse na lembrança amigos que fizeram parte do tempo feliz, vivido em Nhamundá. Não que me considerasse

dissociada da realidade, mas me acostumara a estar só. Sempre às voltas com um livro, achei que encontraria nos estudos o que precisaria para entender o comportamento das pessoas. A solidão seria, para mim, um sofrimento improvável, pois a companhia dos livros me estimulava a buscar minhas próprias respostas. Agora, com o professor Benjamim, isso parecia se expandir.

A amizade com o professor me fora providencial, complementava o que antes havia recebido de minha mãe. Ela me ensinou que deveria estudar muito para conquistar espaços na sociedade. Eu a contrariei quando, ao invés de Medicina, fiz o vestibular para História. Aos poucos, porém, ela foi entendendo que a minha vocação estava nas Ciências Humanas.

Minha mãe ainda é uma mulher bonita nos seus 44 anos de idade. Neta de índia e filha de espanhol, tem pele morena, estatura mediana, quadris largos e cabelos encaracolados, que lhe favorecem um ar jovial e faz com que sejamos identificadas, muitas vezes, não como filhas, mas irmãs. Ela costuma dizer que, cedo, compreendeu o que a vida exige daqueles que se entregam às primeiras paixões. Talvez por isso tenha se restringido por todos esses anos a cuidar de mim. Como funcionária pública da saúde – minha mãe é enfermeira -, cumpre um turno de trabalho, o que lhe permite ficar parte do seu tempo em casa, a dedicar-se ao preparo de deliciosos pratos da cozinha regional.

Num desses dias em que estava inspirada, aproximei-me para ver o que preparava.

– Tudo bem, minha filha?

– Estou ótima. Por quê?

– Tenho observado você. Confesso que estou preocupada, pois está sempre trancada em seu quarto, quando retorna das aulas.

– Estou com muito trabalho da faculdade, mamãe. Mas não se preocupe!
– respondi, para tranquilizá-la.

– Tome cuidado. Não vá adoecer!

– Fique tranquila. Estou bem.

Disse isso e peguei um copo d'água, dando meia-volta para entrar em meu quarto. Não conseguia fazer outra coisa, senão ler, pesquisar, juntar os pedaços de história que encontrava para montar aquilo que acreditava ser a chave do enigma proposto pelo mensageiro anônimo. Seria mulher ou homem? E a misteriosa mulher de Faro, onde estaria?

Já era madrugada quando adormeci sobre a mesa do computador. Às seis e meia, minha mãe bateu à porta do quarto para acordar-me.

– Minha filha, você não vai à faculdade?

– Vou, mamãe! – levantei-me da cama, apanhei uma toalha e entrei no banheiro. Em poucos minutos, já arrumada, recolhi os papéis impressos sobre a mesa do computador e fui até à cozinha, onde, em pé mesmo, servi-me de café preto, engolindo-o rapidamente. Depois, retirando do cabide a bolsa, despedi-me, beijando-lhe a face e saí.

– Tome seu café direito! – ela me falou.

– Não dá mais tempo, mamãe. Estou atrasada! Como algo, depois! – respondi-lhe, apressada. Em menos de quinze minutos, adentrava a faculdade, em direção ao Departamento de História. Procurava pelo professor, mas o encontrei já de saída.

– Preciso falar com você! – disse, esforçando-me para parecer tranquila.

– Estou em cima da hora para uma aula. Podemos conversar depois?

– Claro! – respondi-lhe, conformando-me com a resposta, embora o que eu quisesse, mesmo, era contar-lhe logo, tudo. Dirigi-me à sala de aula. Na minha cabeça não cabia mais nada, além do assunto que tanto me intrigava: o que será que ele vai dizer de tudo isso? Como será que vai reagir? Era o que eu pensava até o momento de me encontrar com ele. Estava nervosa. E se ele não aprovar o meu texto? Qual será a sua reação?

O professor foi objetivo:

– Como vai a narrativa sobre as ykamiabas, Yara?

- Preciso contar-lhe...
- O que houve?
- Estou insegura!
- Com o quê?
- Nossa história caminha para o mito, e não o contrário.
- Isso é ótimo!
- Ótimo? Jamais darão crédito a ela!

Receava não estar cumprindo com o que me foi proposto pelo professor, ou seja, a ousada tarefa de escrever a história das ykamiabas, partindo das migrações amazônicas e dos mitos locais. Ele perguntou:

- O que, exatamente, preocupa você?
- A maioria das pessoas entende mito como lenda, fábula, história fantástica, algo inventado. E o que estou fazendo é literatura.
- Ora, é isso que a preocupa?
- O que você acha? O mito das mulheres guerreiras nunca foi levado a sério. Apesar dos relatos, dos indícios arqueológicos e até dos mapas, a sua existência é tida como delírio dos navegantes europeus.
- Não se preocupe com isso. Continue escrevendo. Vamos, mostre-me o que produziu.

Peguei o que havia escrito e entreguei ao professor.

A Serra da Lua está iluminada. A noite vem chegando e, com ela, os galantes visitantes das ykamiabas. Eles se aproximam em suas flotilhas de ubás, enquanto algumas adolescentes conversam descontraidamente acima do Monte Yacy-Taperê. O barulho dos remos sinaliza a chegada dos guerreiros e desperta a atenção das jovens cunhãs, que correm para avisar o resto da tribo.

– Eles se chegaram! Eles chegaram!

Excitadas, as jovens iniciadas correm para atar as suas redes, onde penduram quevéis²³. Depois, aguardam, na presença de Naruna, os zelosos vizinhos.

Atracando a flotilha nas terras das ykamiabas, os visitantes pedem licença para subir a serra:

– Somos da Nação Guacará

Vizinhos dos Pariquis, Apotós e Tagaris

Dos amigos Kanurys e Apantos

Avise a Condori

Que viemos em paz!

De armas na mão para não serem surpreendidas, as jovens cunhãs levam a mensagem a Naruna, que autoriza a subida à serra. Uma das guerreiras, responsável por transmitir-lhes o recado da guerreira chefe, informa aos visitantes:

– Condori diz que podem subir.

À frente da flotilha, o convidado repete ao companheiro às suas costas o recado da morubixaba:

– Condori diz que podem subir!

E assim, um a um, a informação é repetida:

– Podem subir...

– Podem subir...

– Podem subir...

Naruna recebe os ilustres visitantes, então levados às casas onde estão sendo aguardados pelas guerreiras. Num breve encontro, as jovens se apresentam aos parceiros para que cada uma diga com quem vai se deitar. O flerte acontece muito rapidamente

²³ Chocalhos feitos com cascas de frutas, que são pendurados às redes para anunciar a presença dos visitantes noturnos.

porque, na maioria das vezes, os amantes já foram escolhidos. Algumas jovens se anteciparam em conhecê-los – mas isso é segredo delas! Quando decidem pelos seus pares, o enlace tem início. Os Guacarás são conduzidos até às redes e, seduzidos pela forte fragrância exalada das árvores cunurys, deixam-se enamorar num clima de muita sensualidade.

Essas árvores de copa alta, quando florescem, costumam emanar um perfume intenso e delicado – uma essência embriagadora que se mistura ao orvalho das madrugadas. Exclusivamente preparada para este encontro, a casa, um pouco mais afastada das outras, permite que os casais se amem com privacidade, longe da curiosidade das demais guerreiras.

As redes, tecidas com fios das folhas das palmeiras e tingidas de várias cores, são funcionais, além de muito bonitas. Feitas a mão, algumas são cruas, sem fios de cores, e outras contêm apliques de penas de aves. Foram esteticamente arrumadas para proporcionar uma acomodação perfeita aos amantes.

Os quevéis, pendurados às redes, anunciam à tribo a presença dos visitantes. As ykamiabas unem seus corpos aos dos briosos guerreiros. A noite é pequena para tão grandes prazeres. Os corpos ardem, entrelaçam-se e se preenchem ao som dos quevéis. Os Guacarás são cortesões. Sob os olhares notívagos das mulheres da lua, que gemem e sussurram ante o toque delicado de suas peles, usam de suavidade e elegância para obter a aceitação de suas visitas e, assim, conquistar a confiança das valorosas guerreiras.

– Recebe, pois, é meu presente. Símbolo da nossa liberdade!

Os Guacarás levam os amuletos pendurados ao pescoço, na certeza de que a pedra das ykamiabas os levará de volta às suas aldeias, com segurança e lhes proporcionará força, saúde e poder. O símbolo feminino, que representa, acima de tudo, a fertilidade da mulher, tem o poder mágico de transferir-lhes vitalidade.

Objetos de estima e poder, os muyrakytãs, embora, na maioria das vezes, suspensos ao pescoço, costumam também ser utilizados de outra maneira. Muitos guerreiros gostam de prendê-los como enfeites de cintura nas suas tangas, durante os cultos religiosos.

O professor estava pensativo. Queria saber o porquê da minha apreensão. A verdade é que eu continuava insegura. Senti algo estranho. Talvez fosse a forma pela qual conduzia os resultados da pesquisa. Não sabia, exatamente, mas tinha receio de estar desviando o objetivo da nossa investigação. Ele me respondeu que eu não titubeasse em continuar com a mesma determinação que até então me animara a desenvolver aquela história.

– O que você achou do que escrevi? – perguntei.

– Gostei do encontro com os vizinhos Guacarás. Você transmitiu um clima de sedução e sensualidade.

– É isso! O texto está se tornando algo literário.

– Isso não tirará o mérito da sua pesquisa. A partir desse passado mitológico, você poderá construir a história das ykamiabas. Quem sabe, esta não seja a chave para entendermos as mensagens ocultas de antigas civilizações? Não há o que temer. Acredite!

Mais uma vez, o professor me tranquilizava. Fiquei certa de poder contar com a sua orientação. Precisava ouvi-lo para continuar com a narrativa e acabar com a insegurança.

CAPÍTULO VIII

A INDEPENDÊNCIA DAS YKAMIABAS

No ser chamado homem
existe uma mulher, e na
mulher existe um homem.

GRODDECK

As ykamiabas pertencem à nação Kunury, belicosa e independente, de grande poder. Altas, belas, andam nuas, tapando apenas o sexo. São musculosas, têm os cabelos negros e compridos, entrelaçados à cabeça e a tez bronzeada. Com seus arcos e flechas, cada uma, individualmente, guerreia tanto quanto dez índios. Em tempos de paz, gostam de trajar-se com tecidos finos de algodão.

Vivem sem maridos. Por causa disso, são chamadas também de ‘mulheres sem maridos’, ‘mulheres sem lei’, ou, ainda, ‘mulheres fora-da-lei’, uma variação para o termo cunhãs teco-imas, que em nheengatu significa ‘mulheres doidas’.

Ora, se vivem num monte escondido dos homens – o Monte das Mulheres – se são mulheres sem maridos, sem lei ou fora-da-lei, ou seja, mulheres que não seguem os padrões comuns, normais, sendo, por isso consideradas mulheres incomuns, a definição não poderia ser mais apropriada.

Assim, tornam-se conhecidas na região do rio Paraná-Guassu e Quiari, como as ‘mulheres doidas’, as cunhãs teco-imas. Porém, independentes, ousadas, corajosas. Mulheres que se permitem viver sem maridos e fora-da-lei, fatos que começam a se expandir pelos cantos da floresta. Correm por todo o rio Paraná-Guassu²⁴, as histórias contadas sobre Jurupari, o herói da selva que veio trazer a nova ordem. Histórias que, para as ykamiabas, têm o firme propósito de causar-lhes animosidade, de forma a torná-las subservientes.

²⁴ Paraná-Guassu, Paraná-Açu, Paraná-Uaçu dos Tupis. Mar do Norte, Guiana dos Aruak, Marañon dos hispânicos e Amazonas, dos espanhóis e portugueses.

Mais um dia se inicia para as ykamiabas. Na praça central, são distribuídas as atividades de acordo com a aptidão de cada uma. Seja na pesca, na caça, ou na roça, as mulheres são livres para participar das diversas ações diárias, mas, embora obedeçam a um revezamento, nenhum trabalho previsto pode deixar de ser executado.

As ykamiabas desenvolvem seus trabalhos com talento. Mas há as que se esmeram em confeccionar verdadeiras e prodigiosas obras de arte. Com pequenos machados de pedra, elas cortam as pontas de lança, ou até mesmo o casco mais duro da tartaruga, que é a parte do peito; também fazem seus ubás, tábuas, mesas e outros utensílios domésticos.

Há alguns dias, estavam a preparar “casquinhos”²⁵ para a pesca, aproveitando a queda de uma árvore provocada por um temporal. Era uma árvore grande, de quase 70 metros. A madeira foi cortada com cipós envolvidos em painas de onde pendia fogo. A parte carbonizada foi toda retirada, até que o pau se deslocou. Depois, distribuídas em grupos, as ykamiabas confeccionaram os casquinhos, numa operação cuidadosa que durou alguns dias.

Nesta manhã, as atividades já foram distribuídas. Enquanto Dinary, Arianda e Yacy preparam a embarcação, amarrando o ídolo protetor na proa de uma das canoas que seguirão para a pesca, Eren, Noracy e demais guerreiras saem pra coletar frutas da estação e tubérculos. Outras ainda se dividem entre a caça aos quatis, pacas e aves, e a confecção de cestos, paneiros e cabaças.

As ykamiabas adotam alguns ídolos para se protegerem. Ídolos que elas fabricam com as próprias mãos. Entre eles, o da fecundidade, o da caça, o dos combates, e outros, que ajudam nas suas investidas e batalhas, mas não são utilizados em cerimônias de adoração. Na verdade, costumam ficar guardados até que elas necessitem fazer uso deles. No momento oportuno, são retirados para dar sorte nas suas diversas empreitadas, como nas pescarias, por exemplo. Usados a mão ou amarrados na proa das canoas, as ykamiabas depositam neles todas as suas esperanças de vitória.

Cada um tem uma representação específica. O da pesca é simbolizado por uma piranha, mais precisamente, a mãe das piranhas, a que não respeita os peixes menores, escolhida pelas ykamiabas para dar proteção à pesca, por ser mais ousada e feroz.

²⁵ Canoas escavadas de troncos de árvores.

O local escolhido para a pescaria é o lago Sapukuá, por ser ameno, piscoso e povoado de campos, onde as mulheres também costumam caçar. Os recursos da natureza nesta terra são férteis e suprem as necessidades das guerreiras.

É dia claro e as crianças brincam animadamente, enquanto aguardam as guerreiras que, pouco a pouco, começam a chegar, trazendo os resultados de mais um dia de trabalho. Sorridentes, elas repartem ingás e tucumãs para todas que se encontram na praça central.

As ykamiabas que saíram para pescar ainda não retornaram. As mais velhas começam a entoar um canto que vai atraindo, cada vez mais, as cunhãs, até à beira do rio. É que começam a pressentir a chegada das companheiras, ainda longe... A euforia toma conta de toda a aldeia quando se aproximam as primeiras canoas. As mais afoitas correm para avisar as guerreiras no interior das casas que a pescaria foi concluída. Uma grande recepção é preparada para recebê-las. A pescaria foi realizada no lago Jacupá, entre o lago Sapukuá e o Trombetas, onde há muita fartura de peixes. Tambaquis, tucunarés, pirarucus e paraíbas fazem a festa na grande praça central. As outras companheiras recolhem as flechas e arpões, utilizados na pescaria.

Já escurece quando as ykamiabas descem o monte para se banhar nas claras águas de Yacy-Uaruá.

Oh, Grande Mãe da Floresta!

Mãe do ventre livre e farto!

Mãe dos rios e das fontes

Mãe das cascatas!

Mãe do tempo

e da natureza!

Mãe das águas dos lagos

E das cachoeiras!

Mãe da nossa alegria!

Mãe da nossa Nação!

Oh, Grande Mãe, abençoa

Nós, as filhas da Lua!

Mãe, orienta teus filhos

para o grande conhecimento:

Ensina-os a gerarem mães!

Com carinhos, as mães banham suas filhas no lago Espelho da Lua. O perfume exalado das árvores cunurys intensifica os momentos prazerosos nos finais de tarde. Dezenas de garças sobrevoam o cenário do Monte Ykamiaba. As mulheres se divertem. Depois, dirigem-se à praça central, para preparar uma grande fogueira, onde assam os peixes envoltos em folhas de bananeiras e se deliciam saboreando-os acompanhados de beiju²⁶.

O professor sabia que, aos poucos, eu entraria no universo mítico das ykamiabas. Desde o início pressentira o meu interesse em investigar a vida das guerreiras. Estava no sangue. Tal como as ykamiabas, eu não me acovardaria pelas dificuldades. E, inevitavelmente, eu me envolveria na vida daquelas mulheres e passaria a seguir um único caminho, como se eu própria fosse uma delas. E seria uma intensa e única paixão.

Seu pressentimento não demoraria a confirmar-se. Ao penetrar no mundo das ykamiabas, eu assumia o comportamento corajoso das mulheres que lutam por uma causa, empreendendo esforços para realizar seus objetivos. Não era apenas a personalidade das guerreiras, descrita no mito, que delineava o comportamento das eminentes mulheres, eu também estava inteiramente emprestada ao seu mundo. Minha alma tornou-se presente na trama e meu corpo entregue a uma delas. Por isso, quando me referia às suas atividades, era também porque estava lá, junto com elas, resistindo, lutando e participando ativamente da vida no interior da floresta. Sentia-me integrante

²⁶ Espécie de pão indígena.

daquele universo e acreditava, de fato, que os ídolos fabricados em cerâmica, encontrados por toda a área tapajônica, há séculos, eram parte integrante da cultura das mulheres guerreiras.

Passei a percorrer o caminho do mito. Dei vida às guerreiras para que lutassem contra a imposição dos Filhos do Sol, os filhos de Jurupari. Era como se dissesse a elas: - Vocês não estão sós! – pois acreditava firmemente na sua capacidade de resistência. Mergulhava no mítico lago das ykamiabas para retirar o muyrakytã e presentear o homem amado. Pelo menos, era assim que o professor começava a me olhar: como uma guerreira que oferece um presente ao seu eleito. Ele parecia encantado com toda essa história.

CAPÍTULO IX

O PARTO DAS YKAMIABAS

O corpo da mulher sangra em sincronia
com a lua e faz gente de modo
milagroso, além de providenciar
alimento às crianças produzindo leite.

JAMAKE HIGHWATER

Poucos homens têm a sensibilidade para entender as precárias diferenças físicas e psicológicas que separam o universo feminino do horizonte masculino. O professor Benjamim é um deles. Criado por uma mãe adotiva, a quem lhe foi confiada a sua educação desde os três anos de idade, compreendeu muito cedo as dificuldades com as quais se defrontam as mulheres para conquistar seus espaços numa sociedade de lucro e dominação. Ele foi o filho que dona Zuleide desejou ter parido. Sempre presente na sua vida, esteve ao seu lado, até o último instante, quando, já sem forças, vitimada por problemas crônicos respiratórios, agravados pelos anos de manuseio de documentos antigos, veio a falecer em seus braços, numa triste manhã de inverno.

Dona Zuleide era uma arquivista bastante respeitada, principalmente por intelectuais da cidade. Muitos estudantes que mais tarde se tornariam professores e doutores foram por ela atendidos em bibliotecas, arquivos e museus. Benjamim a acompanhava quando não estava na escola.

Os momentos vividos junto à mãe o ensinaram a perceber o mundo daqueles que detêm o poder do conhecimento. Benjamim amava a ciência, mas questionava a ausência de massa crítica entre os cientistas para fazer com que o resultado das pesquisas pudesse ser colocado em benefício não apenas da espécie humana, mas da vida em sua totalidade. O egoísmo com que via ser manipulado o conhecimento, muitas vezes o irritava, a ponto de travar calorosas discussões, amenizadas pelo senso apaziguador de sua mãe. “O conhecimento é para todos”, costumava dizer.

Era assim que ele pensava, principalmente, depois que passou a pesquisar as antigas civilizações. Apaixonado por tudo que remonta ao passado, essa trajetória acabou por empurrá-lo à área em que se especializou: Antropologia Social.

Os anos de leitura em bibliotecas e museus colaboraram para a sua formação. Foram estudos que o fizeram entender a similitude entre o culto à Deusa, por exemplo, e o conceito de paraíso usurpado, inicialmente, pelo domínio social e político dos homens e, mais tarde, pelas primeiras sociedades cristãs. Aprendeu que a visão falocrática, androcentrista e autocrática do homem marcou o fim das civilizações femininas e desintegrou as possibilidades de desenvolvimento da paz, justiça e equidade.

Sua alma tinha essência feminina para entender a tragédia milenar da mulher. Costumava dizer que as civilizações do Mediterrâneo mantinham uma convivência de igualdade entre os sexos, antes da corrupção do poder, e que foram as noções de propriedade, estrutura de classes e hierarquia patriarcal, concretizadas pelas antigas civilizações da Babilônia, Assíria, Suméria e Egito, que desintegraram os poderes da Grande Deusa. Seu conhecimento sobre a história das antigas civilizações me encantava.

Um amor harmonioso, grandioso, sem propriedade... Total! – assim ele entendia o culto à Mãe Terra. Um amor que fecundava e se estendia, sem domínios. “Quando a Grande Deusa foi declinada, a espécie humana passou a experimentar o fracasso. A paixão virou inimiga da razão, e teve início o processo de loucura da humanidade”, disse-me.

Tudo o que havíamos conversado sobre a Deusa ainda ressoava na minha lembrança. Deitada na cama, eu questionava se essa percepção de Benjamim sobre o comportamento da mulher já estava claramente definida em sua personalidade ou era fruto da sua revisão sobre o mito. Qualquer que fosse a resposta, fazia-o perceber a força feminina capaz de alavancar consciências, rebentar muros e abrir as portas para uma terra livre.

O telefone tocou. Passava das 22 horas. Era ele. Queria saber se poderíamos nos encontrar no dia seguinte. Perguntou-me como estava:

– Estou bem, depois que conversamos.

– Pensava em você ainda há pouco. Tenho observado o seu fôlego e percebido que está mergulhando fundo... Como as ykamiabas ao encontro dos muyrakyatãs.

Achei interessante a analogia, porque confirmava que eu estava me aprofundando na pesquisa. Resolvi brincar com a linguagem metafórica do professor e continuei o jogo:

– E não é para mergulhar?

– Se você já conhecesse esse rio, eu diria que, tudo bem. Mas é bom se cuidar. Soube que não anda se alimentando direito.

– Mamãe se preocupa demais. Estou bem.

– Descobriu algo sobre a mulher misteriosa?

– Nada.

– Precisamos acertar a nossa viagem.

– Quando será?

– Daqui a um mês.

– E como faremos?

– Vamos de barco até Parintins. Aportamos na cidade e, de lá, seguimos num outro barco até Nhamundá. Está bem, assim?

– Para mim está ótimo!

– Então, até amanhã!

– Boa noite, professor!

Ao desligar o telefone, sentei-me à mesa do computador e era como se mergulhasse no universo das ykamiabas, deixando o passado mítico tomar conta dos meus pensamentos. Inspirada nos ensinamentos da Grande Mãe, pus-me a recriar as imagens e o enredo que me pareciam mais reais. As ykamiabas ganhavam vida e passavam, elas mesmas, a contar a sua história.

...

As cunhãs teco-imas, mulheres doidas, sem maridos, enfrentam todos os perigos da floresta. Caçam e pescam durante o dia; à tardinha, banham-se nas águas do lago Yacy-Uaruá; e, à noite, embalam-se ao som da música que cantam ao redor das redes, dentro de suas casas, no Monte Yacy-Taperê. Dez luas já se passaram, desde aquele encontro com os guerreiros. Acariciando as barrigas que tomaram forma ovalada, algumas cunhãs aguardam ansiosamente a hora do parto. Estão inquietas, como é natural, pois vão todas parir pela primeira vez.

Já é tarde da noite, mas, em sua maioria, as ykamiabas ainda estão acordadas. O momento é de expectativa. As jovens grávidas começam a sentir as primeiras contrações do parto e caminham de um lado a outro, entre as árvores, prestes a dar à luz suas crianças. Com a ajuda das companheiras, elas exercitam a respiração e alongam os seus corpos, movimentando bastante a musculatura das pernas, acorando-se e levantando-se, alternadamente, por diversas vezes. Depois, bem lentamente, elas se embrenham para dentro das matas. Todas as aves-cantoras já se recolheram aos seus abrigos. Pipiras, japiins, aráuinas, bem-te-vis, rouxinóis e sabiás espreitam dos galhos das árvores a passagem das mulheres pela floresta. É lua cheia. Grilos, sapos e corujas iniciam o ofício noturno de proteção das matas.

Enquanto caminham, movimentando bastante as pernas, as ykamiabas cantam:

A música da noite

embala-nos a vida...

Com as cuias cheias d'água, onze guerreiras se dispersam nas matas para um parto coletivo. Ajeitam-se ao chão e, agachadas em grandes folhas de bananeiras, agarram-se fortemente aos grossos galhos de árvores que estão próximos, fazendo, aos poucos, nascerem as crianças.

– É cunhã!

– É cunhã...

– É cunhã...

– É curumim...

Dos vários cantos ressoam as vozes das mulheres, anunciando o nascimento dos filhos. São sete cunhantãs e quatro curumins.

– São mulheres, novamente!

Que as novas guerreiras

Preservem o nosso futuro!

Com a boca, ou uma pequena haste de bambu²⁷, as ykamiabas cortam o cordão umbilical e escondem a placenta nos buracos das árvores. O dia vai amanhecendo, rapidamente, e elas caminham com os filhos nos braços, em direção ao lago. A lua permanece iluminada no firmamento. As cunhãs estão felizes e querem chegar logo às suas casas para mostrar os novos rebentos para toda a tribo. Antes de chegarem à aldeia, elas entram no lago Yacy-Uaruá, onde se lavam por diversas vezes, e as crianças.

Em atitude de oferecimento à Grande Mãe que lhes deu o dom da vida, elas suspendem as crianças no alto e saúdam, com adoração, a lua:

– Ei-las, oh, Grande Mãe

De nossos ventres

as vossas filhas!

Ante o choro incessante dos rebentos, as ykamiabas elevam suas vozes à mãe dos muyrakytãs:

– Que o choro de nossas filhas

fecunde o ventre da mãe

para que do seio da terra

brote o alimento

que fará forte a nossa Nação!

– Que suas lágrimas

²⁷ Planta oca e leve.

se misturem
às águas de Yacy-Uaruá
para que corram
ao encontro do nosso tempo!

– Renovemos nossas vidas!
Sustentemos nossa história
pois que a nossa luta
trará a nossa glória!

As jovens mães choram a felicidade pelo nascimento das crianças. Na chegada à aldeia, haverá festa. As ykamiabas prepararam para o desjejum das novas mães um mingau de banana, acompanhado de beiju torrado, que lhes é servido. Um clima de euforia anima a praça central. Durante todo o dia as mulheres festejam a chegada das novas filhas, com muita comida e bebida.

No ano seguinte, após a amamentação, os filhos varões serão entregues aos pais que os conceberam. As filhas, no entanto, permanecerão na Serra da Lua, onde aprenderão a manter contato com a vida independente e isolada dos homens. Desde o nascimento, conhecerão e conviverão com os perigos da floresta e manterão a tradição das mulheres guerreiras que habitam o Monte Yacy-Taperê, o Monte Ykamiaba, de prodigiosas alturas. O monte escondido dos homens.

– Você sabe o que me tem impressionado nos seus textos?

– O quê?

– A relação que você vem estabelecendo das ykamiabas com a terra. Foi exatamente essa relação que envolveu os antigos povos na Índia, na Pérsia, na Europa Oriental e Oriente Médio. Em todos eles, a Grande Deusa estava presente. A fertilidade da terra estava relacionada à fecundidade feminina.

– Era como se as mulheres detivessem o poder da criação...

– Exatamente! Somente mais tarde, a Grande Deusa foi destronada. Há cerca de 9.000 a 7.000 anos antes de Cristo, nossos antepassados já haviam percebido que a terra acolhia os mortos, ao mesmo tempo em que gerava a vida. O reinado da Deusa Mãe teve início com a agricultura, onde as mulheres eram responsáveis pelas colheitas. O seu sangue era usado em rituais para fertilizar os campos e o seu nome se ligava aos rios que fecundam a terra.

– Há indícios desses cultos?

– Existem referências de culto à Deusa Mãe que remontam há 24 mil anos antes da era cristã, como as estatuetas esculpidas em pedra, osso ou marfim, de 5 a 25 centímetros de altura, encontradas na Europa. A mais famosa delas foi localizada em Willendorf, onde hoje é a Áustria. O que chama a atenção para o caráter sagrado, segundo especialistas, é a acentuação das formas exageradas dos seios, barriga e nádegas.

– Todas as antigas civilizações da terra estavam voltadas para o plantio?
– perguntei. O professor explicou que os achados que vão do período paleolítico ao período neolítico confirmam esta assertiva.

– As potnias²⁸ encontradas no Oriente Médio mostram a figura da mulher como deusa da natureza, a Grande Mãe. Cibele, Ártemis, Diana... Você está no caminho certo.

– Temo não ser compreendida...

– A verdade construída tem a face de Deus, ou melhor, da Deusa – disse, para reanimar-me.

– A ótica do colonizador está impressa em nossa identidade cultural. Vemos o mundo com o olhar do colonizador.

– Por isso mesmo é importante o resgate mitológico, para sairmos do lugar comum em que a história nos colocou. Vamos colocar o dedo nessa ferida, dizer quem somos.

²⁸ Estatuetas femininas, com quadris largos e seios grandes. A deusa de Çatal Huyuk, divindade feminina do neolítico, foi descoberta por arqueólogos há dez mil anos atrás.

Dizer quem somos... Isso implicaria pesquisar mais esse mito para resgatar o passado desses povos que habitaram essa região há milênios.

Uma parte eu já havia investigado: a que dizia respeito à origem do povo americano, às teorias expressas por pesquisadores, entre eles, Barbosa Rodrigues, e à arqueologia que comprova a existência de povos na região há apenas um pouco mais que uma dezena de milênios. Mas como se distribuíram pela região e sobreviveram às conquistas? Isso eu teria que investigar melhor.

Sem me deixar abater pelo desafio, no dia seguinte lá estava eu, entre livros, preparando-me para melhor entender o processo de ocupação da Amazônia, que, conforme dissera o professor, era essencial para dar continuidade à nossa busca.

CAPÍTULO X

AVENTURAS EUROPEIAS EM TERRAS SUL-AMERICANAS

O colono é a tua arte, a tua religião, o
teu Deus. Finalmente, o colono é o
teu imperador. Tapuias, ajoelhai.

EÇA DE QUEIROZ

Era possível que, enquanto as ykamiabas estivessem vivendo perto do grande rio, as conquistas se intensificassem noutras partes do mundo, a exemplo de Portugal e Espanha, que, vencendo distâncias cada vez maiores, empreendiam viagens a “mares nunca dantes navegados”²⁹. Vários fatores colaboravam para a investida dos dois países na disputa pela posse das terras, entre eles a invenção da imprensa, com o *Livro das Maravilhas*, de Marco Polo, cujo exemplar Cristóvão Colombo mantinha em sua biblioteca, e a discussão sobre a esfericidade da terra. Portugueses e espanhóis cruzavam os oceanos, buscando rotas comerciais e saqueando os impérios que encontravam pelo caminho. A essa altura, a América, longe de representar um novo continente, era considerada uma parte da Ásia.

Checava essas informações, anotava a data referente às conquistas, separava as publicações que me interessavam; enfim, exercia um trabalho de garimpagem em direção ao passado histórico da Amazônia. Distraída, não notei quando Benjamim surgiu, repentinamente, à minha frente.

– Atrapalho? – perguntou-me. Estou de folga hoje e vim vê-la.

– Olá, professor. Que surpresa! Sente-se! Estou levantando algumas informações sobre a América. É impressionante o ritmo que as conquistas europeias alcançaram no Novo Mundo.

– Por que você acha que isso ocorreu?

²⁹ Luís Vaz de Camões (Os Lusíadas)

– Porque tanto a Espanha quanto Portugal gozavam de poder e prestígio junto à Igreja.

– É verdade. Em 1493, o papa Alexandre VI chegou a definir por uma bula as zonas de influência dos dois países, que em nome da Igreja, tomavam as terras das mãos dos pagãos.

– Quanta hipocrisia! – completei.

– Eles estavam, por assim dizer, respaldados pelos direitos concedidos pelas bulas papais.

– A Igreja foi a grande responsável por esse genocídio.

– Em parte, sim! O novo continente nasceu da orgia acobertada pela Igreja que, junto aos governos, disseminou o extermínio dos povos e suas culturas.

– A Igreja ajudou a tomar as terras dos índios.

– A atitude dos missionários na América foi lamentável e só foi revista em 1962, quando o Concílio Vaticano II estabeleceu as novas diretrizes para a Igreja.

Chamei-lhe a atenção para o fato de que, em 1499, Vicente Yañez Pinzón descobrira a foz do rio Amazonas e, em sua margem esquerda, tomara posse em nome da Coroa da Espanha, dando-lhe o nome de Rio-Mar de Santa Maria de la Mar Dulce, o mar de água doce.

– Foi esse o primeiro ingresso dos europeus no Amazonas, mas teria sido também o primeiro ingresso dos europeus no Brasil? – perguntei.

– Antes de Pinzón, em 1498, o cartógrafo Duarte Pacheco Pereira havia estado em terras do Pará, a serviço das explorações marítimas do rei de Portugal. Veio investigar os limites do Tratado de Tordesilhas, de 1494, entre Portugal e Espanha, que acirravam uma disputa diplomática e marítima pelo controle do comércio com a Índia.

– De certa forma, a Espanha chegou primeiro.

– Sim, Carlos V, herdeiro da Espanha e detentor de um império que se estendia sobre dois continentes, foi quem iniciou as primeiras viagens de conquista à América.

– Para isso, ele chamou Pizarro e Almagro.

– E o que veio depois, nós sabemos: invadiu o império “asteca”, no México, e “inca”, no Peru, destruídos entre 1521 e 1535. A partir daí, as conquistas se intensificaram na América.

– É verdade que os europeus desconheciam estar diante de um novo continente?

– No final do século XV, Portugal havia conseguido, através do Tratado de Tordesilhas, avançar a linha de demarcação de 270 léguas para o ocidente, o que lhe garantia uma grande parte da América do Sul, ainda por ser descoberta. O seu interesse, naquele momento, era pela África – explicou-me o professor. Os espanhóis, seus concorrentes, por sua vez, queriam encontrar a rota das especiarias, por isso procuravam, além da Índia de Colombo, uma passagem para o Ocidente.

– Qual foi realmente o interesse da Espanha pela América?

– Metais preciosos: ouro e prata. Era isso que representava para a Espanha esse novo mundo. Desde 1503, a Casa de Contratación, que dirigia o comércio das Índias, zelava pelo bom encaminhamento do ouro e da prata. Esse foi o motivo real que levou a Espanha à conquista.

Neste momento, minha mãe adentrou o quarto e, afastando os livros, colocou sobre a mesa a bandeja com suco de cupuaçu e bolo de tapioca.

– Vamos fazer uma pausa para o lanche?

– Obrigada, mãe!

– Hum! Que coisa boa! – elogiou o professor, provando um bolinho de tapioca.

Mamãe serviu-nos o suco e saiu, deixando-nos para que continuássemos a conversa.

– Professor, diga-me uma coisa, é a partir das conquistas que ocorre a fusão dos povos do Amazonas?

– Yara, você lembra quando vimos em nossas aulas que vários povos, em diferentes momentos, migraram para a região, há pelo menos dez mil anos?

– Sim, lembro.

– Vimos que em várias épocas os povos mudaram de localização, de nome e se fundiram a outros povos, o que nos dificulta a identificação da sua origem e grupo linguístico.

– Então foram várias fusões?

– Exatamente! Mas a fusão provocada pelo agente externo, o colonizador, deu-se a partir da colonização do Peru. Os primitivos Tupis, da costa e do sul, conhecidos como Filhos do Sol, vieram misturar-se aos povos da peneplanície amazônica, trazendo consigo parte da sua cultura, como a língua quíchua, a confecção da roupa de fibra de palmeira, as técnicas para esculpir na madeira e também o conhecimento do calendário astronômico e das constelações.

O professor me olhava, convidativo. Por fim, perguntou:

– O que você acha de continuarmos nossa conversa noutro lugar?

– É uma boa ideia! Deixe-me mudar de roupa.

Enquanto eu me arrumava, ele se dirigiu à sala de estar para me aguardar em companhia de minha mãe. Retornei, em seguida, encontrando-os às gargalhadas.

– Pelo visto o assunto é dos bons!

– Sua mãe comentava sobre o seu desejo de voar.

– Ah, é? E o que ela lhe disse?

– Que na sua infância você dizia ser um grande pássaro e que se levantou numa noite pensando que estava voando.

– Ela lhe contou isso?

– Sim. E eu achei interessante!

– Você achou interessante? Eu sair voando?

– Não! Você pensar que voava!

– Engraçadinhos!

Os dois riram bastante, como velhos conhecidos. Eu me senti feliz porque há tempos não via minha mãe tão à vontade, tão leve.

– Vamos? – ele perguntou. E, voltando-se para minha mãe, convidou-a:

– Dona Célia, a senhora não quer vir conosco?

– Não, obrigada. Noutro dia, talvez. Bom passeio para vocês. Divirtam-se!

– Até logo, mamãe! – disse, beijando-lhe o rosto.

– Até logo, minha filha!

– Boa tarde, dona Célia!

– Boa tarde, professor Benjamim!

Era uma tarde tranquila de domingo. Passeamos pelas ruas centrais da cidade, onde estão localizados os casarios, construídos na fase áurea da borracha.

– Me chame de Benjamim, Yara.

– Está bem! Bem... já... mim! – pronunciei, pausadamente. Sabe, quero lhe contar uma coisa. Aprendi muito nesses últimos tempos. Estou fascinada com o que tenho lido sobre antigas civilizações, épocas glaciárias, expansão dos povos na terra... Tudo isso tem sido muito importante pra mim! Mas há tanta coisa que desconheço, coisas que imagino possam vir a acontecer. Por exemplo, o mar... Acho que o mar ainda vai engolir toda a terra.

– Não! “O sertão vai virar mar e o mar vai virar sertão”.

– Nosso mestre Euclides da Cunha, em “Os sertões”... Como poderia esquecer?

– Pois é, Yara, a vida é mutante. E a geografia da terra passa por muitas transformações no decorrer do tempo.

- Como Atlântida? O império cuja ilha o mar numa noite devorou?
- Atlântida já foi considerada berço dos egípcios e terra de espaçonaves.
- Será que ela existiu, realmente?
- Pesquisas indicaram que ela estaria localizada no mar Egeu, numa ilha chamada Santorine, antiga Thera, e que hoje não passaria de um arco de rocha vulcânica sobre águas salgadas.
- Mas essas pesquisas se sustentam em quê?
- Em achados arqueológicos. Paredes pintadas, ricamente pintadas, cujos motivos são crianças brincando de lutar. Antílopes dançantes na primavera, selvas repletas de animais e águas cheias de peixes e golfinhos.
- Sério?
- Sério! E o mais interessante é que, por detrás desses indícios, estaria uma sociedade altamente desenvolvida, provavelmente contemporânea da Guerra de Troia, que possuía um próspero comércio com outros povos.
- Foi mesmo uma explosão vulcânica que arrasou Atlântida?
- É provável que sim. Thera teria sucumbido devido a constantes terremotos e a uma devastadora explosão vulcânica, talvez a maior explosão vulcânica já presenciada pelo homem.

As informações sobre Atlântida me encantaram. Afinal, em milhares de anos, civilizações nasciam e se desenvolviam, para depois entrarem em declínio. Atlântida, no entanto, permanecia um grande mistério. Muito se falava, pouco se sabia...

Enquanto caminhávamos, confidenciava a Benjamim coisas que passavam pela minha cabeça e que não imaginava contar um dia a alguém. Minhas impressões sobre o mundo à minha volta... indagações sobre o desconhecido... minha ignorância... e até os meus delírios, como o de voar, por exemplo.

– Yara, você não será a única, nem a última a questionar a respeito da existência humana. A própria história da filosofia se encarrega de juntar todas as nossas dúvidas, argumentos e possibilidades de surgimento da vida. Não estamos sós.

– Faz parte do inconsciente coletivo.

– Exatamente! Vou ilustrar a nossa conversa falando sobre algo presente em todas as culturas, inerente a todos os povos do mundo: o desejo de ascender, subir, voar... Esse desejo é originário do próprio homem, não é histórico. O seu sonho de voar, por exemplo. Em todas as religiões, em qualquer momento em que se encontre, o homem tenderá a ser guiado pelos seus sonhos, pelo seu lado espiritual, e isso é atemporal, independe da época. É que, apesar de controlados pela nossa consciência, é o nosso inconsciente que move a nossa vida. É o êxtase do homem que o põe em contato com o sagrado, com Deus.

– Seria o êxtase a nossa alma?

– Acredito que sim. Pelo menos, desperta a nossa existência.

Essa boa caminhada nos levou a uma sorveteria. Depois, Benjamim me acompanhou até minha casa e ali nos despedimos. Nessa noite, pouco escrevi. A descrição sobre o universo das ykamiabas, envolvendo os espanhóis num enredo amazônico ao tempo da conquista, aguardaria mais alguns dias para ser descrito, até que eu digerisse todas as informações que despertavam a minha curiosidade.

CAPÍTULO XI

A BUSCA DO ELDORADO E DO PAÍS DA CANELA

O sertão está em toda parte.

JOÃO GUIMARÃES ROSA

Estava animada! Comprariamos naquele dia as passagens para a nossa aventura pelo rio Amazonas. Sentada à mesa do café, comentei sobre a viagem com a minha mãe.

– Quantos dias você estará fora, minha filha?

– Acredito que uma semana.

– Será que eu poderia ir junto?

Não havia passado pela minha cabeça, tamanho o envolvimento com a história, que minha mãe quisesse nos acompanhar na viagem. A possibilidade de rever parentes e amigos em nossa terra natal, decerto a animaria.

– Você quer ir junto? Claro! Como não pensei nisto antes? Vai ser ótimo! Vou conversar com Benjamim. Tenho certeza que a viagem até Nhamundá será ótima para todos nós.

Ao chegar à faculdade, segui imediatamente o caminho para o Departamento de História, para falar com Benjamim. Ele me recebeu, feliz:

– Olá, Yara, tenho algo para você.

Abri cuidadosamente o presente. Era um livro.

– *Descobrimento do Rio de Orellana*, de Frei Gaspar de Carvajal. É o seu relatório de viagem!

Exultei.

– Acho que vai contribuir para a sua pesquisa.

– Se vai!

Agradecida, beijei-lhe o rosto.

– Obrigada, vou começar a lê-lo hoje mesmo. Mas... mudando de assunto, tenho algo para lhe falar.

– Não é mais nenhum receio, espero.

– Não, não é. Está tudo tranquilo. Minha mãe é que deseja ir conosco a Nhamundá.

– Claro! Devíamos tê-la convidado. Por mim, está ótimo!

– Ah! Que bom! Ela ficará feliz com a notícia.

– Acertaremos tudo mais tarde, está bem?

Sentia-me segura em retornar a Nhamundá com minha mãe. Olhava para Benjamim com expectativa. Não imaginava quais momentos nos reservaria esta viagem.

– Mais uma vez, muitíssimo obrigada!

– Não há de quê, Yara. Até mais.

– Até mais.

Fiquei ansiosa para começar a ler o livro. Sabia que no ano de 1531 o Peru estivera em guerra com os espanhóis e que Francisco Orellana, um jovem alcaide de 20 anos, participara das guerras em Cuzco e em Trujillo, onde perdera um olho em combate.

Sabia, também, pela leitura que fizera na noite anterior, que em 1540, Francisco Pizarro, a serviço do imperador Carlos V, ordenara ao irmão Gonçalo Pizarro, que descobrisse o Eldorado de ouro e pedras preciosas em troca do governo de Quito.

Orellana também seria chamado para acompanhar a viagem em busca do país da Canela, uma terra considerada rica em especiarias (cravo, canela, gengibre), localizada no chamado Mundo Novo, a América.

Por isso, mal pude esperar para chegar em casa e começar a ler o famoso Relatório de Viagem. Ainda a caminho de casa comecei a folheá-lo. Mais tarde, junto à minha mãe, conversamos sobre a viagem.

Depois do almoço, atei a rede na varanda da casa e iniciei a leitura do livro, acompanhando, passo-a-passo, o caminho percorrido pelos espanhóis, desde o Peru. Ao final, adormeci. E continuaria na rede até o dia seguinte, não fosse a minha mãe, preocupada, chamar-me para comer algo.

– Beba, ao menos, um copo de leite! – ela falou.

– Levantei-me da rede e a segui, sonolenta, até à cozinha. Sentei-me à mesa, bebi o leite que ela havia preparado e peguei do pote umas bolachas que comi devagar, quase dormindo.

– Boa noite, minha filha!

– Boa noite, mamãe!

Nos dias que se seguiram, até o dia da viagem, nada escrevi. Procurei refletir sobre a história da conquista. Quando, finalmente chegou o dia em que iniciariíamos a nossa aventura pelo rio Amazonas, minha mala já estava arrumada. Às roupas, sapatos e objetos de uso pessoal juntei alguns livros, dos quais haveria de precisar.

Estávamos tão alegres que, enquanto atávamos as nossas redes no barco, não reparamos numa velha senhora a nos observar. Foi Benjamim quem notou e me falou, depois. O barco havia deixado Manaus no meio da tarde, passando pela Refinaria de Terra Nova e pelo Farol do Moromas, em Puraquequara. Às 17 horas, passava a costa do Marimbás e, às 18, adentrava a Boca do Paraná da Eva, à esquerda.

Foi servido o jantar a bordo. Enquanto saboreávamos o peixe, acompanhado de “baião-de-dois” e vinagrete (uma salada à base de coentro, cebola, cebolinha e tomates), a estranha senhora se aproximou de nossa mesa e cumprimentou minha mãe.

– Boa noite, minha senhora!

– Boa...

Minha mãe não chegou a concluir o cumprimento, engasgou-se com uma espinha de peixe. Benjamim se levantou, deu umas batidinhas nas costas, serviu-lhe água e, em seguida, farinha, até que ela se acalmou. Encostei o rosto ao de minha mãe e perguntei-lhe:

– O que houve, mãe? Que reação foi esta?

– É ela. A senhora que procurou você lá em casa, há dois meses – disse-me mamãe, bem baixinho, ao pé do ouvido. Olhei para Benjamim, num gesto de confirmação sobre a presença da senhora, e cumprimentei-a:

– Boa noite!

– Boa noite, querida! Como vai?

– Vou bem, e a senhora?

– Estou bem. Vocês estão seguindo para Nhamundá?

– Como sabe?

– Não sei. Imagino.

– Por quê?

– Porque sei de seu interesse.

– Que interesse?

– Sobre as guerreiras.

– Sente-se conosco. Vamos conversar...

– Desculpe-me, não quis deixar sua mãe nervosa. Podemos conversar num outro momento. Podem voltar a comer – disse e afastou-se da mesa.

Continuamos a comer, sob o ruído do motor do barco e dos talheres e copos sobre a mesa. Passava das 21 horas, quando o barco deixou a costa do Varre-Vento. Minha mãe deitou-se na rede. Benjamim e eu fomos até a proa do barco e nos sentamos num banco escorado próximo à cabine de comando.

– Está gostando da viagem?

– Um pouco tumultuada, nesse primeiro momento.

– É verdade! Mas logo você esclarecerá esse mistério. Esqueci-me de lhe falar que seguiremos neste mesmo barco até Nhamundá, mas vamos parar algumas horas em Parintins.

– Tudo bem – respondi-lhe.

– O que você tem?

– Gostaria de conversar com ela...

– Aguarde até amanhã.

– Como é que ela sabe da viagem?

– Talvez isso tenha alguma ligação com a carta.

– A carta da Turquia? Como pode!

– Não sei! É apenas um pressentimento. Mas não fique preocupada. Que tal, gostou do livro?

– Sim, mas como você disse, é a ótica do colonizador.

– Embora contenha equívocos, o relato dos viajantes nos leva a conhecer o caminho que eles percorreram na região e pode nos ajudar a reconstruir essa história. Devemos consultar também nossos historiadores sobre essa viagem, assim teremos uma visão mais realista dos fatos.

– Já havia pensado nisso. Por isso, trouxe alguns livros que podem nos ajudar a clarear algumas questões.

Eram 23 horas. Passávamos de São José do Amatary para entrar na boca do rio Madeira. Comentei com Benjamim:

– Fico pensando se não estamos refazendo um percurso realizado há quase quinhentos anos.

– É emocionante encararmos esta viagem sob o prisma de uma aventura histórica.

– É verdade! Uaaah!– bocejei. Estou ficando com sono...

– Venha! Levante-se, vamos dormir! – disse Benjamim, segurando-me as mãos para que eu levantasse. Sonolentos, seguimos até as nossas redes.

– Boa noite, Yara. Até amanhã!

– Boa noite e até amanhã, Benjamim!

Ele me beijou o rosto. Durante toda a noite, a viagem transcorreu em calma. Enquanto dormíamos, o barco contornava o município de Itacoatiara, a ilha do Rebojão e Uricurituba Velho. Às seis horas, ao entrarmos no Paraná do Albano, o café da manhã foi servido.

Estava curiosa para conversar com a velha senhora e saber, de uma vez por todas, o que tinha para me contar. Depois do café, fui até ela:

– Podemos conversar?

– Sim!

Sentei-me num banco próximo à rede onde a senhora se achava sentada.

– Está curiosa para saber por que me aproximei de você, não?

– Sim, não vou negar que estou.

– E muito ansiosa também!

– O que a senhora tem para me contar? – perguntei, apreensiva.

– Escute com atenção, pois vou lhe contar tudo, desde o começo.

Disse-me a senhora:

– Há alguns anos, soube, por intermédio de minha irmã, já falecida, que na Europa...

– Turquia?... Capadócia?... – adiantava-me ao que, por ventura, ela viesse a falar.

– Istambul! – respondeu-me a senhora. Ele mora em Istambul.

– Quem mora em Istambul?

Ela deu um suspiro e, em seguida, continuou a falar.

– Um amigo de minha irmã.

– Quem é ele?

– Um arqueólogo, que esteve, há muitos anos, na região do baixo Amazonas, a trabalho. Ele, segundo minha irmã, precisava resgatar laços com alguém que conhecera em Nhamundá.

– Com quem?

Mais uma vez, a senhora suspirou antes de responder.

– Há poucos meses, ele enviou uma carta, em que fornecia o número de um telefone para que o mantivéssemos informado sobre a pessoa que procurava.

– E quem é esta pessoa?

– Sua mãe. Que ele conhecera quando esteve a serviço de uma instituição de pesquisa, junto a um grupo de estudiosos, na região de Nhamundá. – disse, finalmente, a senhora.

– Minha mãe? Que história é esta? – estava cada vez mais nervosa.

– Calma! – exclamou a mulher. Procure ficar tranquila. Nada do que estou lhe dizendo é para o seu mal.

Respirei profundamente, na tentativa de relaxar, mas a verdade é que, a cada palavra que aquela senhora proferia, eu ia ficando mais tensa. Num esforço, levantei a cabeça e pensei: “seja o que for que ela ainda vai me contar, eu quero e preciso ouvir”.

Ela continuou:

– Quando retornei o contato, ele me indicou o nome de uma senhora chamada Maria Teresa, para que eu a localizasse. Procurei a tal senhora, e ela me deu o seu endereço. Foi o que fiz. Quando, enfim, localizei a pessoa que ele procurava, descobri que tinha uma filha de 26 anos.

– Eu?

– Sim. Você!

– Como se chamava a sua irmã?

– Juçara.

– Juçara... Esse nome...

– É provável que você a tenha conhecido. Afinal, Juçara foi sua vizinha, em Nhamundá. No entanto, você era muito pequena e não deve se lembrar dela. Ou lembra?

– Por que a surpresa? Lembro-me de uma senhora com esse nome. Ela costumava contar histórias que me impressionavam muito.

– É, talvez fosse ela. Juçara gostava muito de ouvir as histórias contadas por nossos avós. Bem, voltando à nossa conversa, quando, enfim, localizei a sua mãe, informei ao tal senhor, mas ele queria mais informações. Pediu-me o seu endereço e há alguns meses, escreveu-me para fazer um novo pedido. Queria que eu entregasse a você um antigo mapa da região, que ele havia pesquisado. Mapa esse que, junto com um pequeno machado de pedra, ele sabia que se encontrava com a minha irmã.

– Mas quem é esse homem?

– É seu pai.

– Meu pai? Como assim? O que a senhora está me dizendo?

– Pelo menos é o que ele supõe, pois tem exatamente a sua idade o tempo em que ele esteve em Nhamundá e conheceu a sua mãe. Quando eu disse que você estudava História, ele se emocionou e me pediu que procurasse saber mais sobre você. É o que eu venho fazendo até então, buscando informações sobre você na faculdade. Sei que você está pesquisando sobre as ykamiabas.

– Mas por que ele me procurou e não a minha mãe?

– Acredito que chegará o momento de fazer isso, também.

– Isso não está certo!

– Ela não precisa saber, pelo menos por enquanto.

– Ora, por quê?

– Foi um pedido dele, para evitar que o seu projeto de pesquisa venha a sofrer empecilhos que possam dificultá-lo. Por isso, eu lhe peço: não lhe conte nada, ainda...

Entendi o cuidado com que a senhora tratava o assunto. Na verdade, se minha mãe viesse a saber o que havia por detrás de tudo isso, minha pesquisa tomaria outro rumo e podia até ser prejudicada. E isto era algo que eu não desejava, sob hipótese nenhuma. Aceitei as regras.

– Está bem.

– Ouça, estarei à sua disposição em Faro. Procure-me e eu a ajudarei.

– Obrigada!

– Podemos conversar mais, depois. Estamos quase chegando...

O barco deixava o Paraná do Mocambo e se aproximava da cidade de Parintins. Aproximei-me de Benjamim.

Ele quis saber como eu estava. Respondi-lhe que bem.

– Vamos descer? – pedi.

– Vamos. Vou chamar sua mãe.

Não sabia o que pensar. Talvez fosse melhor nem pensar, se eu conseguisse não pensar. Então era esse o caminho que tinha de percorrer? Aonde ele me levaria? Benjamim retornava, em seguida, para me informar que mamãe preferira permanecer a bordo.

– Voltaremos depois para buscá-la, na hora do almoço. Vamos atrás de um restaurante...

Deixamos o barco e saímos a caminhar pela cidade.

– Como foi a conversa? – ele perguntou.

– Relativamente boa.

- Relativamente?
- É. Não me pergunte nada, por enquanto.
- Você não me parece bem.
- Sinto-me estranha.
- Como assim?
- Não sei explicar, um mal estar...
- Você está cansada?
- Preciso ler. É o que farei durante a viagem.
- Faça isto, se for para ficar bem.

Descobrimos um restaurante na cidade. Voltamos ao barco para buscar mamãe. Mantive-me em silêncio, intrigada com o que me havia contado a tal mulher.

Eram 14 horas quando o barco deixou Parintins. Mamãe e Benjamim ataram suas redes para ‘fazer uma sesta’. Ao contrário da leitura, resolvi escrever durante toda a tarde. Ao anoitecer, guardei os manuscritos na bolsa de viagem e fui ao encontro de mamãe, que comia um lanche trazido por Benjamim.

- Estamos quase chegando. – disse ela.
- Quanto tempo falta?
- Mais ou menos umas duas horas. A propósito, Yara, o que aquela mulher queria?
- Ela soube da pesquisa e se propôs a nos ajudar.
- Só isso?

Evitei responder. Benjamim sabia que não era isto, mas achou melhor aguardar que eu lhe contasse.

Às 20 horas, o barco atracou no município de Nhamundá. E lá mesmo, a mulher misteriosa saltou para uma balsa que faria a travessia a Faro. Cumprimentou-nos com um aceno.

– Procure-me, amanhã.

– Está bem!

Depois que ela deixou o barco é que me dei conta de que não havia perguntado seu nome. Benjamim retirou as bagagens do barco e saímos os três, pelas ruas de Nhamundá.

– Vamos até a casa de Teresa. Ela está nos aguardando.

– Quem é Teresa? – perguntou-nos Benjamim.

– Uma prima nossa! – mamãe respondeu.

Ao chegarmos à casa de Teresa, fomos recebidos com festa, o que nos deixou felizes. Parecia-me reviver momentos da infância. Recordei-me das brincadeiras pelos quintais com as crianças vizinhas. Cumprimentamos os parentes e os apresentamos a Benjamim.

– É seu namorado? – perguntou-me a prima Tereza.

– Não! É meu professor. E amigo! – completei.

– Muito prazer! – disse Teresa.

– O prazer é todo meu! – Benjamim devolveu-lhe, gentilmente, o cumprimento, enquanto mamãe comentava com Teresa:

– Estamos todos cansados, prima!

Teresa nos encaminhou aos cômodos da casa, acomodando-nos um a um. Benjamim ficou no quarto do primo Luís, enquanto num outro, ao lado do de Teresa, ficamos, eu e mamãe. Depois de um relaxante banho, jantamos na companhia dos parentes – ao todo, seis, entre primos e duas tias de minha mãe. Todos se dirigiram à frente da casa com as cadeiras de balanço, um costume antigo das pessoas do interior, que nos finais do dia se juntam nas calçadas para conversar.

Benjamim e eu fomos passear pelas ruas da cidade. Sentamos num dos bancos de uma pequena praça, onde ficamos a apreciar o comportamento simples dos seus habitantes.

– Andei escrevendo. – falei.

– O que escreveu?

Retirei da bolsa os manuscritos e entreguei-os a Benjamim.

– Tentei aproximar o mito da História. – argumentei. Ele desdobrou as folhas de papel e começou a ler, em voz alta.

CAPÍTULO XII

A CONSTRUÇÃO DO BERGANTIM SAN PEDRO

Ouvimos muitas sugestões sobre essas
mulheres durante toda a viagem.

Mesmo antes de deixarmos o
domínio de Pizarro, era tida como certa a existência
de um reino de mulheres.

FREI GASPAR DE CARVAJAL

Os espanhóis preparam suas expedições em busca do Eldorado e do País da Canela. Gonzalo Pizarro deixa Quito, Equador, no Natal de 1540, levando consigo quatro mil homens, sendo trezentos soldados – dos quais 150 montados –, milhares de índios recrutados nas prisões, mais de cem cães antropófagos, quatro mil cabeças de porcos e ovelhas e grande quantidade de armas e munições.

Francisco Orellana parte com a sua coluna dois meses depois, de Guaiaquil – também no Equador – rumo a Quito, para juntar-se à expedição de Gonzalo Pizarro, acompanhado do frade dominicano Gaspar de Carvajal. Diante da violência constatada nas guerras enfrentadas contra os incas, são unânimes os comentários:

– Don Orellana irá à
misteriosa América
realizar um sonho heroico
e brutal.

Em Quito, sem encontrar Pizarro, Orellana segue ao seu encontro com 30 homens montados a cavalo. Entre o Napo, nos Andes Peruanos, e o Curarau, nos Andes Equatorianos, ele e sua expedição quase são destroçados pelos indígenas Quijos, que, assustados com homens montando animais desconhecidos, põem-se a atacá-los.

Nesta mesma região, na província de Los Quijos, o vulcão Arizona Hidropírico entra em erupção, explodindo em montanhas de água quente. O frio acaba e o calor é intenso. Orellana é obrigado a retardar a viagem e a aguentar dois meses de chuva diária, com seu pessoal esfarrapado, morto de frio e fome. Os guias mentem, conduzindo-os a lugares miseráveis. No desespero, devoram cães, cavalos, solas de sapatos, cintos; roem raízes e comem folhas e frutos desconhecidos da floresta. Muitos enlouquecem ou morrem de impaludismo.

As fortes chuvas que desabam sobre a região possibilitam a travessia da cordilheira andina. Os expedicionários entram no Napo, onde se deparam com outras tribos indígenas. Furiosos por nada lhes terem a informar ou a oferecer, manda acender uma fogueira para impedir a sua fúria e açulam os cães famintos contra todos eles, que acabam esfaqueados e mortos pelos ferozes animais.

– Para a frente,
Sempre para a frente!
Covardes, para a
desonra da Espanha?
Jamais!
Arriba, Espanha!

Orellana sabe que nada os fará retornar enquanto não detiver o conhecimento da região. Tem este compromisso assumido com o rei da Espanha. A Coroa exige-lhe os metais preciosos, que pensa encontrar neste ‘resto de mundo’.

Ao acaso e quase mortos, os aventureiros chegam às margens do Coca, afluente do Napo, mas o leito do rio, muito perigoso, encontra-se repleto de poços tenebrosos, impossíveis de serem atravessados.

A saída é caminhar por terra e tentar encontrar uma corredeira. Após 50 léguas perseguidas, eles resolvem lançar pontes para atravessar o rio. Do outro lado, encontram os indígenas Cocamas e o tuxaua Dalícola, com os quais fazem trocas por alimentos e prosseguem a viagem.

Mais setecentos quilômetros são percorridos. O desânimo, a fome, a disenteria e as moléstias desconhecidas abrem novas fileiras dizimadas. Pizarro manda socorrê-los, e Orellana, com quinze canoas, passa a viajar junto à sua expedição.

Embora tenha trazido remeiros desde Quito, numa esquadrilha de batelões e canoas, as adversidades vão pregando-lhes várias peças. A tripulação está atônita e insegura. Mas o sonho do país da Canela está aceso na determinação de Orellana, e ele reanima os tripulantes:

– Estamos nos aproximando do País da Canela – diz aos expedicionários.

A expedição depara-se com milhares de caneleiras nativas, balata, borracha e outras espécies florestais, que lhes atacam, ainda mais, o interesse pelas novas terras.

Os meses se passam na quente e densa selva, sem que os espanhóis consigam meios para prosseguir viagem. Comandada por Juan de Alcântara, esta primeira construção de tábuas, batizada de San Pedro, é uma embarcação esguia, veloz, feita à vela e com bancos para os remadores. Nela, embarcam enfermos e soldados. O restante da expedição segue por terra 70 léguas abaixo do rio Napo, onde Pizarro resolve montar acampamento. A comida começa a escassear. Orellana propõe uma busca de alimentos.

– Se não voltarmos no término de alguns dias, peço que tome cuidado e regresse a Quito – diz a Pizarro.

Sob a ordem de trazer-lhes alimento até o local onde se encontravam acampados, Pizarro confia-lhe o comando da expedição. É o dia 26 de dezembro de 1541. Orellana desce o rio no bergantim San Pedro, acompanhado de 60 homens, distribuídos em quatro canoas.

A embarcação bate constantemente em pedaços de toras de madeira e planas aquáticas. A correnteza das águas arranca os pedaços de barrancos que são arrastados pelas águas dos rios. O comandante traz uma expedição exausta e desanimada. Os mais doentes deitados no bergantim, e os mais fortes caminhando por terra, acompanhando o barco e procurando o que comer.

– Ninguém... Nenhum ser humano. Nada de alimento.

– O que fazer?

– Retroceder? – querem saber os tripulantes.

– Voltar com a correnteza horrível, o pessoal enfermo e sem nada levar a Pizarro? – pergunta Orellana.

– Não! Continuemos! – respondem os expedicionários, que reunidos em Conselho Geral, juram obedecer-lhe e seguir em frente. É o dia primeiro de março de 1542. Frei Gaspar celebra missa.

A demora de Orellana faz com que Pizarro perceba que a expedição não retornará. Após comer os cachorros e os cavalos, o aventureiro e seus companheiros começam a empreender o caminho de volta a Quito, concluído seis meses mais tarde. Acompanhado de seus homens, Orellana continua a navegar rio abaixo. Desce o Napo para entrar no Marañon, principal afluente do Ucaiali, até que chega, finalmente, a Caiamé³⁰. Em meio à forte correnteza e à ausência de povoações às margens do rio, a expedição continua viagem. O bergantim choca-se com troncos de árvores flutuantes. São feitos reparos. A fome atinge os expedicionários.

...

Após a leitura, Benjamim perguntou-me se eu sabia como os espanhóis conseguiam se comunicar com os índios.

– Através da língua geral. Isso aconteceu não apenas entre eles, mas com indígenas de vários grupos de línguas diferentes que mantinham contato entre si – respondi.

– Além da língua nativa, os grupos utilizavam a língua geral na comunicação e na relação de trocas. Você sabia que das 1.492 línguas faladas na América do Sul, cerca de 718, ou seja, quase a metade pertenciam ao território da atual Amazônia brasileira?

– Já sabia. É verdade que a maioria dessas línguas era de origem Tupi?

– Entre os grupos, 130 eram de origem Tupi, 108 Karib, 83 Aruak, 34 Pano, 26 Tukano, 66 Gê e o restante – entre línguas isoladas, ou não classificadas – em

³⁰ Rio Solimões. Do latim sublimatum, nome popular do sublimato corrosivo (bicloreto de mercúrio) e, por extensão, qualquer porção venenosa: sendo, portanto, chamado de “rio dos venenos”.

torno de 271. Foi exatamente por ser maioria que os missionários da Companhia de Jesus, os jesuítas, utilizaram uma das suas ramificações, o nheengatu, na missão pacificadora dos índios. No período da colonização, os índios do baixo rio Negro até a desembocadura do Amazonas, como os Barés, os Passés, Manáos, além de grupos Aruaks, foram todos “tupinizados”.

– Catequizados através da língua tupi?

– Exatamente!

CAPÍTULO XIII
O BERGANTIM VICTORIA

Eu não posso calar o que ouvi em meus ouvidos
e quis verificar logo que embarquei neste rio das
amazonas. Disseram-me, pois, em todas as
Povoações por que passei que havia mulheres no
seu país como eu lhas pintava e cada uma em
particular dava-me sinais tão constantes e
informes, que se não é assim, é preciso que a
maior mentira passe em todo o mundo novo pela
mais indubitável de todas as verdades históricas.

PE. CRISTÓVAO ACUÑA.

Quando retornamos à casa de Teresa, passava das 23 horas. No dia seguinte, sairíamos em nossa aventura rumo à terra das ykamiabas. O cansaço da viagem não impediu que, às primeiras horas da manhã, já estivéssemos prontos para partir.

– Já vão sair tão cedo? – perguntou Teresa, que nos preparava um café.

– Sim. Vamos atravessar o rio até Faro e, talvez, à tardinha, já estejamos de volta. Por favor, Teresa, diga à mamãe que não se preocupe se atrasarmos para o jantar.

– Pode deixar. Eu aviso.

Seguimos em direção à balsa, que logo atravessaria o rio até o município paraense. Em pouco mais de 30 minutos já estávamos do outro lado, circulando nos arredores da cidade. As caboclas às janelas das casas, as crianças às ruas, os homens às tabernas... Foi este o primeiro cenário que a cidade nos apresentou. Causou-me espanto que a poucos metros de entrada da cidade se localizasse um cemitério com uma grande quantidade de detalhes em preto, nas sepulturas. Imediatamente, lembrei-me da

expressão empregada por minha mãe e tive a impressão que a “terra de feitiçaria” estaria ligada aos inúmeros mistérios que cercam a sua história. Depois de caminharmos pelas curtas ruas, resolvemos parar num boteco para saber onde residia a senhora que procurávamos.

– É uma senhora morena, alta e forte?

– Sim, é essa mesma! – respondi.

– Ah, só pode ser a cigana – informou o cidadão. – Ela mora na primeira casa, dobrando a rua, à direita.

Agradecemos e seguimos até a casa indicada. Deparamo-nos com um letreiro onde estava escrito “Madame Marina”. Bati à porta e uma senhora franzina veio nos atender.

– Gostaríamos de falar com dona Marina.

– Um momento, por favor...

A senhora abriu a porta e, em seguida, apareceu madame Marina, vestida em uma roupa branca, com um turbante azul enrolado à cabeça e muitos colares em volta do pescoço. Cumprimentou-nos e nos convidou a entrar:

– Por favor, sentem-se! – disse, apontando para o sofá e fazendo um sinal para a senhora que nos atendeu.

– Ivete, traga-nos um suco de taperebá. Vocês aceitam?

Aceitamos, eu e Benjamim.

– Então, este é o professor Benjamim, que a está orientando na pesquisa?

– Como vai, senhora?

– Vocês querem conhecer o Monte Ykamiaba e o lago Espelho da Lua, não é isso?

– Sim. Esse é o objetivo que nos trouxe aqui – respondeu Benjamim.

– E eu vou ajudá-los – ela nos disse. Disponho de uma pequena lancha e tenho alguém para levá-los até o local, mas o combustível fica por conta de vocês...

– Está ótimo! Para nós já é o suficiente! – disse Benjamim.

– Obrigada! – agradeceu-lhe.

– Não há de quê! Agora vocês devem ir, para que não fique muito tarde e possam retornar com segurança, ainda hoje. Aqui está o endereço da pessoa encarregada de levá-los. Fica numa rua próxima. E, entregando-me um papel com a anotação, disse:

– Ele guiará vocês até lá.

– Mais uma vez, obrigada!

– Tudo bem, Yara, sucesso no seu trabalho...

– Obrigado também pelo suco. Estava uma delícia! – acrescentou Benjamim.

– Até logo!

– Yara, gostaria de falar-lhe antes do seu retorno a Manaus.

– Não se preocupe, só retornaremos na quinta.

– Estarei aguardando... Façam um ótimo passeio!

No endereço indicado, fomos atendidos por um rapaz atencioso, chamado Manoel, conhecedor da geografia do lugar. Depois, saímos em direção à praia, onde a lancha estava ancorada e atravessamos a cidade para abastecê-la. Benjamim fez algumas compras para o lanche. A viagem até o Monte Ykamiaba teve início no porto de Nhamundá, às 10 horas, e prosseguiu tranquila durante três horas, em direção à Serra da Lua.

Estávamos vivendo um sonho. Nem parecia verdade que nos dirigíamos, agora, ao monte das mulheres escondidas dos homens, as mulheres a quem costumavam chamar de doidas, “sem lei e sem maridos”. O barco contornou a costa do lugar e se aproximou das suas brancas praias. Manoel atracou a lancha nas areias do Monte Ykamiaba, prendendo-a com uma corda em volta de uma árvore. Adentramos o interior

das terras e fomos parar num grande lago. Tirei os sapatos e pisei na areia. Benjamim fez o mesmo. Em seguida, entramos no lago. Molhei os pés, as pernas, o rosto e fiquei parada, entre árvores e pássaros, a contemplar a beleza do lugar. Depois, mergulhei de corpo inteiro no lago. Benjamim me observava, encostado a uma árvore. Também parecia extasiado. Estávamos no lago Yacy-Uaruá, o mítico lago das ykamiabas. Enquanto mergulhava, talvez ele estivesse a refletir sobre tudo que transcorreria desde aquele momento em que notou o muyrakytã em meu pescoço.

Um misto de felicidade e tristeza tomou conta de mim. Estar ali era um sonho. Mas como esse sonho se desenvolveu no tempo? Onde foi parar esse sonho? Onde estariam as ykamiabas agora?

Benjamim continuou sentado a me observar. Parecia emocionado. O lago mítico existia, era real! O guia Manoel revelou-nos a existência de outro lago nas proximidades. Benjamim quis conhecê-lo. Deixei o Espelho da Lua para acompanhá-los. Um pouco mais para dentro, nós nos deparamos com o lago Princesa, também mítico, descrito no ciclo das ykamiabas. Aproximei-me de Benjamim e nos abraçamos, emocionados.

Manoel nos convidou a subir a serra, mas encontramos dificuldades. A mata estava fechada, não seria prudente avançarmos. Se estivéssemos de botas, para evitarmos picadas de cobras ou de outros animais peçonhentos... Prefери não arriscar. Mas estava feliz. Benjamim nos chamou para um lanche às margens do lago, onde comemos pão com queijo, bananas e balas de cupuaçu, que ele comprara no porto de Nhamundá.

Eram 16 horas quando Manoel nos avisou que seria melhor que retornássemos, para que não chegássemos muito tarde. Ainda fizemos algumas fotografias dos lagos e de vários ângulos da serra. Voltei a entrar no Espelho da Lua, seguida por Benjamim, que desta vez não resistiu e mergulhou também. Quando íamos embora, Manoel desviou o caminho e nos levou a uma pequena ilha, situada em frente ao Monte Ykamiaba.

– Este pequeno pedaço de terra é um cemitério – disse-nos.

– Cemitério? – perguntei, com surpresa!

– Sim. Vejam aquelas cruzes. Alguns nativos costumam enterrar seus mortos aqui.

Descemos da lancha e pisamos na terra por alguns instantes. Quando retornamos a Faro, já era noite. Agradecemos a Manoel, prometendo voltar no outro dia para visitá-lo. Passamos rapidamente na casa de dona Marina, para agradecer-lhe e dizer que retornaríamos no dia seguinte. Entramos na balsa que faz a travessia e chegamos à casa de Teresa. Depois, saímos para jantar num restaurante localizado à entrada da cidade.

Precisávamos conversar sobre a terra das ykamiabas. Estávamos entusiasmados, pois conseguíramos chegar ao lugar onde somente os eleitos tinham acesso. Não tínhamos ideia de como repartir com outras pessoas o que acabávamos de descobrir. Era preciso muito cuidado ao tocar nessa história tão cheia de verdade e magia. Mas estávamos dispostos a encarar o desafio.

– Agora que conheço este lugar, passei a me preocupar com ele. Temo que a ganância dos poderosos venha destruir todo esse patrimônio.

– Há que se preocupar, realmente, Yara, pois existem denúncias de que estão retirando pedras daquelas encostas.

– Verdade? Que tipo de pedras?

– Pedras verdes existentes em toda a sua área. Têm mineradoras interessadas nas suas jazidas de pedras.

– Deveríamos pensar numa forma de proteger esse lugar, não é mesmo?

– É uma bela ideia!

– Vamos pensar nisto?

– Vamos!

– Você tem sido maravilhoso, Benjamim. Tenho tanto a lhe agradecer pelo apoio, pela sua cumplicidade, sua amizade...

– O que fazemos por amor não carece de agradecimento, Yara. Faço-o espontaneamente, de forma natural... – respondeu.

– Amor? – perguntei.

– Você não acha que existe amor nas nossas atitudes?

As palavras de Benjamim me encabularam. Se a sua intenção foi traduzir algum sentimento, conseguiu mexer comigo.

Depois do jantar, caminhamos pelas ruas da cidadezinha, observando, da orla, a cidade de Faro. Senti uma vontade de chorar, mas afoguei as lágrimas nas palavras que encontrei para expressar a felicidade de conhecer aquele lugar mágico. Voltamos pra casa. Lá, Benjamim ofereceu-me o seu notebook que trouxera na viagem. Debrucei-me sobre a pequenina mesa da sala e, enquanto todos dormiam, continuei a escrever a história das ykamiabas.

...

São dois meses de descida. A expedição deixa as águas do Napo e chega ao Caiamé. A fome é tanta que os espanhóis são obrigados a consumir o único alimento que antes não ousariam tocar: a farinha que Carvajal guardara para as hóstias.

– A correnteza é muito rápida...

– A fome nos mata...

Ao prosseguir viagem, Orellana romperá com a ordem de Pizarro e seguirá, correnteza abaixo. “Não. Retornar, nunca!” – haviam lhe respondido os expedicionários. A intenção de todos era prosseguir. A expedição abandonara Pizarro em seu acampamento na foz do Coca e seguirá viagem. Os espanhóis não sabiam, mas a notícia de que havia estrangeiros na região se espalhou rapidamente pelos longínquos recônditos da floresta, através do potente ressoar dos tambores. Os índios tocavam o torocano³¹, e os sons repetiam-se em cada lugar onde era escutado. Como num eco, a mensagem repercutiu mata adentro.

³¹ Torocano (toró: ruído grosso; caa:vegetal; no, noi: o que é próprio, o que tem consigo e lhe é natural). Telerressoador constituído por um tronco de madeira de lei, a mesma madeira empregada em canoas, escavado a fogo, com percussores revestidos de látex de sorva. É suspenso em dois esteios e grossas forquilhas de cipós e quatro estacas e sustentados com cordas em uma trave. Assim, não apenas fica suspenso no ar, como também protegido, uma vez que é tocado apenas em ocasiões de guerra ou de perigo iminente. Este sinalizador, que emite mensagens a longas distâncias, é percutido por um macete.

É costume dos que ouvem essa “caixa de guerra”, como é conhecido o torocano, recolherem-se às suas malocas e se armarem com flechas e tacapes para não serem pegos desprevenidos pelo inimigo. O tambor, feito do tronco de árvores, escavado por dentro a fogo, possui a capacidade de ser ouvido a uma distância de três ou mais léguas.

Os índios observavam tudo o que se passava nos rios através de espias e atalaias, escondidos nas árvores. Ao menor sinal do que viam, mesmo longe, davam o aviso às povoações que se encontravam próximas; e estas, sucessivamente, iam repetindo o sinal. Assim, à aproximação do inimigo, tocavam o rebate e avisavam as outras nações aliadas.

Orellana desconhece que está sendo vigiado. A expedição procura povoações pelas redondezas, até chegar a um povoado. O bergantim San Pedro desembarca no senhorio dos Aparias, ou Aparians, no alto Caiamé. Orellana toma posse das terras em nome da Coroa Espanhola.

– Em nome do rei da Espanha, Carlos V, o imperador de todas as Índias, e do comandante Gonçalo Pizarro, tomo posse dos povoados dos índios Aparias!

Os espanhóis olham. Desejam a terra. Querem se apossar daquilo que veem. Sentem que tudo pode lhes pertencer, se for este o desejo da Coroa. Na língua comum³², Orellana tece considerações sobre o seu Deus. Diz que é o único e verdadeiro. Que criou todas as coisas. Que os índios vivem de maneira errada, por isto estão distantes de Deus e em pecado. Que precisam mudar seus costumes para serem perdoados.

Para os tuxauas reunidos, tudo não passa de uma encenação. Hirimara, Paraita, Dimara, Harunara, Aparia, Macuyana, Guaricota e Mapiare, da Nação Aparia, assistem, com indiferença, Orellana intitular-se dono de suas terras.

Afora o comportamento desvairado dos espanhóis, que devoram com fúria tudo que lhes é oferecido pelos indígenas, a recepção parece ocorrer de forma normal. Um banquete à base de guisado de aves e grande variedade de peixes lhes é preparado. Em

³² Muitos povos habitantes da Amazônia eram de origem tupi e utilizavam a língua geral para se comunicar entre si, embora falassem suas línguas específicas. O tupi foi utilizado na Amazônia no século XVII, para servir como veículo de comunicação nas aldeias missionárias. Foi suplantado pelo português no século XIX.

igaçabas de barro³³, eles tomam koya, uma bebida fermentada, obtida do cozimento da macaxeira.

Vários inambus, espécie de perdizes amazônicos, passeiam ao redor da aldeia. Orellana insiste em confirmar a lenda de que por aquelas paragens existem mulheres guerreiras, cunhãpiuiaras³⁴, com muito ouro e prata. Mesmo não obtendo dos indígenas respostas satisfatórias, o comandante deseja prosseguir viagem. Porém não quer correr mais riscos. Não se sente seguro em viajar sobre canoas. A expedição precisa do reforço de um novo bergantim para enfrentar a correnteza do rio Caiamé.

Com a ajuda dos Aparia, a tripulação constrói, no meio do mato, um novo bergantim, mais robusto que o primeiro, calafetado com algodão e breado com pez extraído da resina das árvores³⁵.

Para a construção do novo bergantim, os espanhóis contam com muitas espécies de madeira à sua disposição: cedro, granadilha (madeira da cor do pau-brasil) e salsaparrilha. Assim, em 35 dias de trabalho, fica pronto o bergantim.

As condições são outras. Orellana oferece prêmio de 1.000 castellanos em ouro a quem quiser voltar ao acampamento. Como não há voluntário, eles resolvem prosseguir.

– Este bergantim será a vitória da expedição – assegura Orellana.

Abandonando as canoas, a expedição embarca no bergantim Victoria e segue, junto ao outro bergantim, rio abaixo, até alcançar a província de Machiparo, região rica de cerâmica e peixe. É maio de 1542.

³³ Igaçabas. Igaçauas. Potes ou vasilhas utilizadas para beber vinho.

³⁴ Cunhãpiuiara. Mulher dona do caminho (cunhã: mulher; pi ou pê: caminho; iuiara, iara: sujeito da ação, dono). A etimologia da palavra supõe que seja este o seu significado, o que não representa surpresa, já que tudo leva a crer na existência independente dos demais grupamentos.

³⁵ Dela fazem uso os índios para brear seus ubás. Há tanta resina nas árvores que os espanhóis poderiam calafetar centenas de ubás e bergantins.

Os espanhóis avistam muitas malocas ao longo dos rios de águas verdes e transparentes. Inesperadamente, uma flotilha enorme de 180 ubás, com milhares de indígenas, põe-se a persegui-los. Os expedicionários quase são massacrados, mas conseguem livrar-se e continuam viagem pelo Caiamé, tão cheio de beleza. Mais uma vez, atacados pela fome, alimentam-se de ervas e frutos selvagens.

Frei Gaspar celebra missa. Roga a Deus que os livre de tamanho sacrifício e desespero!

– Ir adiante e seguir o rio. Resta-nos morrer ou ver o que há nele.

Ao final do dia, eles ouvem o ressoar dos tambores na floresta. Aproximam-se do território dos Yarimans, o mais densamente povoado do rio Amazonas, onde se encontram distribuídos em famílias nucleares 550 habitantes por aldeia. Estão nas terras do cacique Paguana, onde os pajés da tribo realizam um ritual. Besuntados de branco, soltam cinzas pelo ar, ao som de flautas japurutus de diversos tamanhos.

Novamente os espanhóis são bem recebidos pelos habitantes locais. Apreciam a cerâmica, saboreiam diversas frutas, entre elas abacates, abacaxis e ingás. Comem beijos, que lhes são oferecidos, mas saem depreciando o comportamento dos indígenas.

– Aldeia de índios bobos!

Neste mesmo dia, saindo dali, a expedição entra na boca de outro rio grande. Escuro, Orellana dá-lhe o nome de rio Negro. É o dia 3 de junho de 1542, quando ao se deparar com o rio Quiari, a tripulação vê, pela primeira vez, o encontro das águas que não se misturam: a negra e a barrenta. A negra como tinta impressiona os espanhóis, que vão observar este encontro numa distância de 20 léguas.

– Estamos num rio muito escuro!

– Rio que tem a cor de âmbar.

Orellana contempla o rio, observando o fenômeno que se estende pela margem norte, até que as águas, finalmente, se misturam numa pequena faixa, com coágulos de uma na outra.

– Rio de meninas e mulheres guerreiras. – rememora.

– Rio de Amazonas! – reitera Carvajal

O comandante da expedição lembra que ouvira falar das mulheres guerreiras. Imagina-as tais quais as lendárias gregas, exuberantes, montadas em cavalos e com o seio direito amputado.

A costa norte do rio Quiari, o Negro dos espanhóis, é formada por diversos rios, onde habitam grupos indígenas, entre eles os Muras³⁶, os Manáos³⁷ e os Barés³⁸.

A expedição avista araras de longas caudas de penas vermelhas e azuis, com as quais os índios confeccionam seus cocares – os adornos de cabeça que costumam utilizar em suas festas e rituais.

³⁶ Nação indígena do Rio Paraná-Guassu e seus afluentes, desde a Serra Parintins até as Ilhas Omáguas. Pretende-se oriunda do Peru, de onde migraram ressentidos da legislação dos incas. De estatura regular, em grande parte barbados, e mulheres vistosas e agradáveis. Costumavam navegar pelo baixo Caiari ou Kaiari (Waupez), Quiari (Negro) e Hiapurá (Japurá), guerreando, roubando, comendo gente, escravizando e trocando produtos. Os lagos de Autazes são sua residência.

³⁷ Os Manáos vivem entre o rio Quiari e os seus afluentes, como o Uarirá e Xiuará, segundo Lourenço da Silva Araújo e Amazonas. Nação valente, antropofágica, tem ideias maniqueístas, designadas por Sarauá e Marahui, os princípios do bem e do mal.

³⁸ Da família linguística Aruak, mas depois da colonização adotaram a língua geral ou o nheengatu. Constitui a Nação indígena que mais se distribuiu na Amazônia. Hoje habitam o rio Xié, na área conhecida como Noroeste Amazônico.

CAPÍTULO XIV
ORELLANA PROCURA AS AMAZONAS

A maior coisa depois da criação do mundo,
tirante a reencarnação e morte
daquele que o criou, é o descobrimento das
Índias, a que chamam Novo Mundo.

FRANCISCO LOPES DE GÓMARA

– É um rio muito grande e poderoso! – comenta Orellana.

Passam pelo Kayary³⁹, rumo à ilha de Maturá.

– Dizem que pertence às mulheres guerreiras. – assente Carvajal.

– Rio de amazonas...

Aproximavam-se da Ilha de Maracá⁴⁰, região da Mundurakania, à margem direita do rio Paraná-Guassu, oito léguas acima da foz do Kunury. Orellana encontra um povoado que o chama de Província de Picotas, pela quantidade de crânios espetados em estacas, em frente das casas. São, ao todo, sete mastros enfeitados com cabeças de prisioneiros mortos.

Mesmo com fome, os espanhóis não têm coragem de atracar para fazerem o reconhecimento do lugar. Temem que os índios sejam arredios. E são! É costume dos Mundurukus, mais ainda que os Muras, matar os inimigos e usar os seus crânios presos nas cinturas, numa ostentação de poder.

Orellana tenta acalmar a expedição exausta e com fome. Algumas horas a mais no correntoso rio e os tripulantes adormecem. O calor já não os incomoda, e os ventos proporcionam um alívio temporário.

³⁹ Nome substituído por Madeira, pela quantidade de toras arrastadas em sua corrente.

⁴⁰ Tupinambarana.

É que durante o inverno, nessa região de clima temperado, os ventos varrem a secura do ar, tornando a temperatura mais amena nos meses de abril, maio e junho. No mês de junho, especialmente, ocorre uma friagem proveniente de um fenômeno do polo antártico.

A expedição alcança outro povoado. Os espanhóis decidem desembarcar à procura por alimentos, mas são recebidos a flechadas. A expedição, porém, não desiste. Aproveitando-se do descuido dos índios, localizados à beira dos barrancos, aguardam o momento oportuno para o ataque. Assim, tomam conta do povoado. Muitos saem gritando para dentro das matas, enquanto outros resistem armados de arpões e flechas. A expedição consegue abater o cacique que os vinha animando ao combate.

Recuados em suas malocas, eles são intimidados pelos espanhóis que, aproveitando-se da situação, fazem uma índia prisioneira. As casas são queimadas e tudo que pode servir como alimento é saqueado. Os espanhóis deixam o povoamento às gargalhadas.

– He, he... Povo queimado, povo queimado!

Enquanto os índios, apavorados tentam livrar-se do incêndio, os espanhóis embarcam nos bergantins, levando consigo a índia raptada. Partem em direção à ilha da região do Uatumã. Orellana tenta dialogar com a índia, diante dos olhares curiosos dos expedicionários, que se aproximam para ouvir a conversa. A índia o informa da existência de homens brancos no novo povoado, que vivem com as mulheres da tribo e têm filhos com elas. Orellana imagina serem sobreviventes de uma expedição que deixara Sevilha em 1531, com Diego de Ordás e Juan Cornejo, naufragando no Marañon. Diego de Ordás alcançou a foz do Orenoco, a embocadura norte do rio Quiari, a foz do Oiapoque, dez anos antes que Orellana. Mas a nau se perdeu com grande número de espanhóis, entre eles, o comandante Juan Cornejo.

Pernoitam na aldeia, mas são surpreendidos por uma chuvarada de flechas envenenadas com caroços de tucumã furado. Resolvem seguir viagem entre os paranás e furos da região⁴¹. Contornam a ilha de Maracá e passam por diversas povoações espalhadas no rio Paraná-Guassu⁴².

⁴¹ Paranás e furos: pequenos braços de rios contornando ilhas. Paraná: um braço de rio mais ou menos caudaloso e extenso, verdadeiro canal a permitir a franca navegação até de embarcações de grande

- Índios... índios por toda parte!
- Onde as jazidas de ouro e prata?
- Onde o reino das mulheres guerreiras, tão faladas e temidas pelos selvagens?

Orellana quer, a todo custo, informações da região das míticas mulheres. Depois de muito insistir junto à prisioneira, sem lograr êxito, entrega-a aos espanhóis para que, sem dó ou piedade, cometam toda sorte de abusos carnavais e sevícias, despejando-lhe depois, o corpo, quase morto, às margens do rio.

Em 22 de junho de 1542, os tripulantes encontram um povoado para aportar. Bem recebidos, bebem parajuaru⁴³ e comem beijos. Os habitantes da aldeia trajam roupas de algodão e portam artefatos de fina fibra de tucum e tururi.

No dia seguinte, passam por outro povoado. É véspera de São João, e eles procuram um lugar para festejar o santo.

Benjamim encontrou-me pela manhã à saída do quarto. Vinha do corredor que dava para o quintal da casa de Teresa.

- Que horas são? – perguntei.
- Quase dez.
- Quero mostrar o que escrevi a você.

Sentamos no sofá da sala. Peguei o notebook de cima da mesa, abri o arquivo e mostrei o que escrevera na noite anterior.

Após ler o texto, o professor comentou:

- Vejo que inseriu a presença dos expedicionários em sua narrativa.

calado. Braço com saída a montante e a jusante do mesmo rio. Do tupi paranan-miri: pequeno paraná, a permitir ou não a navegação em montarias, igarités; furos: pequenos cursos d'água, que unem os rios entre si ou rios e lagos.

⁴² Locais onde hoje se encontram erguidas as cidades de Itacoatiara, Itapiranga, Urucará, Barreirinha, Parintins e Juruti Velho.

⁴³ Caxiri. Cerveja indígena.

– Senti que devia explorar os fatos ocorridos ao tempo da conquista.

– Quero lhe perguntar uma coisa...

– Pode perguntar! – respondi animada.

– Por que você colocou a indígena como vítima da selvageria dos espanhóis?

– Você não acha que foi isso que aconteceu?

– Não sei!

– Embora o relatório não faça menção ao fato, é presumível que isso tenha ocorrido.

Benjamim manteve-se pensativo. Perguntou-me:

– Você passou a noite acordada?

– Fui dormir às cinco da manhã!

– Que disposição! Ainda bem que dormiu um pouco.

– Estou bem! Apenas um pouco sonolenta, mas nada como um café forte para me deixar desperta.

– Quero saber uma coisa mais...

– O quê?

– O que você pensa fazer com essa história?

– Não sei, ainda. Por quê?

– Não, não é nada demais! É que... andei pensando... – Benjamim parecia ter algo a dizer, mas, por alguma razão, conteve-se. Vamos deixar para conversar sobre isto numa outra hora. Que tal tomarmos café?

Fomos à cozinha e encontramos dona Maria, a cozinheira, que nos serviu café, com bolo de macaxeira.

– Onde estão todos? – perguntei.

- Saíram cedo para o sítio de dona Teresa. Vão voltar só à tardinha.
- Nós também já estamos de saída. Não se preocupe conosco.
- Dona Yara, eu só pretendo sair mais tarde, mas deixarei o almoço de vocês pronto. Venham almoçar aqui.
- Obrigada, dona Maria, acho que viremos, mesmo.

Tomamos o desjejum e saímos, em seguida, para atravessar a Faro, a fim de agradecermos o apoio de dona Marina e também de Manoel, que nos conduziu até o Lago Espelho da Lua. Benjamim propôs fazermos isto em separado. Ou seja, enquanto eu conversasse com ela, ele estaria indo até a casa do piloteiro.

Benjamim sabia de meu interesse em conversar a sós com aquela senhora. Havia algo que ele desconhecia e que só a mim poderia ser dito. Assim, preferiu deixar-me à vontade.

Eu tinha muita curiosidade! A primeira: saber o nome daquela pessoa que dizia ser meu pai.

- Enki é o seu nome – ela revelou.
- Enki! – repeti. Como ele sabe que é meu pai?
- Quando ele voltou à Turquia, soube por um colega de trabalho que chegara da região de Nhamundá, que sua mãe estava grávida. Isto ele me disse há pouco tempo, quando conseguiu localizar vocês. Ele queria confirmar esta informação.
- E por que não procurou se comunicar com minha mãe?
- Ele tentou na época em que soube, mas vocês já não estavam em Nhamundá. Minha irmã Juçara, que sua mãe conheceu, não pôde informá-lo. Doente, ela raramente saía de casa.
- Sua irmã vivia em Nhamundá?
- Sim, mas veio morar comigo quando o marido morreu.
- Como posso conhecê-lo?

- Você quer conhecê-lo?
- Você disse que ele trabalha com arqueologia.
- Sim. Viaja para várias partes do mundo a trabalho.
- Ele tem família?
- Pelo que sei, não. Pareceu-me um homem sozinho e quase não para em Istambul.
- Onde ele se encontra, agora?
- Está na Suécia, a serviço de um museu. Depois irá à Grécia para rever uns parentes.
- Como posso conhecê-lo?
- Ele deverá procurá-la.
- Você tem alguma fotografia dele?
- Não! Também não o conheço pessoalmente.

Fiquei curiosa em saber mais sobre meu pai. Cheguei a pensar se aquele vazio proveniente de uma infância de silêncio poderia ser preenchido. Seria essa a chave do enigma que ele me propunha de outra parte do mundo? Quis retornar à casa de Teresa, naquele momento.

– Obrigada pelas informações, dona Marina. Estaremos retornando a Manaus amanhã de manhã.

– Foi um prazer conhecê-la, Yara. Desejo sucesso a você.

Fui ao encontro de Benjamim. Da janela da casa de Manoel, fui informada de que haviam saído para abastecer a lancha.

- Você não quer entrar para aguardá-lo? – perguntou-me a moça.
- Obrigada, mas preciso voltar. Diga-lhe que decidi retornar a Nhamundá.

Ao chegar a casa, ainda encontrei dona Maria, com quem almocei. Depois, arrumei a mesinha no canto da sala e voltei a escrever.

CAPÍTULO XV

O ENCONTRO COM AS MULHERES GUERREIRAS

Quando a força do ser é apresentada
abertamente como feminina, uma
deusa mãe da terra dá a luz
espontânea e independente,
sem a necessidade de um varão.

BARBARA C. SPROUL

No dia seguinte, 24 de junho de 1542, na confluência do rio Paraná-Guassu com o Kunury...

– Vejam, são mulheres primitivas. Está confirmada a notícia dos tuxauas.

As ykamiabas estão subindo o monte, quando avistam os estrangeiros. Mais que depressa, trocam objetos de uso doméstico por armas de guerra. Com os cabelos amarrados em volta da cabeça para melhor combater os intrusos, elas se preparam para o ataque. Recebem reforços da região vizinha, os Kanurys⁴⁴, que, de passagem pela região, ouvem o som do torocano, aproximam-se, e, divididos em grupos, espalham-se por todos os lados. A expedição é pega de surpresa. Rapidamente, Orellana reúne a tripulação para revidar o ataque. Os espanhóis descem dos bergantins aos poucos, e, espalhando-se em canoas, atiram num grande exército de índios que se forma à sua frente.

– Eles já sabiam da nossa presença! – grita Orellana aos expedicionários.

O som do torocano anunciara a presença de estranhos nos povoados e ajudara a prepará-los para um possível ataque, conforme acontecia. Mesmo em pequeno número, as mulheres guerreiras, coligadas aos vizinhos, combatem a expedição. Cobertas com pequenas tangas, elas se escondem entre as árvores para desferir-lhes com mais segurança suas flechas.

⁴⁴ Tribo vizinha das ykamiabas, localizada no rio Trombetas.

Os espanhóis querem vê-las de perto. Aproximam-se da costa, sem se importarem com a grande quantidade de flechas e paus atirados em sua direção. Curiosos, querem conferir a habilidade das decantadas mulheres.

Impressionados com a sua altura, observam-lhes a pele bronzeada, os ombros largos, os cabelos trançados e enrolados à cabeça, e a nudez à mostra, que parece não deixar dúvida quanto à natureza feminina. Para se defenderem, elas reagem. Os espanhóis respondem com armas de fogo, arcabuzes e balestras.

Em meio a flechadas, eles não deixam de tecer considerações sobre a condição física das mulheres, que atacam com vigor seus inimigos:

– Como as guerreiras
que habitavam a Ásia Menor

A ilha de Thermodonte⁴⁵
A costa do Ponto Euxino

– As amazonas da Trácia
e as que matavam os meninos

– Se educavam as meninas
enfureciam os deuses
Que, irados, professavam
a morte da rainha

– Dos doze trabalhos de Hércules
O nono, decerto,
feriu a nação feminina

⁴⁵ Ilha às margens do Thermodonte ou Thermodon. Chamava-se Themiskyra.

Enlouquecidas de raiva, as ykamiabas travam intenso combate com os espanhóis. Quando tentam se aproximar, os bergantins são atingidos e ficam furados feito paliteiros. O comandante tenta chegar cada vez mais perto das guerreiras. Num discurso histérico, Orellana ressalta a natureza bélica das mulheres:

– Delas já ouvimos falar

Dizem que vivem em bandos

E que seus filhos, elas fazem

em determinada época do ano

– Dizem, ainda, que delas

os homens imitam costumes

Pois, enérgicas, estimulam

muitos deles para a guerra

A expedição é obrigada a manter constante recuo pela quantidade de flechas desferidas pelas ykamiabas, que rebatem com um grito de guerra as exaltações do comandante da expedição:

– Custam a acreditar

na força da nossa Nação

Nossas vozes que ecoam

no silêncio da floresta

– Um grito à nossa liberdade

Um basta a essas invasões!

Não tememos a morte

Somos filhas da guerra

E o perigo é, para nós, razão de orgulho e luta!

Orellana delira:

– Oh! São João

Bendito sejas, Batista!

Encontramos nessas terras

as mulheres da conquista!

Oh! Gaspar de Carvajal

relates em teu Diário

que nesta terra tem palmeiras

e tem mulheres guerreiras!

Pentesileia, oh grande rainha!⁴⁶

Venha ao socorro de Troia

Harpalice⁴⁷ reduz a Trácia

ao teu poder, com tua velocidade!

Hipólita cerca teu reino⁴⁸

com tuas armas mais fortes

⁴⁶ Lenda tebana.

⁴⁷ Célebre pela rapidez na corrida, reduziu a Trácia ao seu poder.

⁴⁸ No tempo de Hércules, reinava Hipólita.

E impede que Hércules
teu reino desfaça em pedaços

Orellana ressalta o porte físico das ykamiabas. Aproxima-se mais, perseguindo a obstinada intenção de travar contato com as guerreiras, no que é fortemente reprimido.

– Vede! Seus seios não são mutilados...

Elas rebatem:

– Temos os seios saudáveis
e os caminhos manchados de sangue
Temos a força dos homens
e a habilidade das desusas!
Não cortamos nossos seios
para manejarmos o arco
Aprendemos desde cedo
a conhecer a batalha
pela nossa liberdade!

Os espanhóis percebem tratar-se realmente de um reinado de mulheres guerreiras. Lembram o que ouviram sobre estas mulheres: casas de pedras, repletas de ouro e prata... Tesouros... Riquezas...

– Aqui demos de chofre
na boa terra
e senhorio das amazonas

A terra das cunhãs ykamiabas
As mulheres sem homens

Em meio ao combate, Carvajal é atingido por uma flechada no olho. Enquanto isso, Orellana faz um indígena prisioneiro. O guerreiro, aparentando uns 30 anos, esperneia entre as águas, mas os espanhóis mantêm-no seguro pelo braço.

– Qual é o seu nome? – pergunta, na língua geral, o comandante da embarcação.

– Kenina – ele responde.

Interessado em informações sobre as mulheres guerreiras, Orellana crivou de perguntas:

– Quem são estas mulheres que você ajudou a guerrear?

– São mulheres que residem mata adentro.

– Onde?

– Entre quatro a cinco dias da costa do rio.

– Por que estavam entre vocês?

– Vieram proteger as suas terras?

– Elas são casadas? Vivem com homens?

– Não.

– De que maneira vivem, então?

– Vivem sozinhas.

– Como sabe?

– Eu já estive, muitas vezes, em visita, levando-lhes tributos⁴⁹.

– Elas são muitas?

⁴⁹ Presentes.

– Sim. Eu mesmo conheço umas 70 casas delas.

Orellana insiste em obter mais detalhes da vida das ykamiabas, mas o indígena não oferece informações seguras ao invasor. Fala das mulheres que se dedicam ao culto solar e cerimonial mágico-religioso, de casas de pedra, com paredes cobertas de ouro.

– Suas casas não são de madeira?

– São de pedra, com muitas portas.

– E são muito grandes?

– Sim. Mas muito vigiadas.

– Essas mulheres têm filhos?

– Sim.

– Se vivem sem homens, como podem engravidar?

– Essas mulheres se encontram com homens em determinada ocasião, quando lhes vem o desejo. Depois se vão.

– E o que fazem com os filhos?

– Os filhos homens elas matam ou entregam aos pais. As filhas mulheres são muito bem criadas e passam a obedecer a uma senhora, a quem chamam de Condory.

– Elas têm ouro? – Orellana chega ao seu objetivo.

– Existe ouro nas cinco casas do sol, onde elas realizam os seus rituais. São casas arredondadas, chamadas caranaí, forradas com plumas de papagaios e hucumaris de muitas cores. Elas se vestem com roupas de lã e andam com muito ouro e prata.

Impressionados com a possibilidade da existência de reservas auríferas na terra das ykamiabas, os espanhóis não percebem que as informações prestadas pelo indígena são referentes à cultura andina.

– É a província de São João das Amazonas! – gritam os espanhóis.

Neste momento, Orellana vê surgir das águas um homem pintado de preto, corpulento e alto, de aspecto feroz:

– Ele come gente! – reage o prisioneiro.

Os espanhóis, assustados, soltam o indígena, que se atira nas águas do rio Kunury e desaparece da vista dos espanhóis. A expedição segue viagem, abandonando a região das ykamiabas e deixando para trás oito guerreiras mortas.

No relatório de viagem de Frei Gaspar de Carvajal, o diálogo entre Orellana e o indígena aprisionado abre margem para muita controvérsia. Os espanhóis queriam impressionar a Coroa, por isso é provável que tenham fantasiado o discurso. Considerações à parte, minha intenção era proporcionar um olhar sobre a presença desses invasores na região.

À primeira vista, a impressão é de que, ao prestar informações incorretas sobre a região, o indígena estaria atizando a curiosidade dos espanhóis a voltarem para explorar as áreas em questão. Mas se viesse a negar o que os espanhóis tanto desejavam confirmar, estaria provocando a sua ira. Enfim, eles que se embrenhassem novamente na floresta para conferir...

CAPÍTULO XVI

A NECRÓPOLE DE TACOERA

Na noite dos tempos, o feminino reinava
no universo mítico-religioso com duplo
aspecto: a vida (agrícola e parturiente) e a
morte (do celeiro e do túmulo). A mulher é a
terra: não só húmus que desenvolve o grão, o
solo que recebe o defunto.

FRANÇOISE D'EUABOONE

As ykamiabas recolhem os corpos das companheiras e sobem o Monte Ykamiaba, num canto fúnebre de tristeza e dor.

– Perdemos nossas irmãs
mas não perdemos a coragem
Oh! Grande Mãe da Terra
recebe a nossa luta
como prova da nossa resistência!

É final de tarde, quando várias flotilhas de ubás deixam a Serra da Lua, rumo à necrópole de Tacoera. As ykamiabas levam em seus camotis⁵⁰ os corpos das guerreiras. Como os Aruaks, que enterravam seus mortos na necrópole de Mirakanguera⁵¹, elas seguem em direção ao cemitério localizado numa ilha próxima ao Monte Yacy-Taperê.

Desembarcam com os corpos até um local reservado, onde chorarão a perda de suas companheiras. Envolvidos em cipós, os corpos são suspensos a uma árvore, de

⁵⁰ Urnas preparadas de barro, onde os mortos ficam em posição uterina.

⁵¹ Cemitério situado à margem esquerda do rio Paraná-Guassu, abaixo de São José do Amatary.

onde vão arriando, aos poucos, às suas covas. Com elas, seguem também seus instrumentos de guerra: os arcos e flechas que lhes pertenceram.

As ykamiabas despedem-se das companheiras com um canto triste:

– A dor e a tristeza corrompem
os nossos mais belos sonhos
Não cedamos a elas!
Busquemos a harmonia expressa
nas belezas da floresta!
Façamos da nossa resistência
um canto de festa!

– A tristeza que ora invade o ar
O sentimento da perda no olhar
não calarão nossa voz!
A dor que também dói sem jeito
atíça a ira do peito
renova a força entre nós!

– Mas há algo estranho no ar que desconhecemos
Algo que não queremos...
E contra o qual lutaremos incansavelmente!

Em volta dos aterros sepulcrais, as guerreiras lamentam a morte das suas companheiras. Mas firmes, consolam-se ante à proteção da Mãe dos Muyrakytãs.

– A mãe deu-lhes a vida
O karayua a tirou!

No retorno ao Monte Ykamiaba, elas fazem uma grande fogueira, ao redor da qual se juntam para lembrar os momentos passados com as companheiras mortas. Riem muito e alto, pois acreditam na força deixada pelas guerreiras, agora recebidas no colo da Mãe Terra. Sabem que ela lhes dará resistência para o combate heroico contra os inimigos.

Presente à celebração está o ídolo protetor⁵². As ykamiabas celebram a separação das companheiras e o triunfo alcançado na luta. Bebem caxiri, preparado com pupunha fermentada no kamocy⁵³.

...

Benjamim encontrou-me trabalhando.

– Como vai minha escritora favorita?

– Trabalhando, como vê. E você? Tudo bem?

– Tudo! Fui atrás de você, mas já havia voltado.

– Preferi retornar.

– A irmã de Manoel falou. Tínhamos ido abastecer a lancha, mas quando fui buscá-la na casa de dona Marina, você já havia saído. Fizemos um ótimo passeio.

Estava bronzado do sol. Seus olhos brilhavam. Fiquei feliz, por vê-lo assim, tão animado, e saber que se divertiu. Parecia renovado.

– Vamos dar uma volta?

– Aceito. Já escrevi o bastante por hoje.

– Vou tomar um banho e mudar de roupa.

– Eu também.

⁵² O ídolo protetor é remanescente do culto à Deusa Mãe, Senhora do Céu, que promete a volta à terra àqueles que a deixam.

⁵³ Kãmocy é o ídolo da embriaguez. Serve de depósito de vinhaça nas festas que celebram pelos triunfos alcançados sobre o inimigo. Ao beberem no kãmocy, as guerreiras alcançam valentia e invencibilidade.

Saímos, logo depois.

- Quer tomar uma cerveja?
- É uma boa ideia!
- Como está indo a sua história?
- Escrevi dois capítulos.
- Verdade? Quero lê-los, na viagem.
- Está bem!

No restaurante da orla, o pôr-do-sol emoldurava o rosto de Benjamim. Conversamos sobre a viagem. O barco deixaria a cidade de Nhamundá às 14 horas do dia seguinte.

Despedimo-nos da prima Teresa e dos parentes, com promessas de nos encontrarmos, em breve. Teresa deveria visitar-nos, em Manaus. Agradecemos a estadia e subimos no barco para atar nossas redes.

Acenamos aos parentes, quando o barco deixou o porto. Um cheirinho de café tomou conta do ambiente a bordo. Mamãe e Benjamim se aproximaram e sentaram-se num banco em volta da mesa, enquanto a cozinheira terminava de fazer as tapiocas para acompanhar o café. Encostada mais à frente da popa do barco, não pude deixar de ouvir a conversa:

- Foi bom rever seus parentes, não, dona Célia?
- Sim, encontrar Teresa após tantos anos...
- Há quanto tempo a senhora não vinha a Nhamundá?
- Há quase vinte anos.
- A cidade mudou?
- Mudou, mas não muito. Geralmente, o interior muda pouco.
- A senhora acha isso bom ou ruim?

– Às vezes, penso que é bom. Ajuda a conservar antigos valores. Não se destrói muita coisa...

– Mas sempre se destrói alguma coisa...

– Parece inevitável, não? – prosseguia mamãe. Tudo muda!

– É. Tudo muda! – confirmava Benjamim.

– E o trabalho de vocês, deu certo?

– Deu. Está tudo bem.

– Mas você parece um pouco triste.

– Não. Estou feliz! – exclamou Benjamim.

– Feliz, sim. Mas triste!

Mamãe parecia notar algo diferente no comportamento de Benjamim.

– Posso fazer uma pergunta indiscreta?

– Sim!

– Você gosta da Yara?

Benjamim não esperava por essa, pensei.

– Gosto muito da sua filha, dona Célia. Ela é especial.

– Refiro-me a outro tipo de gostar. .

– Talvez esteja me sentindo atraído por ela.

– E ela sabe disto?

– Não tenho certeza.

– Você só terá certeza se contar a ela.

– Na verdade, acho que já lhe disse.

– E ela?

– Acho que não entendeu.

– Então faça com que entenda.

– Por quê?

– Você parece uma boa pessoa! Acho que faria bem à minha filha.

– Agradeço o seu apoio, mas creio não ser suficiente para que duas pessoas fiquem juntas.

– Isto é verdade! Mas estou torcendo por vocês.

Porque estava à pequena distância, escutei tudo. Fiquei sem saber como lidar com aquela situação. Na verdade já vinha pressentindo alguma coisa diferente no comportamento de Benjamim, mas nada havia dito. Tinha receio de magoá-lo.

O café foi servido. Aproximei-me dos dois, que abriram espaço no banco para que me sentasse ao lado deles.

– Que cheirinho bom! Gosto da tapioca assim, quentinha, com manteiga – disse.

Enquanto tomávamos o lanche da tarde, comentamos sobre a rápida, mas proveitosa estadia em Nhamundá. Em seguida, Benjamim pediu-nos licença para se retirar. Desejava ler os meus escritos.

Sozinha com a minha mãe, resolvi perguntar-lhe:

– Mãe, quem é Enki?

Tomada pela surpresa, ela ruborizou:

– O quê?

– Enki, mamãe! Este nome não lhe diz nada? Não é este o nome do meu pai? Por que a surpresa?

Sem muito pensar, eu a enchia de perguntas. Perguntas que não teriam sido formuladas se as respostas já tivessem sido dadas há muito tempo.

– Por que essa pergunta, filha?

- É natural que eu queira saber de meu pai!
- Nunca me pareceu que este assunto lhe interessava.
- Ora, mamãe, isso sempre a aborreceu, por isso nunca levei adiante.
- Não sei em quê poderia lhe ajudar agora.

Lembro-me que ela sempre dava um jeito de não prosseguir com a conversa, como tentava fazer, agora. Era um assunto delicado para nós duas, eu a interpelava com dificuldade e ela se sentia nervosa, deixando-me nervosa também. Mas precisava furar o bloqueio da sua resistência:

- A senhora precisa falar sobre ele.

Creio que essas palavras surtiram efeito, pois ela me respondeu, procurando manter a calma:

- O que você quer saber?

Até o encontro com a senhora de Faro, nada soubera sobre meu pai. Não obtinha resposta, mas também não formulava perguntas. Não por desinteresse, mas por receio de magoá-la. Evitava tocar no assunto para não contrariá-la. Talvez até nem me incomodasse mesmo com a sua ausência, pois me acostumara a viver unicamente com ela. Agora, no entanto, era diferente, toda essa história me interessava.

– Quando conheci seu pai, ele estava de passagem pelo município de Nhamundá. Pesquisava rochas, era arqueólogo. Ele ficou apenas alguns meses na ilha, em casa de uma vizinha nossa. Começamos a namorar, mas àquela altura eu não tinha ideia do que poderia vir a acontecer. Ele acabou indo embora. E nem ficou sabendo que engravidei. Na verdade, nem eu mesma sabia que estava grávida. Minha mãe me ajudou muito. Se não fosse ela, não sei como suportaria. Naquela época eu tinha apenas 17 anos.

- Eu gostaria de conhecê-lo!
- Não o vi mais, desde que foi embora.
- E se ele aparecesse novamente?

- É impossível! Perdemos o contato há muito tempo.
- Ele não perdeu...
- Perdeu!
- Não perdeu! Estou lhe dizendo.
- Como assim? O que você está sabendo que eu não sei.
- Você se lembra do muyrakytã, aquele amuleto que recebi?
- Sim.
- Foi ele quem me presenteou.
- Foi?
- Sabe aquela senhora de Faro?
- Sim!
- Ela era irmã de uma amiga dele, em Nhamundá, onde costumava ficar quando estava na cidade.
- Eu não me recordo dessa mulher...
- É que ela não morava em Nhamundá, mas em Faro. Vivia lá e não tinha quase contato com a irmã.
- Agora me lembro... Na casa onde se hospedava vivia uma índia, com quem ele tinha o costume de conversar.
- Pois é, eles continuaram a manter contato, tempos depois. Foi através dela que ele ficou sabendo da sua gravidez, embora somente agora nos tenha localizado.
- Nossa! Será que ele está sabendo que fomos a Nhamundá? Será que sabe do seu trabalho?
- Desses detalhes, eu não sei. Mas aquela senhora parece estar bem informada sobre a gente.

Surpresa com a notícia, mamãe não soube o que dizer. Eu, no entanto, pensava que deveria haver uma boa explicação para tudo. Deixei-a sozinha e saí a andar pelo barco.

Benjamim encontrou-me a olhar a água retesada no rio, que o barco ia deixando para trás.

– Olhando o passado através das águas, Yara?

– Era exatamente sobre isso que pensava.

– Imaginei! – disse. Fez uma pausa e depois prosseguiu: – Vi sua mãe chorando...

– Eu sei!

– O que houve?

– Existem coisas que, por mais que nos esforcemos, não conseguiremos entender.

– Não nos cabe entender tudo.

– Principalmente aquilo que não vivemos.

– Você parece ter sensibilidade para perceber o que não vê.

Senti que Benjamim usava palavras com duplo significado, de maneira intencional, para me provocar.

– O que não vemos também existe! – rebati.

Talvez ele nem tenha percebido minha resposta, ou, quem sabe, não fosse provocação alguma, mas uma preocupação real com mamãe. Percebi que eu também me encontrava nervosa, e ele não merecia que eu agisse assim, de forma egoísta.

Ele continuou:

– Sim, o passado existe! Penso que nós nunca devemos deixar de olhar para trás. O passado é a nossa sombra, nossa alma, algo que se completa com o tempo. Não só nasce, como já existe. Não passa somente, impregna-se!

– Concordo com você!

Deixava-me levar pelas palavras de Benjamim.

– O passado não está enterrado na terra, mas fazendo brotar constantemente “vida”.

– Sim... “Nada se cria, nada se perde”...

– É do que se compõe a vida... de transformações...

– Sim, e de destruições, também!

– Ora, e por quê?

– Veja como o ser humano age. Pensa que tudo lhe pertence... É um predador... Olhe para essas terras, última floresta tropical do planeta. Ao redor, uma realidade caótica!

– Como assim?

– Poucos são os que compreendem que nela está o nosso futuro.

– Concordo! Mas você não vê perspectivas de mudança? A utilização sustentável dos seus recursos, por exemplo? Exatamente para tentar mudar essa realidade caótica, a que você se refere.

– É uma piada, não? Você sabe que o interesse dos grandes grupos econômicos não passa pela utilização sustentável dos recursos, Benjamim.

– Tento ser otimista. Penso que essa realidade pode mudar! Mas há um jogo hipócrita tentando nos fazer acreditar nisto, essa é a verdade. O destino da terra é sombrio...

– Extinção da vida, você quer dizer?

– Você não pensa que pode ser uma situação irreversível, Yara? Veja o que está acontecendo com a terra, cada vez mais aquecida, as geleiras derretendo, mais e mais gases sendo emitidos...

– Acho melhor mudarmos de assunto, senão vou ficar deprimida.

– Desculpe-me! Vamos conversar sobre a sua história, que é mais interessante.

– O que você está achando?

– Você sabe, acompanho com entusiasmo o desenvolvimento de seu trabalho e estou mesmo curioso para saber o que vai acontecer com as ykamiabas.

– Você saberá, em breve.

– Então, eram mulheres que combateram com Orellana?

– Os indícios parecem confirmar.

– Será que os espanhóis não queriam, de fato, impressionar a Coroa com essa história de um reinado de mulheres?

– Você está negando a existência das ykamiabas?

– Pelo contrário! Estou reacendendo o mito, ao provocar você. Orellana vinha impressionado com as virgens do sol do altiplano andino de Machu Pichu, Peru. Neste contexto é que se encontram inseridos os ídolos e utensílios de ouro e prata, as casas de pedra, lhamas e roupas de lã. Acredito que as ykamiabas existiram, com ou sem Orellana.

– Sei que muitas informações do relatório de Carvajal estão fora do contexto amazônico, como as casas dedicadas ao sol conhecidas por caranaí. Mas, ainda que seja invenção, penso que o indígena aprisionado os confunde para proteger as terras dos conquistadores. Sei que nossas guerreiras tinham um perfil diferente, por isso preferi o indígena esperto, ao manipulado; assim como mencionei a pele bronzeada dessas mulheres, ao contrário da tez clara que se encontra descrita no relatório. Quanto à polêmica de que eram homens com tórax avantajado, ao invés de mulheres, devo dizer que dificilmente os espanhóis teriam como confundi-los com homens, vendo-as nuas.

– E a necrópole de Tacoera? A morte das ykamiabas?

– Tacoera era aquela área que visitamos, quando estivemos no Monte Ykamiaba, lembra? O cemitério indígena.

– Claro que lembro! E você utilizou esse cemitério para enterrar as ykamiabas mortas no combate?

– Pareceu-me provável que isso tenha sido um costume das gerações que habitaram aquela área em épocas passadas.

– E os túmulos, as urnas?

– As ykamiabas, assim como outros grupos da região, os Aruak, por exemplo, tinham por costume enterrar seus mortos.

– Os túmulos são reveladores. São achados arqueológicos importantes, que ajudam na compreensão do nosso passado. Através deles ficamos sabendo, por exemplo, que, no período paleolítico, os mortos eram enterrados em posição fetal, virados para o leste, onde nasce o sol, porque nossos antepassados acreditavam que a vida renascia da morte, como o sol nasce, todos os dias, da noite...

– Que bonito!

– Os túmulos eram salpicados com o sangue da mulher, que, para eles, era fonte da vida; e, a morte, a volta ao útero da Mãe Universal, que detinha o poder tanto da vida, quanto da morte.

– A terra como a Grande Mãe!

– Exato. Há uma passagem importante no livro *Histórias das Crenças e Ideias Religiosas*, de Mircea Eliade, que retrata essa relação com a terra. Numa cerimônia funerária entre os índios Kogi, na Colômbia, um xamã diz para o morto: “Aqui é a aldeia da Morte. Aqui é a casa cerimonial da Morte: aqui é o útero. Vou abrir a casa. A casa está fechada e eu vou abri-la para deixar você entrar”.

– Podemos perceber uma grande sabedoria nesses relatos.

– A terra como a mãe de todos os seres vivos.

– É comovente escutá-lo a falar desse amor à terra.

Amor... A palavra era novamente ligada ao sentimento pessoal de Benjamim.

- O que pensa você sobre o amor, Yara?
- Creio que o amor é generoso, é simples... Amor é poesia, amar é não cultivar ambições materiais, é doar-se por uma causa... É paz, equilíbrio...
- Muito bonito o seu conceito de amor!
- Também é ilusão, utopia...
- É um conceito bem complexo!
- Mas também pode ser mesquinho egoísta, mágico, religioso, místico!
- Sim!?
- O amor tem várias faces, várias formas. Esta noite... O céu estrelado... A calma... A luz... Nós...

Benjamim olhou-me nos olhos, como se procurasse uma ponte para atravessar meus pensamentos, e eu estava completamente solta num oceano de paixão que não se limitava a lugar nenhum. A paisagem se descortinava à nossa frente, enquanto deixávamos para trás um céu a descoberto.

- E você, Benjamim, o que pensa do amor?
- Vejo o amor como um sentimento de partilha, entendimento, união. Não percebo o amor como um sentimento não compartilhado.
- Por quê? Não se pode amar sozinho?
- Acho que não!
- Não há amor na solidão? Em alguém que escolhe ficar só?
- Penso que não.
- Esquisita essa sua forma de pensar. Parece que o amor deve ser necessariamente comunicado.
- É assim mesmo que penso. Não há amor sem comunicação. Sem comunicação, não existe nem mesmo contemplação. É como o silêncio, o vazio...

– Nem sempre o silêncio é vazio. Ele pode conter mais do que mil palavras...

– Mas não amor. O amor não cala, ele comunica. Se não se dá, se não é generoso, não é amor.

– Concordo!

– Enfim nos entendemos...

– Nós nos entendemos.

– Você ama? – ele perguntou.

– Sim.

– Como?

– Compreendendo...

– Compreendendo?

– Sim! Compreendendo os limites, aceitando o que não precisa necessariamente ser mudado, porque não precisa ser pertencido para ser amado. É minha forma de ver o amor.

– Existem muitas coisas que não nos pertencem, mas que precisam ser mudadas. O amor não é submisso. Ele instiga, transforma...

– Então, responda-me uma coisa: Existe amor no erro? No crime? Nos atos terroristas? Na guerra?

– Há uma ausência de amor nesses casos citados. O amor leva ao entendimento, não à ruptura. Na sua ausência, outros sentimentos afloram, como o ódio.

– O ódio é a negação do amor!

– O amor requer paciência, ternura, almeja a paz.

– Paz! Esta palavra é tão complexa quanto o amor.

Olhei Benjamim nos olhos. Um brilho de ternura nos aproximou. Por um instante pensei que o beijaria. Mas, recuei. Minha intenção parou no ar.

– Estou com sono!

– Vamos! Acho melhor nos recolhermos – ele disse.

Caminhamos em direção às nossas redes e nos deitamos, ouvindo o barulho do motor do barco, até adormecermos. No dia seguinte, pela manhã, dei continuidade à composição da história das guerreiras, que movia a minha vida naquele momento.

CAPÍTULO XVII

A RESISTÊNCIA DAS YKAMIABAS

Meu filho, se atenderes ao meu apelo,
vingaremos o crime do teu pai.
Pois foi ele quem inventou os atos
vergonhosos.

HESÍODO

As ykamiabas resistem brava e heroicamente às investidas do novo legislador da floresta. São inúmeras as tentativas das tribos de impor-lhes as regras de Jurupari – as leis que vieram mudar os costumes da floresta. As ykamiabas recusam-se terminantemente a aceitar a dominação masculina. Lutam, acirradamente, em diferentes combates como única alternativa para preservar a sua liberdade.

– Braços e mãos firmes

Peito e mente abertos

não se curvam

a qualquer dominação

Somos donas

de nossos corpos

e nossos destinos!

– Nossa força é

nosso poder

E a independência,

nossa liberdade!

– Nossas filhas,
a arte da criação
do Espelho da Lua!

Não existe monotonia na vida das guerreiras. Suas manhãs, tardes e noites são sempre diferentes, ainda que a disciplina diária lhes direcione o tempo. Nesta manhã, por exemplo, as ykamiabas amanheceram cantando para as suas filhas. Uma música que se espalhou rapidamente pela aldeia. Era a música que as suas mães ouviram de suas avós, as avós de suas bisavós, e lá se vão longos e tantos anos. Os múltiplos afazeres domésticos não impedem as guerreiras de cantarolar. E elas vão cantando, enquanto desempenham as mais variadas atividades.

No início da tarde, as cunhãs de cinco, seis, sete, dez, doze anos, sobem, animadas, o Monte Yacy-Taperê, rumo à gruta escondida na serra. Lá, brincam com pedaços de rochas coloridas, entre girinos e rãs, que saltitam entre as pedras. Depois, quietas, ouvem histórias cantadas, cantadas mesmo, pelas avós. É uma música suave, que acalma as crianças, na tarde quente.

– Dizem que o poder,
outrora
estive nas mãos
das mulheres

– As mulheres
é que tocavam a paxiúba
e evocavam Jurupari⁵⁴

⁵⁴ Referência ao culto solar, anterior ao lunar. Jurupari era um herói lendário, que veio trazer uma nova ordem para a floresta.

– Kaduke era
a flauta sagrada
tocada por Yanibéri!

– Seus dois irmãos
Marimarabê
e Mariburebê
tomaram a flauta
de Yanibéri!

– Quando tentaram
resgatar a flauta,
morreram...

As avós repetem para as suas netas histórias contadas pelas antepassadas, quando as mulheres vestiam a macacaraua⁵⁵ e tocavam a paxiúba, tranças feitas de pelos de guariba e instrumento de sopro sagrado. Elas teriam perdido o poder para os homens.

– O homem tomou a flauta
sagrada das mãos da mulher
que se banhava no rio
E violou-a, em seguida

– Do seu ventre

⁵⁵ Também chamada por algumas tribos de Pukamuká. Máscara sagrada, de forma cônica, usada durante as cerimônias, feita com peles de macacos e costuradas com cabelo de mulher.

nasceu Jurupari

que significa

boca fechada

– Porém essa boca

saciou a fome

no seio da mãe

por toda a infância!

– Mais tarde, rapaz⁵⁶

chefe da tribo

convocou os homens

a se rebelarem...

– E ensinou-lhes segredos

que não seriam vistos

tampouco ouvidos

pelas mulheres!

– Nos ritos, nas danças

nas festas!

Pois que, assim,

aprenderiam

a viver independentes delas!

⁵⁶ Segundo o mito, Jurupari ressurgiu 15 anos depois para tomar o poder.

As pequenas ykamiabas querem saber mais sobre Jurupari e perguntam às avós:

– Então, Jurupari nasceu de uma virgem?

– Existem muitas histórias sobre Jurupari. Os povos do alto têm suas versões para contar suas aventuras na floresta. Numa delas, Jurupari tem por mãe uma virgem. – responde uma das avós.

– Contam também que nasceu da mulher que comeu um fruto proibido. Por isso existem em muitos lugares frutos proibidos. – lembra a segunda avó.

– Jurupari veio para mandar na terra? – quer saber uma das meninas.

– É o que dizem! Que é um ser superior aos homens, pois lhes ensinou tudo o que eles sabem.

– Mas não é assim! Não é assim! – grita a pequena.

– É isso mesmo, querida. As coisas da terra já existiam antes dele. As mulheres já existiam. Já dançavam, já cantavam e tocavam a flauta muito antes deles.

– Vocês conhecem a história. Vocês conhecem! – completa a terceira avó.

– Mas a história que contam hoje é outra. Que a flauta sagrada pertence aos homens. Está proibida às mulheres. – explica a quarta avó.

– Jurupari é o herói legislador que veio trazer uma nova civilização. – acrescenta a quinta e última avó presente.

– Nós não precisamos de uma nova civilização! – torna a rebater a pequena cunhã.

As avós, percebendo a inquietação nas suas netas, resolvem contar-lhes o que, de fato, está ocorrendo na região.

– Dizem que isso já é o resultado da presença daqueles brancos que rondam as aldeias. Aqueles homens de batinas que andam a mostrar o símbolo do seu deus.

– Os homens brancos?

– Sim. Eles estão modificando nossos costumes. Falam de demônio, de espírito ruim... – revela a segunda avó.

– Eles já foram vistos pelas mães de vocês subindo e descendo os rios. Dizem que estão a catequizar, que é tirar o demônio do corpo do índio. – diz a terceira avó.

– Por quê? – quer saber a neta.

– Falam uma palavra... pecado. Dizem que os moradores da floresta estão com o pecado no corpo, por causa do demônio, do espírito ruim. Dizem que precisam salvar o índio do pecado e, para isso, o índio tem que conhecer e aceitar o deus deles. Todos os índios têm que usar umas roupas grandes e passar pelo batismo.

– Batismo? O que é batismo? – pergunta a cunhantã.

– Falam uma palavra. Deixa, que eu já vou lembrar... Ah, já sei, é conversão! Dizem que significa mudar de deus, gostar do deus deles. E eles dizem muito mais. Falam em casamento. Que todos têm que casar para poder ter filhos.

– Casar?

– Sim. A mulher tem que jurar para o deus deles que vai ficar só com um marido.

– Tem que ficar só com ele?

– Sim.

– Nós não vamos mudar os nossos costumes, não é mesmo?

– Não. Nós não temos nada a ver com isso.

– Ainda bem!

– A verdade é que está havendo muita mistura nos nossos costumes, e muitas tribos estão atrapalhadas.

– Como assim?

– Parece que estão fazendo Jurupari ficar igual ao deus do branco. Já falam até que Jurupari tem dez mandamentos, que nem o deus deles.

– Que estranho...

– É bem estranho!

As avós continuam a relatar os acontecimentos que estão mudando os costumes da região, até que as cunhãs, não resistindo mais, cochilam em seus colos, ao som das águas sobre as pedras, na gruta do Monte Yacy-Taperê. Logo, elas serão acordadas para retornarem às suas casas, monte abaixo. Então, uma a uma, elas descem, saltitantes, a serra, mas desviam do caminho da aldeia até o lago Yacy-Uaruá, onde mergulham alegremente, antes do anoitecer.

Na manhã seguinte, bem cedo, é dia de assistir à desova das tartarugas. As pequenas correm até a beira da praia, onde se põem quietinhas, sentadas nas pedras. Sem pronunciar uma única palavra, ou esboçar algum gesto que possa assustar esses quelônios, elas se deleitam a admirar o espetáculo que a natureza lhes proporciona.

Centenas de tartaruga deixam a praia, depois de depositarem seus ovos sob as areias. Os ovos permanecerão intocáveis. O sol se encarregará de chocá-los. Aí, como sempre fazem, quando assistem à desova, desatam-se a rir, indo dar na praça central, onde saboreiam os deliciosos bolos de tapioca e beijos, espremidos no tipiti⁵⁷ e preparados com esmero, pelas ykamiabas. É o momento de serem distribuídas as tarefas para mais um dia na vida dessas mulheres.

Alguns dias depois, certamente à noite, as tartaruguinhas sairão de seus ovos e correrão até as águas mais próximas. A natureza lhes ensina a fazer isso o mais rápido possível, antes do amanhecer, para que não caiam nas garras das aves de rapina. Mesmo assim, as que conseguem tal façanha ainda correm risco de serem abocanhadas pelos jacarés esfomeados dos lagos e rios. E as pequenas não perdem nenhum desses espetáculos. É claro, com todo o cuidado, para que a maioria possa ser salva.

...

Parei de escrever e levantei-me para espairecer m pouco, sair do universo mítico e alcançar o mundo real. Encontrei Benjamim e mamãe na área reservada à cozinha.

⁵⁷ Espremedor de palha trançada, usado para escorrer e secar a mandioca ralada.

– Como vocês são espertos! Escolheram a cozinha para conversarem. – brinquei, aproximando-me da mesa, para pegar uma xícara de café.

– E então? – perguntou Benjamim.

– Questionamos Jurupari.

– Questionamos?...

– Eu e as ykamiabas.

– Hum... Mulheres! Mulheres!

– Nós não podemos nos submeter a nenhuma dominação.

– Quero saber o que vocês aprontaram...

– Pegue o texto, está em cima da bolsa de viagem.

Enquanto Benjamim nos deixava, aproveitei para falar com mamãe.

– A senhora está melhor?

– Sim, minha filha. Sinto-me tranquila, agora.

– Que bom! Quem sabe não é um prenúncio de felicidade...

– Não brinque com isso.

– Ah, mamãe, relaxe! Você não tem curiosidade de vê-lo?

– Não quero criar qualquer expectativa. Acho que nem você deveria...

Não criar expectativas. Esta era uma orientação difícil de ser acatada, depois de tantas surpresas. A investigação do mito me levava a desvendar minha própria história.

Benjamim retornou com um sorriso nos lábios. Comentou haver gostado do que eu escrevera. Já estava na hora do almoço e nós nos sentamos à mesa. Continuaría a escrever durante a tarde.

CAPÍTULO XVIII

IZI RECLAMA O PODER

Quando precisares de mim, pense em
mim, Mãe, e eu aparecerei.

MAHABHARATA

As ykamiabas refrescam-se do calor numa das inúmeras tuaranas⁵⁸, quando são surpreendidas por um homem que surge das águas. Traz nas mãos uma tocha, que entrega a uma delas.

– Izi, o sol, dono deste fogo, que agora deixo nas mãos de vocês, mandou trocar os costumes de todas as gentes da terra por costumes novos.

Dizendo isto, o homem desaparece no fundo do rio. Com a tocha nas mãos, elas adentram o Monte Ykamiaba, em silêncio. Evitam comentar o assunto, sequer imaginam viver sob o detentor da flauta sagrada.

Jurupari, para elas, representa a intenção dos homens imporem poderes sobre as mulheres. À revelia do que acontece em vários cantos da floresta, o legislador parece, ainda, não incomodar as guerreiras, que continuam a realizar suas atividades sem serem importunadas.

Entretanto, algo de realmente novo está prestes a ocorrer na terra das ykamiabas. Muitas tribos, antes alheias aos conceitos de Jurupari, começam a se integrar ao ordenamento do herói da selva.

Curiosas por descobrir o que tanto se comenta nas tribos vizinhas, que deixam as mulheres amedrontadas, algumas jovens ykamiabas se embrenham pelas matas. É estranho para elas, que costumam se relacionar de maneira tão independente com os homens, que existam mulheres submissas às leis de um herói desconhecido. Por isso, partem pelo caminho do rio em dias de viagem, indo dar nas terras do tuxaua Buopé, nas vizinhanças da Serra de Jurupari.

⁵⁸ Cachoeiras.

Bem recebidas pelas mulheres locais, que invejam e respeitam as valorosas guerreiras, elas facilmente se enturmam na tribo. À noite, como é costume do lugar, os homens abandonam suas mulheres para tocar a flauta sagrada. As ykamiabas aconselham todas as mulheres a irem atrás de seus homens. Quando eles descobrem tudo, levam-nas de volta à aldeia.

– Em nossa terra tudo é mais bonito! – revela uma das jovens ykamiabas.

– Lá fazemos o que temos vontade! – respondeu a outra guerreira.

Os homens da tribo mandam jogar todas as mulheres que haviam desobedecido às suas ordens na cachoeira, para servir de comida aos peixes e, assim, dar exemplo às mulheres da aldeia. As ykamiabas fogem.

O mito já existia há muito tempo, antes da chegada dos europeus na Amazônia, na chamada Serra de Jurupari, no rio Ayari. A entidade invocada pelas tribos do alto rio Negro tinha vários nomes: Bisiu, Jurupari, Wanari, Kapirikuri e Oahké. Da Serra do Tunuí, no rio Içana, em todo o Waupeç, e até mesmo no baixo Amazonas, onde a sua influência transformou hábitos e mudou o comportamento dos habitantes, o culto a Jurupari estava destinado exclusivamente aos homens. As mulheres, privadas de participar da festa, não podiam, sequer, ouvir o som dos instrumentos, sob pena de morte. Mas não fora sempre assim. Há registros do poder exercido pelas mulheres.

Perguntei a Benjamin até que ponto os missionários influenciaram o culto a Jurupari.

– A pressão dos religiosos, principalmente dos jesuítas, sobre as culturas do alto rio Negro foi muito forte. O que eles falavam impressionava os índios, que chegaram a assimilar os dogmas da igreja para recompor o seu herói. Com isso, a igreja, aos poucos, procurava bani-lo, comparando-o ao demônio.

– Houve resistência?

– Ah, houve! Em 1883, em Ipanoré, chegou a ocorrer uma revolta, que ficou conhecida como a *Revolta de Jurupari*. Os pajés, ofendidos, expulsaram os missionários da região, e as atividades religiosas só foram retomadas em 1917.

– Você acha que a Igreja contribuiu para reforçar a dominação masculina?

– Com toda certeza! Quando a Igreja trouxe o seu deus para apresentar aos povos da floresta, ilustrou-o com o mito de Adão e Eva, que consiste na instituição do pecado pela desobediência ao Criador. Ao comer a fruta proibida, a mulher violou as regras do Éden e foi condenada a parir na dor.

– Então, a fruta proibida é uma ilustração cristã?

– Se analisarmos o mito de Jurupari, veremos que está imbuído de regras cristãs que reforçam a dominação masculina. Eva, ao surgir da costela de Adão, transforma-se num ser subordinado, dependente.

– Mas não foi só na Amazônia que a doutrina cristã subjugou o mito.

– Evidente que não! A própria narrativa do Gênesis parece ter sido uma apropriação do mito mesopotâmico de Gilgamesh, onde o dilúvio foi nada mais que a inundação que atingiu, ao final da última era glacial, por volta de 5.600 a.C. o Mar Mediterrâneo, mais precisamente o interior da Ásia, na região ocupada hoje pela Turquia, a Anatólia. O cristianismo, aliado à ordem social masculina que declinou o poder da deusa, personificou o homem como figura central na origem da vida. Isso tem estimulado o processo de destruição da humanidade. Em dois milênios de cristianização, o ser humano desaprendeu os ensinamentos da deusa.

– E quais são esses ensinamentos?

– Até a queda da deusa, as comunidades conviviam em relativa harmonia, de forma igualitária, sem hierarquia, exploração ou agressão evidente. Estudos já comprovaram que, em 800 anos contínuos da era neolítica, não houve qualquer vestígio de morte violenta em toda a habitação de Catal Hüyük, na Anatólia. O respeito que se tinha pela terra era tão grande que a consciência não vivia presa a opostos irreconciliáveis, mas em equilíbrio.

Fiquei pensando no que Benjamim falara e não notei a presença de minha mãe, a me chamar:

– Yara, você está bem?

Assustei-me com o seu chamado para o jantar. Parecia despertar de um transe. Perdera a noção do tempo. Tanta coisa a ser desvendada, descrita, conhecida...

Após o jantar, segui direto para a rede. Não conversei com Benjamim, como vinha fazendo durante todas aquelas noites. Queria dormir, apenas. No dia seguinte, após o café, só pensava em aproveitar a luz do dia para escrever.

CAPÍTULO XIX

A FRUTA PROIBIDA

A violação da norma – ‘não comer do fruto proibido’ – é consequência do espírito inferior da mulher, a ‘Eva seduzida pela serpente’.

A primeira consequência foi a expulsão de Adão e Eva do paraíso.

VERA PAIVA

Certo dia, à tarde, no rio das ykamiabas, Naruna passeia em sua canoa. Ao ouvir a flauta – cuja música tivera a sua execução proibida aos olhos e ouvidos das mulheres –, aproxima-se das margens do rio para certificar-se de que não se enganara. Não vê ninguém.

A guerreira chefe atraca a sua canoa, prendendo-a a uma árvore e, ainda, à beira da praia sente um calafrio percorrer-lhe o corpo. O Monte Yacy-Taperê está em silêncio. Com cuidado, adentra as matas e percebe que a aldeia está repleta de homens da tribo Munduruku. Eles têm os rostos e os corpos pintados, o que significa que estão armados para a guerra.

Para não ser vista, Naruna esconde-se, rapidamente, atrás de uma árvore. Os hostis Mundurukus querem o poder. O cacique da tribo adentra as terras ykamiabas e, na presença das poucas guerreiras, anuncia a instituição da Casa dos Homens⁵⁹.

Habilidosos na execução de ataques-surpresa, os Munduruku, altos e fortes, tentam tomar a construção central da aldeia, intimidando as mulheres da tribo, em sua maioria crianças e idosas. Naruna assiste a tudo, escondida atrás da árvore. Custa a crer no que vê: as mulheres paralisadas, ante a invasão repentina dos guerreiros sanguinários.

⁵⁹ A Pegaua-oca, vocábulo tupi que significa “casa dos homens”, comum a muitas tribos.

A guerreira chefe decide voltar, depressa, à entrada do Monte Ykamiaba, para prevenir as companheiras, que estariam retornando de suas atividades, sobre a súbita invasão. Escondida, ela vê os Mundurukus deixarem a aldeia. E sabe que precisará de muita cautela para lidar com esta nova situação.

Na praça central, encontra as mulheres cabisbaixas, humilhadas, e as crianças mais novas, aos berros. Naruna está certa de que as ykamiabas não cederão à imposição dos vizinhos. Nesta mesma noite, reunidas em assembleia, todas ouvem o relato das avós. E juram revidar o ataque, vingando a humilhação sofrida pelas senhoras da tribo.

É organizado um karaná⁶⁰. A ação tem início nos dias seguintes, quando os Mundurukus passeiam em terras vizinhas.

Há baixas de ambos os lados. É o início de uma lenta batalha que vai consumir a atenção das guerreiras. Durante anos, as duas tribos travarão combate. As ykamiabas não cederão ao poder Munduruku.

Porém, nem todas convivem com o exercício da guerra. Seucy, assustada se esconde. Não quer o domínio dos homens sobre sua tribo, mas também não quer continuar com os intermináveis combates. Cansada de percorrer os caminhos da floresta, senta para descansar e aproveita para matar a fome. Aproxima-se da árvore considerada proibida às jovens virgens e arranca-lhe um fruto.

Para as tribos do rio Quiari, a fruta proibida é cucura; para as do Caiamé, é purumã; e, para as do rio Paraná-Guassu, região das mulheres guerreiras, é o pilhicam ou uacu⁶¹.

Depois de comer a fruta acídola, mas de sabor adocicado, Seucy deita-se à sombra de uma árvore e adormece. O sonho é povoado de fortes imagens. Seucy é a mulher de Wanari⁶², um jovem guerreiro, que todos os dias vai à roça. Quando Wanari sai para trabalhar, a Cobra da Festa, uma cobra-grande, assume a sua identidade e deita-se com a sua mulher. Seucy, aos poucos, vai ganhando barriga até que, certo dia, Wanari, desconfiado, põe-se a vigiá-la. Finge que vai trabalhar, mas fica à espreita, por

⁶⁰ Ação guerreira. Massacre. Combate. Morticínio.

⁶¹ Cucura, sucuba, mapati. Fruto de sabor semelhante ao da uva, grande e doce. Também chamada de fruta do bem e do mal.

⁶² Também chamado de Jurupari.

detrás de uma árvore e vê quando a Cobra da Festa se transforma num homem parecido com ele e se deita com a sua mulher.

– Ia ia as hi

Ia hi schii

Iana ricá nina iana ricá

Niná dahi, Wanari piná ricá

Niná ricá niná ricá nina ricá

O homem que se parecia com você, voltou

Uniu o corpo ao da sua mulher

O homem virou cobra-grande

e voltou ao igarapé⁶³

De dentro da floresta, ouve-se a voz misteriosa:

– Vocês quiseram, assim foi feito!

Vai gerar o filho da Cobra da Festa!

Seucy sente a sua barriga inchar, inchar, inchar... Até explodir. De dentro dela salta uma enorme cobra, que, rapidamente, rasteja até o rio.

– A mulher que gerou a cobra não é a falsa mãe?

Quem é o pai?

⁶³ Pequeno riacho, córrego, afluente ou formador de um rio (Aurélio Buarque de Holanda). Braço de rio que penetra pelo interior das terras, podendo apresentar condições de navegabilidade ou então originar-se de meios de nascentes em diferentes pontos. Difere do paraná porque este principia e acaba no mesmo rio. Iga (montaria), apé (caminho), ou ainda, yara pê – caminho de água.

O pai é a Cobra da Festa!

Wanari não é o pai?

Wanari deixou a mulher, fugiu

Foi ao encontro do deus trovão

A mulher virou pirarara

O filho gritou inhom!⁶⁴

O filho grita pela mãe. A mãe é Seucy.

– Vocês quiseram, assim foi feito!

A mulher gerou o filho da Cobra da Festa

– A mulher que gerou a cobra não é a falsa mãe

Não é a falsa mãe

Não é!

A mãe jogou-se no rio

O filho gritou inhom

– Vocês quiseram, assim foi feito!

Seucy dá à luz um lindo menino, tão lindo como os raios da manhã.

Atônita, Seucy acorda. Não reconhece mais o caminho de casa. Abre trilhas na floresta e desaparece em meio à escuridão.

⁶⁴ Falsa mãe.

Assim como Seucy, muitas mulheres perderam-se na floresta, fugindo de Jurupari.

Desejava chegar o mais rapidamente em casa. Às oito da noite, o barco atracou no porto de Manaus. A caminho de casa, já num táxi, Benjamim comentava a importância da viagem para cada um de nós.

– Foi mais que um passeio! – exclamou.

– Uma aula e uma aventura. – completei.

– Também estou feliz pela viagem! – mamãe revelou.

– Teremos ainda uns dias de recesso, Yara. Podemos continuar a conversar sobre o trabalho.

– Que bom! Amanhã conversaremos!

Benjamim nos deixou em casa e seguiu no mesmo táxi para o seu apartamento. Sentia-me exausta. Só desejava entrar em casa, tomar um banho e dormir.

O dia amanheceu radiante. O céu limpo de nuvens. Mamãe acabara de chegar do mercado com frutas para o café da manhã. Ainda sonolenta, falei:

– Bom-dia!

– Bom-dia, minha filha. Dormiu bem?

– Nem senti que estava viva.

– Pelo visto, ainda está cansada.

– Um pouco.

– Tome café e volte a dormir um pouco mais.

– Não! Depois de um banho, já estarei ótima!

– A história das guerreiras?

– Sinto-me como se estivesse vivendo junto com elas tudo que estou escrevendo.

– Sabe o que eu penso? Que você é uma delas! – disse-me, sorrindo.

– Sou mesmo! Mas por que você acha isso?

– Pela quantidade de energia que você vem despendendo nessa pesquisa.

– Ah, mãe!

– É verdade, Yara. Você incorporou uma dessas mulheres.

– Bem, elas poderiam ser qualquer uma de nós.

– Nós somos duas delas.

– Sim, somos! – concordei, também sorrindo. – Passe-me o pão.

Minha mãe nem percebera, mas falara algo muito importante. Nós éramos duas mulheres guerreiras, descendentes do povo que habitou, em tempos passados, o Nhamundá.

Ao terminar o café, ajudei-a a lavar a louça. Depois, dei uma rápida folheada no jornal para saber das notícias e segui para o quarto. Abri as janelas que davam para o pátio interno da casa, apanhei a toalha e coloquei-a sobre o ombro. Pensei: o que vai acontecer com essas mulheres?

Refletia sobre as inúmeras personagens do mito que recriava. Tantos nomes que faziam parte da história dessas mulheres e contribuía para confirmar a sua existência.

Terminei o banho, arrumei a mesa, retirei de dentro da bolsa o material que já havia escrito e dei continuidade à história das guerreiras.

CAPÍTULO XX

A SEGREGAÇÃO DAS YKAMIABAS

Estrelas, escuridão, uma lâmpada, um
fantasma, um orvalho, uma bolha; um sonho, um
relâmpago e uma nuvem:
assim deveríamos considerar o mundo.

VAJRACCHEDIKĀ

Mais uma vez as ykamiabas não aceitam a nova ordem imposta pela legislação de Jurupari e promovem uma grande revolução, cuja resistência dura até o dia em que sobrevém uma grande inundação. As terras do Monte Ykamiabas são alagadas, e elas obrigadas a fugir para lugares onde as enchentes não as possam alcançar.

Momentos difíceis antecedem a partida das guerreiras que habitaram durante séculos, aquele lugar. Reunidas em Conselho Geral, elas discutem a necessidade de migrar para três lugares: o refúgio nas montanhas, a leste de Tucutu⁶⁵, as montanhas Muruau-Topo e Ulidján-Topo, no Parima⁶⁶ ou o retorno à Serra do Tunuí⁶⁷.

É chegada a hora de partir. As ykamiabas se retiram das terras inundadas e vão percorrer o interior das terras do norte. Para trás vão ficando as muitas histórias que passarão a ser contadas a seu respeito. Deixarão para as povoações residentes no baixo rio Paraná-Guassu uma lição de independência e coragem.

Em suas canoas, elas começam a subir o rio. Seguem em direção ao maciço das Guianas, pelo Quiari e outros rios que, do mesmo ponto, desaguam no Paraná-Guassu. As guerreiras querem substituir o Monte Yacy-Taperê por um lugar onde possam estar protegidas das enchentes e continuar a viver independentes dos homens. Durante várias luas, elas seguem viagem, rumo às terras outrora habitadas pelas suas antepassadas.

– Aqui, a partir de agora

⁶⁵ Serras Tumucumaque. Zona limítrofe entre Brasil e Suriname.

⁶⁶ Atual Estado de Roraima.

⁶⁷ Alto rio Negro.

será um lugar distante
Um lugar comprido
onde estaremos a aportar

Lua após lua estaremos
percorrendo os rios e as matas
E só descansaremos
quando na terra
fizemos nossa morada

O canto das guerreiras as impulsiona a seguir viagem. Passam por muitos lugares, mas ainda está longe o sonho da terra ideal. Algumas canoas se distanciam e se perdem umas das outras pelo rio Kayari, enquanto o restante, tendo Naruna à frente, continua subindo o rio, rumo às serras do Parima, em Pacaraima.

Quando chegam às terras do Parima, as ykamiabas levantam suas embarcações, transpondo-as sobre os ombros, tal é a leveza da madeira com a qual foram feitas, para facilitar-lhes o transporte. Nesta terra, existem muitos lugares que podem suprir a necessidade e capricho das guerreiras, mas elas vão escolher um lugar singular, nas imediações de um lago de rara beleza, que elas passam a designar de Lago Dourado.

As terras alagadas ficaram para trás. De concreto, restaram os muyrakytãs presenteados aos galantes vizinhos, os guerreiros Guacarás. A existência das ykamiabas se transforma em mito que passa a alimentar muitas histórias a seu respeito, como a de que elas teriam se transformado em demônios. Nas aldeias, esse é o assunto preferido das mulheres.

– É verdade que elas se transformaram em wãxtís⁶⁸?

– Mas o que são wãxtís?

– Wãxtí é espírito ruim, demônio.

⁶⁸ Wãxtís, wahtins. Fantasmas, demônios.

- Wãxtí é Jurupari.
- Não! Não é Jurupari.
- Então, o que é?
- Wãxtís são mulheres doidas que se transformaram em demônios.
- Mas wãxtí não é espírito ruim, um pesadelo?
- Sim. É!
- Então, Jurupari é quem? É wãxtí?
- Não! Jurupari não é wãxtí.
- Não é?
- Jurupari é o herói da floresta. As cunhãs tecoimas que são wãxtís.

Wãxtís ou não, ninguém sabia dizer, ao certo, onde elas teriam ido parar.

A chegada dos colonizadores mudava o comportamento das tribos. Recaiá sobre as mulheres doidas a lenda de que elas teriam fugido para as serras do Parima e se transformado em demônios⁶⁹. A Igreja confundia os índios que já não sabiam, ao certo, quem era Jurupari e quem eram os demônios que atordoavam a vida das tribos. Muitos chegaram a atribuir às mulheres doidas o aparecimento de wãxtís.

Embora tudo apontasse para a comprovação histórica do mito, relatórios eram imprecisos quanto à localização dos povoados e os nomes das tribos. Além disso, ninguém ousava levar a sério a existência das míticas mulheres. Os historiadores sempre se negaram a discutir o tema, embora as evidências estivessem à sua disposição.

– Nossa história é contada pela ótica do colonizador, Yara! – lembrava-me Benjamim. Atenha-se ao que for mais interessante... ou menos sórdido.

⁶⁹ Koch- Grümberg, etnógrafo que viveu entre os índios da Amazônia, conta que as mulheres sem homens transformaram-se em Mauri (demônios das montanhas). Muitas foram morar na montanha Ulidjân-Topo, perto da montanha Muruau-Topo, no Parima. Outra metade delas, a leste de Tucutu.

– A viagem de Orellana teve início em 27 de fevereiro de 1541, em Guayaquil, e foi concluída em 24 de agosto de 1542, no Oceano Atlântico. Por mais de um ano e meio os espanhóis estiveram na região. A viagem de Guayaquil a Cubagua e à cidade de Nueva Cádiz durou 563 dias. A expedição saiu, provavelmente pelo canal do norte, entre as ilhas Caviana e Curuá. Neste período, morreram 14 espanhóis, e mais de 40 ficaram feridos. Eis um detalhe sórdido: pela quantidade de índios e negros que levaram, contabilizaram apenas a perda da tropa espanhola.

– Além dos índios que mataram...

– É verdade!

– Em 13 de fevereiro de 1544, na Espanha, Orellana foi condecorado “Adelantado, Gobernador y Capitán-General de La Nueva Andaluzia”, como era denominado o vale das águas sul-americanas, hoje Venezuela. Incumbido por Carlos V de constituir nova expedição aos lugares recém-descobertos para implantar neles o cristianismo, não consegue fundar mais nenhum povoado, nem estabelecer o domínio espanhol na região. Perde várias embarcações em temporais no Atlântico e vem a falecer no rio Amazonas, em 1546.

A partir de Orellana, registram-se as histórias mais tristes da história do Amazonas, quando inicia o processo de colonização.

Não me interessava escrever um tratado sobre o assunto, mas considerava importante mencionar algumas informações. Benjamim propôs-se a conversar comigo sobre minhas dúvidas. Saímos para uma volta no centro da cidade, e, durante o passeio, ele me contou:

– Portugal e Espanha brigavam pela posse de terras na região amazônica. A Espanha detinha grande parte do domínio do Novo Mundo e tentou, em 1637, com uma Carta Régia, criar a Capitania do Cabo Norte. Mas Portugal, privilegiado pelas negociações travadas entre os reis católicos, impediu a expansão espanhola, trazendo moradores para povoar as fazendas e os engenhos do Pará. A partir daí tem início uma invasão de cunho político-religioso: os padres jesuítas vêm catequizar os índios, e as tropas de resgate vem caçá-los e arregimentá-los ao trabalho escravo.

– Que tipo de trabalho?

– A coleta das chamadas drogas do sertão – cravo, canela, salsaparrilha, urucu, cacau, sementes, raízes aromáticas, puxuri e baunilha, além da farinha de mandioca e piracuí de peixe. Nenhuma tropa podia entrar no mato sem estar acompanhada de missionários, para respaldar aquilo que denominavam de guerra santificada, ou seja, fundamentar o sucesso da operação e santificar o cronograma de extermínio. Era esse o papel da Igreja...

– Esse cronograma a que você se refere teve início com o aliciamento de 300 índios na boca do rio onde hoje se encontra o município de Manaus, em 1659. Mas o extermínio, propriamente dito, começaria em 1668 com os Aruaks e Carapitanas, seguidos do Maraguás e Juris, em 1691, e dos Torás, em 1716. O marco do extermínio foi em 1722, com a morte de Ajuricaba.

– Ajuricaba, chefe da tribo dos Manãos...

– Ele tentou formar uma espécie de confederação de povos do rio Negro para lutar contra os portugueses. Mas a rebelião foi esmagada e os Manãos exterminados.

– Os missionários ajudaram a derrotá-los?

– Eles foram imprescindíveis, digamos assim. A missão desempenhada pelos missionários e tropas-resgate teve êxito em 13 de janeiro de 1750, com o Tratado de Madri, que estabelecia caberem a Portugal as terras da bacia amazônica. A linha imaginária que dividia o meridiano, segundo o Tratado de Tordesilhas, de 7 de junho de 1494, desaparecia, e Portugal passava a ter o domínio completo das terras brasileiras. Na verdade, esta foi a primeira fase da conquista.

– Por quê?

– O povoamento da Amazônia se deu de forma lenta e dispersa, em razão da grande extensão geográfica. Depois dos espanhóis, vieram os ingleses, holandeses, franceses, judeus, todos sedentos por ambição e riqueza. Os massacres foram acobertados em nome do progresso da região, e as culturas dizimadas ante a imposição da fé cristã.

– Sei. E os filhos da terra foram abandonando seus lares em busca das novidades introduzidas pelo branco...

– A cultura desses povos foi considerada empecilho à obra de evangelização missionária. A entrada dos colonizadores causou uma ruptura nas culturas indígenas e fez com que diversos grupos se juntassem para sobreviver às invasões.

CAPÍTULO XXI

A DIVISÃO DO PODER

De todas as formas de ilusão, a
mulher é a mais importante.

L. DE LA VALLÉ POSSIN

As nações indígenas se veem aossadas pelos missionários jesuítas e pelos aventureiros sedentos das riquezas da floresta. Manter vivas suas tradições é um desafio para muitos povos como Baré, Mura, Caribeba, Tupinambá e Parintintin – do Quiari ao Paraná-Guassu. Por essa razão, muitos se unem para somar força contra a ameaça dos invasores.

É nesse momento que retornam à cena as eminentes guerreiras. Sobem a margem direita do rio Ayari, entre as serras e cachoeiras. Chegam de longe, em pequenos grupos.

A notícia rapidamente se espalha. Os vizinhos Waupez⁷⁰ tratam de manter contato com as ykamiabas. Estão eufóricos com a aproximação e desejam recebê-las com festa.

A mando do cacique da tribo, o mensageiro faz o convite:

– Os Waupez estão contentes com a chegada das ykamiabas e convidam todas as mulheres da tribo a participarem de um dabucuri⁷¹.

É costume nos rios Waupez e Içana as tribos realizarem dabucuri quando querem se aproximar de outros grupos ou celebrar a abundância das colheitas. Na comemoração, os grupos convidados costumam trazer frutas da estação, peixes e outros

⁷⁰ Parte de um grupo linguístico da família Tukano, os Waupez vieram da Guiana, a oeste, numa segunda onda migratória. Distinguem-se pelas orelhas e beijos furados.

⁷¹ Da língua geral, nheengatu. Ritual no qual os indígenas recebem outros grupos com presentes e comida, geralmente frutas silvestres, peixes, beijos, ou artefatos como cestos, peneiras e bancos.

bens que são oferecidos aos donos da festa. Nessas ocasiões são ingeridas bebidas alucinógenas, como o caapi, o ipadu e o caxiri⁷², que produzem visões.

Nesse dia especial para os Waupez, toda a tribo se envolve no ritmo da festa. Os homens saem para pescar os melhores peixes, enquanto as mulheres, na aldeia, recolhem a mandioca para preparar os beijos. É época de piracema, quando os tucunarés, jacundás, pacus, matrinhãs e acarás sobem as águas, desovando em migração.

Os peixes, em abundância, são moqueados⁷³ para serem servidos durante os três dias de duração do dabucuri; o caxiri é preparado com pupunha e bacabas, duas frutas de palmeiras da região, muito utilizadas no preparo da bebida.

No dia e hora combinados, as convidadas deixam a Serra do Tunuí, no médio Içana, em direção às terras do Wuapez, no Kayari. Muito bem recebidas, com paneladas de caxiri, elas são levadas pelos anfitriões à praça central, onde ficam localizadas as malocas. Lá chegando, ouvem as primeiras histórias sobre as tribos que habitaram o baixo Kayari. A história é contada por um velho pajé:

‘Há muito tempo, na Serra de Dubá, uma terrível epidemia grassou por todos os homens da aldeia, matando-os, à exceção de um velho pajé. As mulheres da tribo, temerosas com a extinção do povo, reuniram-se às margens do lago Muypa, onde Seucy, a mais bela da tribo, costumava banhar-se. Lá, foi realizado o Congresso das Mulheres para encontrar uma saída para a falta de homens.

O velho pajé, apesar de sua ciência, não foi convidado. Naquela reunião exclusivamente de mulheres, houve quem propusesse tentar que uma mulher fecundasse outra. Em meio à discussão, não perceberam a presença do velho pajé, tranquilamente sentado entre elas.

Quando vieram a perceber sua presença, assustaram-se e tentaram fugir, mas os seus pés ficaram presos à terra. O velho pajé, então, lembrou-se de um sonho em que o sol lhe avisara que não permitisse a nenhuma mulher aproximar-se, à noite, das margens

⁷² Vinho de frutas, cujo sumo é posto a fermentar. Quanto mais fermentado, embriaga, estimula a alegria e anima os instintos, causando letargia e provocando sonhos e alucinações. Muito apreciado pelos índios, não pode faltar nas várias atividades, desde a realização de mutirões para abertura de um caminho, de uma roça, ou em suas festas.

⁷³ Secados para serem conservados.

do lago. E disse, ainda, que a geração que viria a nascer excluiria, para sempre, as mulheres de todos os assuntos de alguma importância.

Nesse momento, sem que suspeitassem, o velho pajé fecundou a todas que foram banhar-se no lago. Com habilidade imprópria para a sua idade, ele se precipitou da Serra de Dubá e cobriu toda a superfície do lago com um pó branco. Era o pó com o qual o velho pajé, que não era tão velho quanto parecia, havia ocultado a sua juventude.

Seucy, a bela mulher, atirou-se no lago, deixando no azul do céu, como sinal da sua passagem, algo semelhante a uma estrela branca, semeada de pequenas estrelas.

As mulheres, esquecendo-se de que eram espectadoras desses acontecimentos, transbordaram de alegria. E todas deram à luz. Entre os recém-nascidos, estava uma menina de singular beleza, a quem chamaram de Seucy da Terra. Ela era o retrato de Seucy do Céu. E foi crescendo, até a idade dos primeiros anos, tão pura como as estrelas da manhã.

Foi então que, nos primeiros anos de sua juventude, Seucy desejou comer o fruto da cucura. Recolheu as mais belas e maduras diante de si e pôs-se a comê-las. Elas eram tão suculentas que Seucy nem prestou atenção que o suco lhe escorria da boca, estendendo-se pelo seio até às suas partes mais íntimas.

Dez luas depois, Seucy dava à luz uma criança que superava a beleza da mãe, tão linda como sol. Por causa disso, foi chamado de Jurupari, o nascido da fruta.

Este é o nosso herói! – concluiu o pajé. O seu nascimento na Serra do Tunuí é o início de uma série de mudanças que ele trará para todos nós’.

– Estamos em terras de Jurupari! – comentam as ykamiabas.

Aos poucos, elas vão deixando a presença do pajé e se espalham pela aldeia. Bebem caxiri, conversam e ajudam na organização da festa. Junto aos dançarinos que se preparam para o ritual, elas se pintam e se enfeitam com muitas miçangas. Também deixam na praça central os paneiros⁷⁴ com as frutas que trouxeram para os vizinhos.

Enquanto o pajé conta as suas histórias, elas vão conhecer a aldeia. Brincam com as crianças nos colos das mães e comentam sobre o culto a Jurupari:

⁷⁴ Cesto indígena utilizado para transportar alimentos e outros objetos de uso doméstico.

– Esse herói que dizem chamar-se Jurupari, quando recebeu as insígnias de chefe, excluiu as mulheres de participar das festas com as flautas sagradas e condenou à morte a mulher que desobedecesse a tal lei.

Um jovem da aldeia se aproxima:

– Não é só a mulher que é condenada por desobedecer às leis de Jurupari. O homem que mostrar os instrumentos de Jurupari para a mulher, ou revelar a elas as leis secretas, é obrigado a tomar veneno. E se não tomar, é morto pelo primeiro que encontrar pela frente.

– Que leis estranhas! – diz uma das ykamiabas.

– Todo jovem que chega à idade adulta tem que conhecer as leis de Jurupari e fazer parte da festa dos homens.

– Coração duro, isso sim! Não deixar que as mulheres participem da festa – continua a ykamiaba.

– Os mais velhos dizem que as mulheres são impacientes, curiosas e tagarelas! – responde o rapaz.

–... E têm que ser... convivendo com essas leis... – torna a rebater a guerreira.

Algumas jovens servem o caxiri. Todos se aproximam da praça. Vai começar a festa. Um assobio forte e prolongado anuncia a dança dos homens e das mulheres. Começam a chegar os dançarinos. Os homens vestem máscaras, portam colares e adornos de penas de araras. As mulheres vestem tangas enfeitadas com miçangas.

– Por que não tocam a flauta de paxiúba?

– Porque as mulheres são proibidas de ver a flauta. Vocês não sabem disso?

– Em nossa tribo todas nós tocamos.

– Vocês ofendem as leis de Jurupari!

Outros rapazes se aproximam:

– Para que todas essas leis? – indaga uma ykamiaba.

– Existem várias leis. Uma delas diz que é proibido ao tuxaua de uma tribo continuar casado com uma mulher que não lhe dá filho. Ele deve procurar outra mulher para obter sucessores. Se não aceitar, é substituído pelo mais forte guerreiro da tribo.

– Outra regra é que ninguém deve procurar seduzir a mulher do outro, sob pena de morte. Isso também vale para a mulher. – diz um dos rapazes.

– Quando a mulher der a luz, o seu marido deverá jejuar pelo espaço de uma lua, a fim de que o filho possa adquirir a força que o pai vai perder. Durante esse jejum, o marido só poderá comer saúva, caranguejos, beiju e pimenta. – revela outro jovem.

A ykamiaba pergunta como são feitos seus instrumentos.

– Com paxiúba. Fazemos a flauta-macho e a flauta-fêmea. A diferença é que a flauta-macho é revestida de cascas de árvores, e a flauta fêmea é escavada da parte mais dura da paxiúba.

Da casa mais afastada, as guerreiras escutam alguém cantando.

– Quem está cantando?

– Um dos pajés.

– Vamos até lá?

– Não. As mulheres ou os pré-iniciados não podem ver a flauta.

As ykamiabas se retiram da presença dos rapazes. No decorrer da festa, elas bebem muito caxiri. Elas ouvem, de longe, a flauta tocada pelos pajés na Casa dos Homens.

Enquanto isso, todos se servem de quinhapira⁷⁵, mujica⁷⁶ e peixe moqueado⁷⁷. As convidadas apreciam todas essas variedades e dão os parabéns às cozinheiras.

⁷⁵ Quinha: pimenta; pira:peixe. Molho de pimenta com peixe miúdo.

⁷⁶ Peixe engrossado com tapioca.

⁷⁷ Peixe assado na folha da bananeira.

Os jovens continuam animados. Convidam as ykamiabas para conhecerem o interior das casas, mas elas, muito cansadas, atam suas redes e dormem. No dia seguinte, novamente os rapazes se aproximam para fazer amizade.

- De onde vocês vieram?
- De um lugar distante daqui.
- Temos algo para mostrar a vocês.
- O que é?
- Venham até aqui.

As jovens seguem os rapazes pelo interior da floresta. Eles retiram de trás das árvores os instrumentos que haviam escondido.

- É a flauta de Jurupari!
- Então são esses os instrumentos que só os homens podem ver e tocar?
- São esses. Mas ninguém pode saber que mostramos a vocês.

As jovens retornam à aldeia, enquanto os rapazes levam os instrumentos de Jurupari para a Casa dos Homens, também chamada Casa dos Mortos. Durante a festa, as mulheres percebem que alguns homens estão com muitas mulheres, o que parece não condizer com as regras de Jurupari.

Elas utilizam de deboche para criticar esse comportamento:

- Disse Jurupari: uma mulher para ser boa, deve casar-se com um homem só e viver com ele até a morte... E não traí-lo por motivo algum.
- A mulher não deve desejar saber o segredo dos homens, nem o que sucede aos outros.
- Não deve desejar nem experimentar o que lhe parece apetitoso.
- Deve jejuar uma lua inteira, até que Jurupari tenha separado os alimentos que lhe são destinados.

Escurece. O som da flauta dá início à segunda noite da festa do dabucuri. Todos bebem caxiri e dançam na praça central. Algumas ykamiabas se dispersam para o lago da Serra.

Lá chegando, mergulham nas águas para receber a força da Mãe dos Muyrakytãs. É início da lua nova, ocasião em que as ykamiabas costumavam realizar seus rituais.

Quando as ykamiabas mergulham no lago, algumas mulheres sobem a serra até a Casa de Jurupari, de onde retiram os instrumentos que há pouco foram guardados pelos pajés, e os levam, apressadamente, até a beira do lago. Lá, põem-se a tocar lindas canções.

Mais acima, os rapazes tentam seduzir algumas das convivas. Embrenham-se em cantos escuros, quando ouvem o som da flauta. Imediatamente correm em direção ao lago.

– Não sabem que são proibidas de tocar a flauta? – indaga um dos rapazes.

– Devolvam as flautas imediatamente! – exige outro rapaz.

– Vocês serão mortas, se descobrirem... – vocifera um terceiro.

Enquanto os rapazes descem até o lago, as ykamiabas aproveitam para fugir, levando as flautas com elas.

– Vocês mostraram a flauta. Vocês traíram Jurupari! – elas gritavam.

Outras mulheres, aproveitando o descuido dos rapazes, chegam à Casa de Jurupari e apanham mais flautas. Quando eles dão conta, elas já vão longe, em suas canoas.

O dia está amanhecendo. A lua cobre a terra. O céu escurece. É o eclipse do sol. Os jovens, desesperados, saem gritando e chamando todos para a praça.

– Fomos amaldiçoados. Jurupari está morto!

– Elas fizeram o dia escurecer!

Atordoados, homens e mulheres arrastam-se pelo chão, batendo com as mãos na terra. As guerreiras se distanciam, levando consigo os instrumentos sagrados. Seguem em direção às terras do Içana. Embrenham-se por dentro da mata, onde os vizinhos terão dificuldade de alcançá-las.

Muitas e muitas luas se passam. As ykamiabas começam a conviver com novos tempos. Agora, no convívio com outras tribos, no rio Içana, elas aceitam os novos costumes.

– Nossas vozes não são
mais vibrantes
Nem nossos passos
têm o barulho do rio.

– Temos os corpos cansados
e o ventre aprisionado
Nossas filhas não verão
a luz de Yacy-Uaruá

As mulheres seguem para as roças todos os dias. Cabe a elas o cultivo principal, o plantio da mandioca. Os homens plantam o caapi.

– Perdemos nossa liberdade
E a nossa canção é triste
Aonde o Espelho da Lua?
Aonde Yacy-Uaruá?

As ykamiabas espiam o desaguar da cachoeira. Impossível retê-las, como o sonho que se esvai. Em busca da terra ideal, as ykamiabas se dispersaram. As filhas das filhas das bravas guerreiras vivem outra história.

– Nosso parto é diferente

Como parir sem dor?

Acocorada, a cunhã se prepara para colocar sobre a terra mais uma criança:

– É homem! Da terra sejam

o fruto do ventre da Mãe

A quem caberá respeitá-la!

Aquela a quem deverás amar!

Subindo as barrancas com o filho no colo, a recente mãe encontra o pai da criança deitado em uma rede. É o couvade⁷⁸, o resguardo do pai, que ficará na maloca, numa dieta rigorosa, protegido da luz e do vento, até a queda do resto do cordão umbilical do nascituro. Em seu oitavo dia de vida, haverá uma festa, quando o filho será apresentado a todos.

A mãe, ao contrário, ao voltar à aldeia, passará a preparar todas as tarefas, a si confiadas, como se não houvesse parido⁷⁹. Mas as guerreiras relutam em aceitar esse comportamento. Muitas fogem ou enlouquecem.

⁷⁸ Também chamado de sarúa ou “chôco”.

⁷⁹ Após o parto, a mãe retorna aos afazeres domésticos, enquanto o pai ficará de repouso durante uma lua. Só receberá a visita de parentes e amigos mais íntimos. Durante esse tempo recebe alimentação especial, pois não pode comer carne de certas caças ou peixe de pele. Se rigorosamente cumprido, a energia do pai será transmitida ao filho.

Marcado pela resistência aos colonizadores, as ykamiabas tentam suportar e até se adaptar aos novos tempos. Um dia, num final de tarde na Serra do Tunuí, um velho pajé, doente, fez a seguinte revelação:

– O sol procura, desde que nasceu, uma mulher perfeita para chamá-la junto de si. Mas a mulher perfeita não existe. Jurupari foi confundido com wãxtí, e as mulheres com Jurupari.

As mulheres que habitam estas terras são inquietas, corajosas e querem viver de forma independente. Apreciam a lua, fazem reverências a ela. Acreditam serem suas filhas. E são, de fato, suas filhas.

Não existe a mulher perfeita que o sol deseja possuir. Porque a mulher perfeita, a lua escondeu para si.

Dito isto, o pajé desapareceu. No lugar onde estava, surgiu um lindo lago, onde as ykamiabas mergulharam, apanhando, do fundo dele, vários muyrakytãs. A Mãe Terra era fecundada, e a lua nova surgia no céu.

Há quem diga que o velho pajé resgatou às guerreiras o seu ideal de libertação. E devolveu-lhes o lindo lago, que houvera, há muitos anos, transformado em pedra.

CAPÍTULO XXII
A VIAGEM DO MITO

O efeito borboleta é a noção de que
uma borboleta, agitando o ar hoje em
Pequim, pode modificar no mês
seguinte sistemas de tempestades
em Nova York.

JAMES GLEICK

- É uma bonita história, Yara!
- Obrigada. É um reino de mulheres doidas, filhas da lua, sem lei e sem maridos.
- Um reino é apropriado para essas cunhãs tecoimas, essas amazonas descendentes da Mãe Terra. O que você vai fazer com a sua história?
- Vou entregar a alguém que despertou em mim a curiosidade de conhecer o mito e me instigou a escrevê-la.
- A pessoa misteriosa da Turquia?
- Meu pai!
- Seu pai? Então, a tal pessoa é seu pai?
- Sim.
- Sinto-me traído! – disse-me contrariado.
- Ora... por quê?
- Você me omitiu um fato importante.
- Esperava o momento certo para contar-lhe.

– Entendo...

– Não fique frustrado. Nós compartilhamos essa história! Estivemos envolvidos com ela!

– Por isto mesmo! Mas, diga-me: quem é seu pai?

– Enki.

– Enki é o deus das águas.

– Verdade?

– Segundo a mitologia do Oriente Próximo, os povos do Mediterrâneo cultuavam Enki, o deus das águas doces. Para os sumérios, a água tinha o significado de conhecimento, sabedoria. Por isso, também era conhecido como o deus da sabedoria.

– Que interessante!

– O que você já sabe dele?

– Que é arqueólogo e trabalha para museus na Europa.

– Imagino que você queira conhecê-lo!

– É o que espero!

Benjamim convidou-me para uma volta pelo centro antigo da cidade. Passeamos por antigas casas em ruínas e fachadas de casarões destruídos.

– Que legado estranho tem esta cidade! – proferi.

– Como assim?

– Guarda muitas histórias... Velhos prédios europeizados, decadentes... Respiraram ares europeus, enquanto populações eram dizimadas dentro das matas.

Na volta para casa, combinamos novo encontro para o dia seguinte. Assim, passamos a nos ver com frequência. Quando as aulas reiniciaram, já estávamos bem próximos.

Era meio-dia quando retornei da faculdade. Encontrei minha mãe à minha espera.

– Alguma novidade?

– Chegou uma carta para você.

Entrei em casa ansiosa para abrir a correspondência. Não me enganara, o selo era da Turquia. Com o coração descompassado e o olhar atento de minha mãe, comecei a rasgar, aos poucos, a ponta do envelope.

– Vamos, abra! – ela disse, nervosa.

Desdobrei a carta devagar e pus-me a ler o seu conteúdo, em voz alta:

Querida Yara,

Peço-lhe que me permita tratá-la, assim, pois, para mim, é motivo de muita felicidade saber da sua existência. Há muitos anos, estive em Nhamundá e conheci uma mulher maravilhosa, com quem passei meses de profunda afeição.

Infelizmente, precisei retornar à minha terra para continuar o meu trabalho, mas não a esqueci. Só lamento não ter podido estar junto dela durante todos esses anos, ajudando a criar você.

Não quero importuná-la depois de tanto tempo de ausência, ainda que contra a minha vontade. Por isso, dirijo-me a você, depois de saber um pouco a seu respeito.

Gostou do presente? Esse muyrakytã foi localizado há muitos anos na entrada de Faro, ao pesquisarmos aquela linda região.

Quando soube da sua existência, decidi que ele deveria pertencer a você.

Gostaria de vê-las. Escreva-me para contar os seus avanços na pesquisa sobre as ykamiabas.

Mande-me notícias suas e, se possível, de Célia.

Um abraço bem forte em vocês.

Aguardo respostas.

Enki.

Os olhos de minha mãe encheram-se de lágrimas. Depois de tantos anos sem ter qualquer notícia do homem que amara, essa aproximação remexia seus sentimentos. Também eu estava emocionada. Abracei-a, com cumplicidade. Eu estava muito feliz. Não sabia explicar direito por que, mas estava.

– Obrigada, mãe!

– Ora... Por que você está me agradecendo?

– Por você. Por me fazer feliz.

– Você é tudo para mim, minha filha.

– Eu sei. Você tem feito tudo por mim. Tem vivido para mim.

– Também me sinto feliz por você.

– Você ainda gosta dele?

– Gostei muito.

– E parece que ainda gosta – falei, em tom de brincadeira. – Quero responder a esta carta. Por que você não faz o mesmo?

– De jeito nenhum. A carta foi endereçada a você. E acho melhor deixar tudo como está.

Mamãe tinha suas razões. Para mim, era diferente. ‘Enfim, um contato’, pensei. Comecei a responder a carta:

Enki,

Ficamos felizes com a sua carta.

Devo dizer-lhe que, para mim, foi muito importante aquele presente, pois através dele, pude descobrir fatos importantes da história do nosso povo.

Gostaria de conhecê-lo e teríamos prazer em recebê-lo.

Segue, junto, cópia da história que escrevi sobre o mito das ykamiabas, estimulada pelo seu presente.

Gostaria de poder conversar com você. Afinal, você é o principal responsável por tudo que está acontecendo.

Um abraço,

Yara.

Junto à carta, coloquei cópia do texto que escrevera com a ajuda de Benjamim durante todos aqueles meses, e as enviei, naquela mesma tarde, para Istambul. À noite, contei-lhe as novidades.

– Você está feliz? – ele perguntou.

– Estou. Espero agora poder conversar frente a frente, com ele.

– Fico feliz por você.

Benjamim parecia compreender o que se passava comigo. Depois de ser surpreendido pela revelação, passou a conversar sobre o que representava aquela aproximação com meu pai. O que me perturbava – contei-lhe – não era a sua ausência na minha vida, mas a sua presença no contexto das ykamiabas, e a relação histórico-geográfica que parecia existir entre o mito regional com o do outro lado do mundo.

Durante semanas, aguardei a resposta da carta. Um mês depois, recebi nova correspondência, desta vez, acompanhada de documentos para a retirada de duas passagens aéreas para Istambul.

– Mas o que é isto?

– Calma, mamãe! Vamos ver o que ele tem a dizer...

Queridas Célia e Yara,

Tomei a liberdade de me dirigir, desta vez, às duas. Como vão?

As férias se aproximam e pensei na possibilidade de nos vermos. Como tenho compromissos de trabalho nos próximos meses na Europa, não poderei afastar-me

daqui. Mas terei enorme prazer em recebê-las na minha terra. Quero mostrar a vocês o quanto esta terra também é bonita e rica de histórias.

Não importa o lugar em que estejamos. Somos um único povo, com características distintas, é certo, mas um único povo.

Quero mostrar a você, Yara, como o mito que envolve a Mãe Terra, que você escreveu com tanta beleza e poesia, está presente noutras regiões do mundo, especialmente na mitologia das antigas civilizações que habitaram a Europa e a Ásia.

Também tenho enorme ansiedade em reencontrá-la, Célia, após tanto tempo. Vamos nos divertir muito. Tenho ótimos planos para nós três.

Vamos conhecer a Escandinávia, região que envolve a Suécia, Dinamarca e a Noruega, onde mantenho relações de trabalho. Tenho muito que conversar com cada uma de vocês.

Tomem a liberdade de vir quando quiserem. Apenas me avisem para que eu possa recebê-las como desejo.

Beijos,

Enki.

Não é difícil prever o que sentimos neste momento, mãe e filha. Eu estava estimulada pela pesquisa, mas mamãe tinha suas expectativas e receios. Ambas, no entanto, precisávamos preencher um vazio. Um vazio do silêncio que o passado nos deixou.

Nos dias seguintes senti uma inquietação estranha, como se algo estivesse me faltando. Benjamim, apesar de mostrar-se solícito e amigo, pareceu-me distante. Em sua aula sobre a colonização da Amazônia, abordou o tema da Cabanagem, movimento nativista que teve como principal objetivo libertar os índios, negros e caboclos da colonização portuguesa.

– Cabanagem – disse – vem de cabanos, dos que vivem em cabanas...

A colonização da Amazônia transformou, principalmente, os índios destribilizados⁸⁰ em mão-de-obra escrava, até 1834, quando eclodiu a revolta nativista,

⁸⁰ Tapuios ou tapuias.

denominada Cabanagem. Benjamim nos contou que os cabanos tingiram-se de vermelho com a casca de murici e tomaram Belém, Vila da Barra⁸¹ e os principais rios amazônicos. Em 1839 foram dominados.

– A Guerra da Cabanagem, que durou quase dez anos, de 1835 a 1845, deixou 40 mil mortos... Ao final do século XIX para o XX, Manaus se transformava na capital da borracha.

Enquanto Benjamim prosseguia com a sua explicação, eu observava a sua postura elegante, lembrava a sua timidez e a maneira como revelou que gostava de mim.

Ele dizia que a resina elástica, utilizada como impermeabilizante pelos índios transformou as cidades de Manaus e Belém em capitais aristocráticas, que mais tarde tornaram-se decadentes⁸² quando as sementes de seringa foram levadas da Amazônia para o Oriente⁸³.

Comecei a perceber o quanto ele era bonito. E como as colegas de classe comentavam a esse respeito.

Depois de dizer que o Amazonas chegou a receber 500 mil migrantes do Nordeste brasileiro para trabalhar com a seringa, no final do século XIX, Benjamim nos revelou que o projeto Zona Franca de Manaus⁸⁴ havia gerado um crescimento vertiginoso da população da cidade, com a migração proveniente do interior do Estado. – Uma segunda migração, portanto! – Em dez anos de implantação do projeto, a cidade já concentrava 44% da população do Estado.

Eu o seguia com o olhar de um lado a outro da sala, enquanto ele nos contava que a existência de grandes reservas minerais de ouro, prata, cassiterita e manganês atraía para a região empresas poderosas e, até mesmo, garimpeiros avulsos. A implantação de planos econômicos de desenvolvimento⁸⁵, além de nada deixar para o homem da região, trouxe resultados desastrosos. Essas frentes de expansão continuam a poluir os rios e a devastar a floresta, aumentando a pobreza da população e contribuindo para a conseqüente destruição da Amazônia.

⁸¹ Manaus.

⁸² Depois do apogeu de 1840 a 1920.

⁸³ Ceilão, Malásia e África Tropical.

⁸⁴ Criado em 1867.

⁸⁵ Empresas de mineração, latifúndios agropecuários, exploração da madeira, abertura de estradas e construção de hidrelétricas.

Estava encantada com ele, esta era a verdade que eu havia custado a admitir, mas, naquele momento, passava a ter certeza. Estava gostando de Benjamim. A constatação me deixou constrangida, pois agora era eu quem não sabia como lidar com esse sentimento que aflorava em mim.

Encontramo-nos, ao final da manhã, à saída da faculdade, como vínhamos fazendo nos últimos tempos. A caminho de casa, comentei sobre a carta com as passagens para a Turquia e lhe perguntei se não tinha vontade de nos acompanhar na viagem.

- Conhecer a terra de origem das amazonas?
- O que você acha da ideia?
- Seria maravilhoso... As amazonas da Trácia, citadas na mitologia grega.
- Então, vamos...
- Que tal almoçarmos juntos e conversarmos melhor sobre o assunto?

Concordei! Mais adiante encontramos um pequeno restaurante, onde nos sentamos para almoçar. Conversamos sobre o antigo mundo do Mediterrâneo. As aventuras de antigos povos no mar. Por ele, fiquei sabendo que, para os gregos, o mar desempenhava uma função muito importante. ‘Foi através do mar que os gregos chegaram ao Egeu e ao litoral da Ásia Menor, onde fundaram colônias e dominaram cidades. Foi também pelo mar que chegaram à Itália Meridional, à Sicília e alcançaram o mar Jônico – disse. O mundo grego compunha-se, graças ao mar, de três partes: a Grécia, propriamente dita, a Grécia da Ásia Menor⁸⁶ e a Magna Grécia.

Benjamim parecia feliz. Pensei que seria maravilhoso viajarmos juntos.

– Uma viagem como esta será muito importante para você, Yara. Como disse Heródoto⁸⁷, “a História faz parte da essência da imaginação mitológica”. E você terá a oportunidade de conhecer mais de perto essa história.

- Como assim?

⁸⁶ O outro lado do Mar Egeu, como diziam os gregos.

⁸⁷ Historiador grego, que viveu no século V a.C..

– O mito e a História encontram-se entrelaçados nos documentos e testemunhos das civilizações. A história dos povos começou a ser escrita a partir dos primeiros relatos mitológicos.

– E das inúmeras transformações, também.

– É verdade! A história da ocupação humana na terra é mais antiga do que supomos⁸⁸. A primeira memória do homem, pelo que sabemos, são os desenhos em cavernas, antigos hieróglifos, pinturas campestres e representações que apontam para o comportamento mítico-religioso.

– Quando surgiram as primeiras cidades?

– As primeiras aldeias e cidades surgiram quando as atividades agrícolas alcançaram um nível de desenvolvimento tecnológico, desencadeando, daí, o comércio fluvial, por exemplo.

– Onde se deu esse primeiro comércio?

– O comércio fluvial dos primeiros agricultores teve início no sítio de Mari, à margem esquerda do rio Eufrates. Foi daí que surgiu a Mesopotâmia, a “terra entre rios”, situada entre o Tigre e o Eufrates. Os sumérios, seus primeiros povos, fundaram as cidades de Ur, Uruk e Nipur. Nesta terra entre rios, berço das primeiras civilizações, foi construído o chamado “Crescente Fértil”, que se estendia feito um arco do sudeste do Mediterrâneo até o Líbano, Israel, Jordânia, Síria, Turquia e Iraque.

– À Turquia também?

– Na atual Istambul, ficava a antiga Trácia, a Constantinopla do Império Bizantino, o Império Romano do Oriente, que, mesmo após a queda de Roma, sustentou por muito tempo a cultura e as tradições romanas. Por ser constituída por populações gregas e orientais influenciadas pela cultura helenística⁸⁹, foi, pouco a pouco, perdendo

⁸⁸ De acordo com estudos científicos, a terra tem quatro bilhões e meio de anos. Desde a sua formação, a partir de uma possível explosão cósmica, ao seu resfriamento, há alguns milhões de anos, inúmeras transformações ocorreram, entre elas uma chuva que teria durado milhares de anos. Sob a ação da água, a temperatura desceu gradualmente até 20 e 30° C. Formaram-se os oceanos, numerosos vulcões e altíssimas montanhas. Então surgiram as primeiras formas de vida: seres unicelulares, algas marinhas, as plantas e as raízes, sucessivamente, até a chegada do homem. As primeiras civilizações eram pequenos grupos de caçadores e coletores de produtos agrícolas que vagavam em busca de plantas e animais para se alimentarem.

⁸⁹ Sírios, judeus, armênios, egípcios e persas.

as características latinas e adquirindo outras, gregas e orientais. É o mais ocidentalizado de todos os países que formam o mundo islâmico.

– Dizem que tem uma arquitetura magnífica!

– A Turquia é um divisor de águas entre Ocidente e Oriente, literalmente, pois está situada entre dois continentes. Uma parte na Ásia, outra na Europa. Tenho vontade de conhecer a Basílica de Santa Sofia, considerada o ponto mais alto da cultura bizantina, construída entre os anos 532 e 537.

– Então? Você vai conosco?

– Espero que sim. Tenho um segredo para contar a você. Há anos venho juntando umas economias para viajar à Europa.

Mal podia esperar as férias para visitar aquele país, cuja história me impressionava. O que nos estaria reservado no berço das mitológicas amazonas?

CAPÍTULO XXIII

O RETORNO À ORIGEM

Cada partícula consiste em todas
as outras partículas.

Princípio da Teoria BOOTSTRAP, na Física Subatômica

Acertamos a viagem através de telefonemas e breves correspondências de e-mails. Estávamos ansiosos, especialmente eu e mamãe, pois viajaríamos ao exterior pela primeira vez. Benjamim, com certeza, atuaria como nosso cicerone, levando-nos a conhecer as culturas que tanto me interessavam.

Partimos nos primeiros dias de dezembro para aproveitar as semanas disponíveis de Enki no trabalho que vinha desenvolvendo em área escandinava. O primeiro trecho da viagem foi feito ainda em terras brasileiras, de onde embarcamos rumo ao Velho Mundo.

Foram muitas horas de espera, até que, finalmente, seguimos à Europa, com destino à Turquia. Depois de quase 48 horas, finalmente chegamos a Istambul. Era uma manhã fria, sem brilho, que parecia lembrar, realmente, um encontro com o passado.

Enki parecia inquieto. Andava de um lado a outro do aeroporto. Provavelmente estava pensando em como seria este encontro. Vi, quando, algumas vezes, retirou do bolso um lenço para enxugar o rosto, ainda que a temperatura registrasse pouco mais de 18 graus.

Devia ter acalentado durante anos o desejo de rever minha mãe. Agora, além dela, conheceria a filha, aos seus 26 anos de existência. Devia ser algo muito forte, mesmo, para deixá-lo nervoso. Para que não tivesse dificuldade em nos identificar, pedira-me que colocasse o muyrakytã em volta do pescoço. Assim o fiz, mas nós o vimos primeiro. Mamãe descobriu-o, logo que adentramos o saguão de desembarque. Creio não ter sido o muyrakytã que o ajudou a identificar-nos, pois ao primeiro olhar lançado em nossa direção, ele já sorria, como se o tempo não tivesse apagado a lembrança de minha mãe.

– Olá! – cumprimentou-nos, tentando aparentar serenidade. Mas ao abraçar minha mãe, notei lágrimas no seu rosto. Aproximei-me também e o abracei. Enki era um homem de 52 anos, alto, esbelto, de pele clara, traços finos e postura elegante. Os cabelos levemente grisalhos davam-lhe um ar de maturidade, mas os olhos verdes e brilhantes pareciam restaurar-lhe a juventude. Vinte e sete anos haviam se passado, desde a sua chegada, ainda moço, junto a uma equipe de pesquisadores, à Nhamundá. Minha mãe já não era a mulher que ele conhecera, mas seus traços delicados e seguros preservavam-lhe a meiguice e o mesmo sorriso da mocidade.

Benjamim falou-me que eu sorria como Enki, com os olhos, e que meu olhar expressava naquele momento uma grande alegria. Enki desejou saber o nome do rapaz com quem vinha de mãos dadas.

– Este é Benjamim! – respondi-lhe.

– O professor?

– Ele mesmo.

Enki sabia que Benjamim, o professor, era quem me orientava na pesquisa. Apresentei-o.

Fazia pouco tempo que nós estávamos juntos. A dois dias da viagem, exatamente. Ele me convidara para ajudá-lo a arrumar a bagagem e já havíamos concluído a tarefa, quando me dirigi à cozinha para pegar um copo d'água. Benjamim seguiu-me e, sem que eu notasse, posicionou-se às minhas costas. O resultado da brincadeira foi desastroso: o copo se espatifou no chão, espalhando água para todos os lados. Abaixei-me para juntar os cacos de vidro, enquanto ele pegava um pano para enxugar a água que escorria para debaixo da geladeira. Depois de limparmos tudo, ele me pediu desculpas pelo incidente, abiu a geladeira, retirou uma garrafa com água, e, gentilmente, convidou-me a sentar à mesa. Serviu-nos a bebida em duas taças de vinho, e, sorrindo, confessou: ‘Estou gostando de você’! E eu, tal uma adolescente, respondi: “Eu também estou gostando de você”! Não esqueci o que ele me falou quando brindamos, com água, aquele momento: “Vamos deixar as águas rolarem”.

‘As águas já estavam rolando’, só que, agora, atravessavam o outro lado do mundo, estendendo os limites da geografia, como fez o mito, unindo o que fora separado – passado e presente – e reconstruindo a história.

– Como vai, Benjamim? – perguntou Enki, cumprimentando-o.

– Vocês gostarão daqui – disse-nos, colocando a bagagem no carro. A Turquia é um país de muitas histórias. Vamos visitar Istambul e a Capadócia. Também poderemos ir até a Grécia. Mas quero levá-los, especialmente, à região escandinava, onde estou trabalhando.

– Estou curiosa para conhecer essas regiões, especialmente as que foram habitadas pelos povos que cultuavam a Mãe Terra – revelei.

– São áreas com vestígios arqueológicos interessantes, você vai ver!

– O passado está nas pedras – disse Benjamim.

– A pedra atravessa os séculos, sem dúvida, mas o que resta do passado é pouco, porque a mudança dos climas transforma tudo em terra⁹⁰.

– É a ação da Deusa! – falei.

– É um processo simbiótico. A terra nos alimenta, como também nós a alimentamos⁹¹. – acrescentou Benjamim.

Eu sabia que estava diante de um grande achado. Sabia que a viagem seria, para mim, o desfecho de algo, ou, quem sabe, o início de uma grande descoberta. Estava no Crescente Fértil, onde tudo começara. O centro agrícola mais antigo do mundo, que há dez mil anos a. C. se estendia do Golfo Pérsico à Palestina. Foi nesse centro que o culto à Mãe Terra teve início e ganhou dimensão no período neolítico⁹², quando a religião esteve associada à prática da agricultura. Os cultos se multiplicaram e as figuras femininas começaram a aparecer por toda parte. Do Oriente Próximo à África, dos Balcãs ao Oriente. Mesmo assumindo nomes e divindades distantes, eles tinham em comum, o elemento feminino.

⁹⁰ “Tudo que dela sai, vive. Tudo que a ela retorna, reviverá” (antigo preceito mitológico)

⁹¹ Hipótese Gaia. Teoria proposta pelo cientista James Lovelock, cujo princípio tenta explicar que a atmosfera da terra é parte integral, regulada e necessária da própria vida.

⁹² Até 2 mil anos antes de Cristo.

Enki falou-nos que na mitologia egípcia o céu era representado por uma mulher esguia, inclinada sobre a terra e sustentada pelo deus do vento, ou do ar, shu. Por baixo dela, ficava o oceano circular, no centro do qual estava geb, o deus da terra, debruçado com vegetação a sair-lhe das costas. E que este céu também estaria representado sob a figura de uma vaca sobre a terra, ajudado por outras divindades, como a Barca do Sol, que navegava ao longo da sua barriga estrelada, o oceano celeste.

– Todas as cosmogonias antigas, inclusive a egípcia, estavam relacionadas a divindades da natureza: o céu, a terra, a lua, as estrelas...

– Você trabalha com quê, Benjamim?

– Sou professor do curso de História. Leciono Antropologia Cultural, da qual Yara é minha aluna.

– Você é um daqueles apaixonados pelas histórias das civilizações?

– Sou um idealista! – ele respondeu. E isto era tudo. Benjamim tinha um compromisso com o futuro da humanidade e, conseqüentemente, do homem.

– A Mãe Terra está agonizando. – disse.

As suas palavras soaram como um tambor. Fez-se silêncio.

Era incrível a força que movia suas palavras, quando precisava expressá-las, com veemência. Apoiei a cabeça no ombro de minha mãe e cochilei até a residência de Enki.

O ambiente exalava o aroma das tulipas que ele havia colocado no apartamento para nos recepcionar. A bagagem foi levada aos quartos. Descemos para almoçar num restaurante próximo.

A Turquia é um país do Oriente Médio. Situado entre dois continentes, tem a sua maior parte na Anatólia, e a outra, numa região da Europa, a Trácia Oriental⁹³. Seus limites⁹⁴ podem ter contribuído para que se concentrassem ali vestígios de civilizações

⁹³ A Turquia europeia está separada da asiática numa extensão de 36 quilômetros, pelo pequeno mar de Mármora, que se comunica com o Egeu pelo estreito de Dardanelos e pelo mar Negro pelo Canal de Bósforo.

⁹⁴ Ao norte com o mar Negro e a Bulgária; a oeste com a Grécia e o mar Egeu; ao sul com o mar Mediterrâneo, a Síria e o Iraque; e a leste, com o Irã, a Geórgia e a Armênia.

milenarios, um legado histórico, religioso e arquitetônico expresso nas igrejas, nos museus, templos e sítios arqueológicos que vão de Istambul a Capadócia. De maioria muçulmana, o país que recebeu forte influência da igreja católica durante a expansão do cristianismo, teve reconhecidamente a cultura mais brilhante da Idade Média.

Istambul é uma das cidades mais belas do planeta. A Basílica de Santa Sofia, edificada no século VI e transformada mais tarde em mesquita e museu, é um das suas maiores expressões. Tivemos a oportunidade de visitá-la, após o almoço, e ficamos impressionados com a grandiosidade da sua arquitetura.

Descansamos no apartamento. À noite, por volta das 20 horas, vi quando mamãe deixou o quarto. Enki se encontrava na sala, lendo um livro. Voltei ao quarto e imagino o que os dois devem ter conversado, depois de longos anos. A sua vontade de revê-la, a dificuldade de retornar, a minha presença... Enfim...

Depois, com todos na sala, conversamos. Enki nos contou que herdou do pai o interesse pela mitologia.

– Você é turco? – Benjamim perguntou.

– Não. Nasci em Atenas. Meu pai era grego. Minha mãe, turca. Meu pai costumava ler os clássicos para os filhos, que ficavam à sua volta para escutá-lo. Cresci ouvindo “Teogonia” e “História da Guerra do Peloponeso”⁹⁵. Ouvíamos de tudo, desde as histórias fabulosas, aos grandes filósofos: Sócrates, Platão, Aristóteles. Acabei me apaixonando por história, também.

– Yara puxou a você. Está no sangue! – disse Benjamim. E parece que o nome não é só coincidência!

– Temos muitas semelhanças. Yara é um lindo nome amazônico. Como vê, a água tem papel fundamental nas mais diversas culturas. A própria palavra Mesopotâmia diz tudo, “terra entre rios”.

⁹⁵ Tucídides.

Enki falou que a Deusa Terra da Mesopotâmia era Ninhursag, e que Sin⁹⁶ era o deus da lua. Ninhursag vivia com Enki, numa ilha paradisíaca, conhecida como Dilmun, hoje identificada como a ilha Bahrein, no Golfo Pérsico.

– A figura da Deusa Mãe é pioneira na religião das mais diversas civilizações. É a divindade Inanna dos sumérios e Ishtar dos amorreus, semitas e assírios, na Mesopotâmia. Sin, dos sumérios, era Yerakh ou Yakhbol, a deusa da lua, cultuada há três séculos antes da era cristã pelos semitas de Palmyra, na Síria. O culto originou-se da necessidade que os colonos tinham de se orientar nas viagens empreendidas pelo mar.

– Nós devemos à Mesopotâmia a divisão do ano em 12 meses, a semana em 7 dias, e o dia em 24 horas. – disse Benjamim.

– E o hábito do plantio de acordo com as fases da lua! – acrescentou Enki, pedindo-nos licença para servir o jantar. Mamãe acompanhou-o até a cozinha. Depois, tomamos um excelente licor de damasco, ao som da música de Liszt⁹⁷.

No dia seguinte, iniciamos as visitas. O primeiro destino foi a Capadócia, antiga província no interior da Turquia. Chegamos ao Parque Nacional de Goreme, no final da manhã. Nossos olhos descortinaram um conjunto de vales, desfiladeiros e montanhas que iam do vermelho ao verde, enquanto a terra parecia tingir-se de dourado, marfim e âmbar. Enki disse tratar-se de um lugar habitado, há milênios, por tribos nômades do neolítico: hititas, romanos, persas, gregos, selêucidas, otomanos... Observava os vales e tentava entender como fora possível desenvolver naquelas grutas subterrâneas, cidades e templos cavados em rochas, habitações simples e também complexas, com quilômetros de labirintos e túneis sinuosos. Depois de visitar várias delas, seguimos à estação das águas de Pamukkale⁹⁸, um castelo natural de gigantescas cascatas brancas e piscinas naturais que o tempo se encarregou de formar há 14 mil anos.

⁹⁶ Sim, o deus da lua, conhecido no panteão sumério.

⁹⁷ Pianista húngaro, sem dúvida, um dos expoentes máximos do romantismo e autor de um gênero musical conhecido como Poema Sinfônico.

⁹⁸ O nome Pamukkale significa castelo de algodão, em turco. São terraços brancos, formados pelas águas termais ricas em bicarbonato de cálcio, que, ao caírem no solo, depositam dióxido de carbono, responsável pelo seu aspecto de montanha congelada.

De Pamukkale, fomos conhecer a antiga Herápolis e a Necrópolis, com mais de 150 mil túmulos e, depois, a um dos mundos mais antigos da Turquia, Éfesos. Lá visitamos o Templo de Adriano, um Grande Teatro para 25 mil pessoas e o templo dedicado à rainha dos bosques, Ártemis.

Parecia incrível que estivesse na terra que cultuou a Mãe Terra e foi berço das amazonas.

– Teriam saído daqui, as guerreiras? – perguntei, entusiasmada.

– Talvez... – respondeu Enki. Há alguns milhares de anos o nível dos oceanos baixou uma centena de metros, o que tornou possível a passagem da Ásia à América. O homem atravessou a pé ou em jangadas, pelo istmo de Bering⁹⁹ que funcionava como uma ponte entre os dois continentes.

Fiquei imaginando como esses povos teriam migrado para diferentes regiões do planeta, como nos dissera Barbosa Rodrigues, mudando a cor da pele, a língua e os costumes, porém conservando as características culturais e psicológicas, como as observadas no comportamento das mulheres guerreiras, que deram origem ao mito. Devia haver um vínculo entre as guerreiras asiáticas e as ykamiabas, do Amazonas. Mas qual a razão de se retratar as lendárias gregas com o seio mutilado?

Enki explicou que o termo amazonas vem do grego. A: não, sem; mazós: seios. Mulheres sem seio, portanto.

– Conta-se que, quando jovens, essas mulheres costumavam queimar ou atrofiar o seio direito, a fim de facilitar o manejo do arco. Mas a palavra é armênia. Significa ‘mulher da lua’, pois as sacerdotisas armadas da Deusa Mãe consideram a lua como o seu emblema.

‘Então, há mesmo um vínculo entre elas, que pode ligar o mito às migrações’, pensei. – Ykamiabas são mulheres sem seio, ou leite, conforme alguns historiógrafos, correto?

– Correto! – confirmou Benjamim.

⁹⁹ O Estreito de Bering era um istmo de 1500 quilômetros.

– Creio que nossas ykamiabas são remanescentes das amazonas asiáticas. O culto à lua pode ter sido um desdobramento do culto à Mãe Terra. – acrescentei.

– Bem... Foram as mulheres que constituíram o primeiro foco de religião no mundo¹⁰⁰. Na Antiguidade Clássica, cada uma das deusas tinha uma função a desempenhar no universo mítico da terra. Hera, Hetaíra, Afrodite, Atenas, Ártemis¹⁰¹... Isso apenas para citar as deusas maiores da Grécia. No panteão romano elas têm outros nomes. – disse Enki.

– No caso das guerreiras romanas, quais seriam? – perguntei

– Hera é Juno e Ártemis é Diana. Juno era originalmente a Deusa da Lua, uma divindade importante que regulava o ciclo agrícola. Ela era adorada tanto no Quirinal¹⁰², quanto em Juno Moneta e outros santuários. Juno era protetora das mulheres, principalmente as grávidas. Já Diana¹⁰³ possuía características de amazona. Caçadora, severa, rainha dos bosques, tinha na sua frente o símbolo da lua. Mas é importante lembrar também que no ano 204 a. C. a Grande Deusa Cibele, ou Reia, da Anatólia, a primeira divindade oriental, foi a última a ser introduzida nos livros sibilinos¹⁰⁴.

Pernoitamos num hotel instalado nas proximidades de Kusadasi, porque seguiríamos no dia seguinte à Anatólia. Esta, Enki dizia fazer questão de mostrar-nos, por ter muito a nos revelar.

– Çatal Hüyük¹⁰⁵ é um dos centros mais antigos do mundo. Está localizada num rico vale ao norte do Monte Taurus. As suas origens ainda são obscuras, mas já sabemos que se apresentava, sem ruas, com 139 residências e 40 salas decoradas com motivos religiosos, provavelmente santuários.

¹⁰⁰ Entre 25.000 a 2.500 a. C., quando os novos sacerdotes patriarcais cooptaram os antigos símbolos e rituais do espírito matricêntrico da terra e declinaram as deusas.

¹⁰¹ O Quando o Panteão Romano importou os 12 deuses da Grécia, Hera passou a ser Juno; Atenas, Minerva; Afrodite, Vênus; Héstita, Vesta; Deméter, Ceres.

¹⁰² Povoado, hoje sede oficial do governo italiano.

¹⁰³ Originalmente Diana de Éfeso, pois tinha o seu templo na Ásia.

¹⁰⁴ Mãe dos Deuses, a Grande Mãe Cibele é Filha do Céu e da Terra e, por conseguinte, a própria Terra, a Boa Deusa, A Mulher de Saturno, Gaya ou Reia.

¹⁰⁵ Estima-se que a sua fundação tenha ocorrido, no mínimo, em 6.500 a.C..

Chamaram-me a atenção estatuetas e baixos-relevos, com motivos de representação feminina. Observei, com atenção, a figura de uma delas, grávida, em posição de parto, e acompanhada de animais. Enki revelou serem indícios de que a principal divindade era feminina e simbolizava a caça e a fertilidade.

Os instrumentos de sílex, lâminas, pontas de lança e joias também indicavam que Çatal Hüyük tirava a sua riqueza do artesanato, o que mais uma vez reforçava o papel importante da mulher na representação daquela cultura.

Todos esses acontecimentos mudavam a minha forma de ver e pensar o mundo. A viagem ampliava meus horizontes. Minha vida ganhava novo sentido. Assumiria, a partir dali, um compromisso sagrado com a Mãe Terra, de respeitá-la. Afinal, ela é a origem da vida, a Grande Mãe!

CAPÍTULO XXIV

O CULTO À MÃE TERRA – O CAMINHO DE VOLTA

Tinham quatro pés, quatro mãos, duas faces e
genitais masculinos e femininos. Mas Júpiter
resolveu dividi-los em duas partes.

Quando toda natureza ficou deste modo
dividida, apareceu em cada homem o anseio de
reunir-se à sua outra metade, e ambas as metades
abraçaram-se, entrelaçaram seus corpos e
desejaram formar de novo um único ser.

PLATÃO.

Fizemos a viagem à Grécia em dois dias. Visitamos a Acrópole e seguimos para o litoral, atravessando os bairros de Glyfada, Vouliagmeni e Varkiza e ao extremo sul da Ática, até o Cabo Sunion. Ao chegarmos às colinas do Templo de Poseidon, admirei-me por estarem ainda todas de pé. Ao entardecer, retornamos à Atenas, onde assistimos a um impressionante espetáculo de luz e som, enquanto jantávamos e bebíamos bastante vinho numa típica taverna grega.

Apreciamos, eu e Benjamim, as danças folclóricas, arriscando alguns passos entre os bailarinos. Percebi um clima de romance entre mamãe e Enki. Desde a chegada à Grécia, estavam se aproximando aos poucos. ‘Nada como o amor para dar mais sabor às histórias que vivemos’, pensei. Agora, menos tensos, eles procuravam se entender. Enki tocava as suas mãos, enquanto ela tentava se descontraír, bebendo vinho. A estranheza dava lugar ao carinho, como se resgassem o sentimento perdido de tempos atrás. Abraçado à mamãe, ele acariciava seu ombro. E foi tanta emoção, quando os vimos se beijarem!

No dia seguinte, partimos para Delfos, onde visitamos o tesouro dos atenienses: o Templo de Apolo – o mais belo dos deuses, irmão gêmeo de Diana, a caçadora.

Almoçamos num vilarejo e, mais uma vez, voltamos a Atenas, onde passamos mais uma noite.

Mamãe, aos poucos, sentia-se mais à vontade na presença de Enki. Já correspondia aos seus carinhos explícitos. O jantar, na última noite da viagem à Grécia, foi mágico. Na região de Koropi, famosa por seus vinhedos, eles desfrutaram, ao som ritmado da música regional, um dos momentos mais prazerosos da viagem. Todos nos divertimos com as histórias contadas por Enki.

Da Grécia, seguimos à Escandinávia, terra também de ricas histórias e poemas. Foi uma viagem tranquila. Mamãe apoiava a cabeça no ombro de Enki, que lia uma revista. Benjamim e eu conversávamos sobre estar vivenciando o que havíamos conhecido nos livros.

Chegamos a Oslo, Noruega. Cidade escandinava mais antiga¹⁰⁶, onde, dizem, passado e presente se misturam. Do avião, observamos os fiordes entre montanhas, formados há milhões de anos¹⁰⁷. Enki nos levava a conhecer Vigeland, a maior galeria de arte do mundo, ao ar livre. A porta de entrada para visitá-la foi a cidade histórica de Bergen, antigo centro comercial da Idade Média, tombado pelo Patrimônio Mundial. Lá, chove todos os dias.

Depois da visita, subimos de bondinho até o Monte Flaien, uma das sete colinas que cercam a cidade, de onde pudemos observar o panorama de toda a região. Em seguida paramos num velho porto para apreciar a vista da cidade e saborear um salmão defumado.

Enki nos apontava vestígios da Deusa:

– No final do neolítico escandinavo¹⁰⁸, foram encontrados na Islândia, grandes túmulos com ossos de ancestrais que prestavam culto àquela que, depois da morte, recebia novamente os filhos em seu seio. Acreditava-se que a terra se tornava fértil e fazia crescer os rebanhos e as manadas. E as crianças cresciam saudáveis e robustas. Há poucas informações sobre como este povo via ou imaginava a sua deusa, embora, por vezes, ela aparecesse gravada em vasos dentro de túmulos, com a face

¹⁰⁶ Fundada em 1008.

¹⁰⁷ Os fiordes formaram-se quando os blocos de gelo que desceram dos picos em direção ao mar cavaram vales profundos que foram preenchidos pela água do mar.

¹⁰⁸ Cerca de 3.000 a 2.000 a.C..

triste, sombria e de olhos fixos. A mitologia escandinava, que, em tempos remotos, manifestou-se na Islândia com o culto à Deusa Terra, também apresentou na Idade Viking¹⁰⁹ uma relação próxima aos cultos femininos, principalmente os relacionados à deusa da fertilidade. Mas, desta vez, conjugados aos deuses masculinos.

Enki nos falava com emoção sobre Freyr e Freyja, respectivamente senhor e senhora, filhos do deus Njord e da deusa Nerthus, o deus Céu e a deusa Terra.

– Freyr é o deus da fecundidade, e Freyja, a deusa que chora, vertendo lágrimas de ouro¹¹⁰. Sugerem o casamento entre Céu e Terra. Fontes arqueológicas apontam para um culto dos dois, com ênfase na jornada do sol e estações do ano.

– Mais uma vez, a deusa asiática! – exclamei.

– A deusa recebe nomes diferentes nas diversas mitologias – respondeu-me.

– E quais eram as amazonas escandinavas?

– Aguardava por esta pergunta, Yara. O Edda Poético cita as walkírias, originalmente espíritos femininos ferozes que serviam ao deus da guerra. O poeta Saxo diz que a aparência deles variava bastante. Algumas vezes, apareciam como seres terríveis; outras, como belas virgens que ofereciam amor aos guerreiros. Segundo o Edda, elas se ligavam aos reis e aos príncipes que adoravam Odin, oferecendo-lhes ajuda e conselho e dando-lhe sorte nas batalhas. Depois da morte, elas os recebiam como esposos.

– Elas eram vassalas?

– A princípio, sim. Mas no Valhala, reino de Odin, elas ocuparam, mais tarde, lugar de princesas, envergando armaduras e montando cavalos que escoltavam os guerreiros mortos, acolhidos com chifres cheios de hidromel, a bebida da inspiração.

– Interessante notar o caminho que o mito percorreu nesses milhares de anos.

¹⁰⁹ Séculos IX e X.

¹¹⁰ Poemas mitológicos do Edda Poético.

– Depois de concluirmos estas visitas, quero conversar algo com você – disse Enki.

– Pode adiantar?

– Não. É surpresa!

Atravessamos o Estreito de Skagerrak, que separa a Dinamarca da Noruega, num ferry-boat. Durante o percurso, observamos esplêndidas paisagens entre vilarejos entrecortados por rios e montanhas. Passamos por florestas de magnífica vegetação, grande quantidade de rochas, plantação de cerejas, maçãs, peras... Respirei o aroma vindo dos pomares, tornando mágica nossa viagem com destino a Copenhague.

Lindholm Hills, Norresundby, Dinamarca. Estávamos nas terras dos legendários vikings, quando nos deparamos com centenas de túmulos¹¹¹, muitos¹¹² contornados com pedras em forma de barco. O que é muito comum na região, principalmente nas proximidades de Oslo.

Em Copenhague, junto a Enki, visitei o Nationalmuseet e novamente fiquei impressionada com as estatuetas. Uma figura feminina feita de bronze, com olhos de ouro, de cinco centímetros de altura, estava de joelhos e tinha uma das mãos levantada, como se dirigisse um carro, enquanto a outra mão agarrava um seio. Estava vestida com uma pequena saia pintada e usava um colar. Segundo Enki, credita-se a ela o título de ‘deusa da fertilidade’.

A visita ao museu, fizemos eu e Enki, apenas. Depois, fomos nos reencontrar com Benjamim e mamãe no hotel. De lá, seguimos para Estocolmo, a “rainha das águas”, na Suécia, onde apreciamos uma refeição tipicamente escandinava: um smörgasbord, finíssimo bufê frio a base de peras defumadas.

Antes de concluir a viagem, Enki levou-me ao Museu de Gotemburgo e a outros locais, para apresentar-me a amigos e mostrar-me os acervos com peças arqueológicas coletadas por etnólogos em muitos lugares do mundo, inclusive na Amazônia.

Senti-me um pouco cansada, mas satisfeita por ter recebido em pouco tempo um magnífico tesouro, um legado de informações que estavam guardadas entre rochas.

¹¹¹ 628 túmulos.

¹¹² 200 túmulos.

Fiquei curiosa em saber o que Enki teria para falar-me. Benjamim e mamãe deixaram-nos às sós para que pudéssemos conversar à vontade.

Ele começou:

– Inicialmente, quero parabenizá-la pelo magnífico trabalho com o mito das mulheres guerreiras. Foi uma tarefa difícil, mas importante para o povo amazônico e as futuras gerações.

– Obrigada! Mas isso tudo não teria sido possível sem a ajuda de Benjamim.

– Vocês reconstituíram um mito fadado ao esquecimento. Percorreram o caminho da história. Investigaram a essência.

– Obrigada.

– Mas há duas coisas que quero dizer a você.

– Diga!

– A primeira é que vou ajudá-la na publicação do trabalho. É importante que ele se torne conhecido, pois se trata de uma inquietação não apenas sua, mas de muitas pessoas, entre as quais eu me incluo.

– Obrigada. E a segunda?

– Veja bem: o mito não é o fim, mas o início.

– Como assim?

– Você lembra o presente que ganhou, ao iniciar as pesquisas?

– Sim. O muyrakytã.

– Pois é. Junto a ele, você recebeu uma mensagem. Você lembra qual era?

– “Você recebeu um legado. Procure no mito”.

– Só isso?

– Que eu me lembre... Só isso!

– Da mensagem... Você não lembra mais nada?

Franzi a testa, como se procurasse algo que não houvera percebido antes ou não estivesse me lembrando. Então, recordei que guardara na bolsa, dentro da minha carteira, o papel com a mensagem. Tornei a lê-lo e, de repente, estalando os dedos, pois me recordara do dia em que contara a Benjamim sobre o muyrakyatã, eu disse:

– Havia algo na mensagem que não conseguimos decifrar. Alguns sinais...

– Abstrações laterais, com sinais pictográficos...

– É alguma brincadeira?

– Não. É algo bem sério, por sinal! – disse Enki, retirando do bolso do paletó uma pedra de nefrita, com algumas inscrições.

– Sabe o que significa?

Não! – respondi. Fiquei em silêncio, a observá-lo. Por fim, balancei a cabeça, em sinal negativo, e ele continuou:

– É um achado arqueológico que descobri em escavações, quando retornei da Amazônia.

– O que significa?

– Trata-se de uma escrita cuneiforme, muito utilizada pelos povos da Mesopotâmia. Sugere que a pessoa que venha a resgatá-lo, não importa qual seja o tempo em que isso ocorra, terá a responsabilidade de decifrá-la.

– Por que a enviou a mim?

– Foi a maneira que encontrei para me aproximar de você. Quando soube que estudava História, animei-me, pois acreditei que se conseguisse deixá-la, pelo menos, curiosa, era porque estava no caminho certo.

– E você, conseguiu decifrar a mensagem?

– Sim. È uma linguagem com a qual nós, pesquisadores, estamos acostumados a trabalhar.

– O que ela diz?

– É uma história com duas faces, uma delas você descobriu com a pesquisa.

– Como assim?

– Veja mais detalhadamente a pedra.

– Estou vendo.

– Observe os minúsculos desenhos, ao lado.

Surpreendi-me com o que vira. Era o desenho de um muyrakytã e de um pequeno machado, com igual contorno ao que recebera de dona Marina, a mando de Enki.

– É o desenho do machadinho que recebi de você!

– Por isso falei que a história tinha duas faces. É a ligação que faltava para esclarecer a migração do mito. Quem escreveu na pedra tinha alguma relação com os muyrakytãs. Talvez aponte para uma relação entre os cultos à Deusa Mãe e à Deusa Lua.

– Sim. Parece evidente que há uma relação entre eles. As ykamiabas tinham a lua como seu emblema.

– E na história que você escreveu, há referências constantes à Deusa Mãe.

– A existência das mulheres que exerciam o poder é conhecida em várias tradições da América, desde as Antilhas, ao centro, até à Califórnia, ao norte e no Brasil e Guianas, ao sul¹¹³. No Brasil, a sua presença foi relatada a partir de indícios da tradição oral, dos ciclos mitológicos e de relatos da passagem de Orellana pela região.

¹¹³ Até meados do século XVIII, as mulheres portadoras de armas de guerra foram citadas enfaticamente por navegantes, não apenas nas Américas, mas também na África, onde, até meados do século XVIII, chegaram a ser referendadas por exploradores portugueses.

João Barbosa Rodrigues relatou que uma velha índia Tapajó¹¹⁴ afirmara que os Tapuyus¹¹⁵ iam anualmente a Nhamundá trocar produtos pelos muyrakytãs que os índios usavam pendurados ao pescoço.

– Eu mesmo tive oportunidade de conhecer muyrakytãs que mediam algo em torno de cinco centímetros de comprimento, encontrados, em sua maioria, na cidade de Santarém, no Pará.

– Se juntarmos os muyrakytãs a outras peças importantes, como o mapa etno-histórico de Nimuendaju, o relato de viagem de Carvajal, informações contidas na tradição oral dos povos locais, a existência do Monte Yacy-Taperê¹¹⁶, os lagos citados nos ciclos mitológicos, além de relatos de viajantes, poderemos comprovar a sua existência.

– Sua pesquisa é muito importante, Yara. Lembro-me de ter lido que La Condamine¹¹⁷ afirmou tê-las visto na embocadura do Purus e o rio Tefé. E que os índios Topayo, do grupo Tupinambá, que habitavam uma grande ilha, diziam terem herdado de seus pais, e esses, por sua vez, das cunhãs ykamiabas, pedras verdes em grande quantidade, conhecidas como ‘pedras das amazonas’.

– O muyrakytã é uma herança real das ykamiabas.

– Quero explicar a você algo que vai além do mito...

Enki contou-me sobre uma antiga sabedoria dos deuses nórdicos:

– O centro do todo é a Árvore do mundo, em cuja base se encontra uma fonte com poderes especiais. Os deuses tiram água desta nascente para regar a árvore que estaria, continuamente, a ser destruída e a se renovar. O que significa dizer que, enquanto os mundos desaparecem e os deuses morrem, a Árvore continua através dos tempos, resguardando e produzindo nova vida. A função da Árvore é mostrar que, para chegar ao mundo dos deuses, devemos descer ao interior da terra.

Tanto a nascente desta água que dá origem à Árvore, quanto o carvalho, que é a árvore mencionada, ele informou que estavam presentes nas mitologias oriundas dos

¹¹⁴ Santarém, Pará.

¹¹⁵ Tapajó.

¹¹⁶ Monte Ykamiaba.

¹¹⁷ Charles-Marie De La Condamine. Astrônomo francês. Percorreu o Amazonas entre 1735 a 1745.

povos do Mar Mediterrâneo. A Árvore da Vida representa o eixo, o centro do mundo, que faz a comunicação com o mundo celeste.

– A vida está na terra... – falei.

– Veja que a crença num poder que anima a terra é universal. Os povos que migraram da Ásia para outras partes do mundo levaram consigo esta sabedoria, ou esta sabedoria já se encontrava nesses lugares... “A mãe que dá a vida e recebe os mortos no seu útero”... Encontramos a Deusa Terra também noutras mitologias. A Pacha Mama dos Andes peruanos e bolivianos, a Grande Mãe celta dos irlandeses e galeses, a Lilith¹¹⁸ dos sumérios e babilônicos, antes dos tempos bíblicos... E outras, como a escandinava e a africana, que sempre coexistiram com os deuses masculinos¹¹⁹. Não aconteceu como na Grécia, que os deuses declinaram as deusas.

Quando os cristãos cooptaram a Árvore da Vida para a sua mitologia, suprimiram antigos cultos pagãos que rendiam louvores à Deusa. Precisamos fazer o caminho de volta, ou seja, resgatar o mito da Mãe Terra através da história.

– Mas como?

– Pelos valores que contribuem para a preservação da vida. Precisamos de uma nova relação com todos os seres que habitam a Terra, respeitar os animais, as plantas, os rios. Precisamos olhar para o futuro, sem esquecer o passado...

– Aprender com o passado para preservar o futuro?

¹¹⁸ Lilith, ou Lua Negra.

¹¹⁹ Na mitologia africana, deus é pai e mãe dos homens e dos animais, mas é nascido da Mãe Terra. A etnia Fon, de Abomei, República de Benim, vizinha dos Iorubas, tem Mavu como deus supremo, considerado, às vezes, homem, às vezes, mulher. Sua companheira Lisa aparece também como ser masculino. Segundo o mito, ambos nasceram da mãe primordial Nana Bulucu, que criou o mundo e depois se afastou. Mavu era a lua, encarregada da noite e vivia a oeste. Lisa era o sol e vivia a leste. Quando há um eclipse do sol ou da lua, os Fons dizem que Mavu e Lisa estão fazendo amor. Para os pigmeus, foi a lua quem criou o primeiro homem e o pôs na Terra. A lua, deusa feminina, está também na etnia Krachi, no Togo e nos Luíás, do Quênia. Os Ibos, na Nigéria Oriental têm na deusa Ala, a Grande Mãe da Terra, adorada anualmente em cerimônia dedicada ao fomento da riqueza. Ala governa os homens, é fonte da moralidade e protetora das colheitas. Como mãe, dá fertilidade às plantações e aos seres humanos.

– E dividir esta responsabilidade com mais pessoas. Temos um compromisso com o nosso presente. O que você viu aqui tem relação com o que pesquisou na sua história. São partes que se complementam, como a Árvore que sustenta a vida no seio da mãe. Quando você voltar à sua terra, terá que continuar lutando pelo que acredita.

No dia seguinte, à noite, já de volta a Istambul, sentados à varanda do apartamento, com vista para uma parte antiga da cidade, Enki propôs a mim e a Benjamim iniciarmos um trabalho para a preservação ambiental do Monte Ykamiaba, em Nhamundá. Depois, saiu com mamãe para jantar fora. Continuavam acertando os “ponteiros”, após uma pausa de 27 anos.

Conversei com Benjamim sobre o legado da Mãe Terra. A lição deixada pela Grande Deusa há milênios. Era como se ela estivesse a nos dizer para que cuidássemos melhor do planeta, da terra, dos rios, fontes de transformação da vida. O útero de onde tudo sai e retorna. Era este, enfim, o legado do mito, trazido pelo muyrakyatã. O mesmo legado das filhas da lua, mulheres da terra, que atravessaram os continentes para viverem livres.

Agora, era como se tivesse montado o quebra-cabeça: as mulheres sem seio ou leite sempre regaram com as águas da nascente, a Árvore da Vida. Fecundaram a terra com seu sangue para que os seres que nela habitassem tivessem espaço para viver. Pois a Terra, mesmo dividida, é uma só. É um corpo só. E nós fazemos parte dele.

Coube a mim contar esta história, reunindo registros de fatos dispersos nos livros e fragmentados em nossas vidas. Resgatar o mito das ykamiabas, partindo da migração dos povos e fazendo o caminho de volta em torno da Terra, foi, sem dúvida, meu maior desafio.

Talvez aquela velha índia não imaginasse que a história, contada e recontada nas noites do interior, fosse permanecer na memória e percorrer comigo caminhos tão longos.

Confesso que em muitos momentos fraquejei, pois as indicações históricas, arqueológicas, por mais verossímeis que fossem, conduziam-me, inevitavelmente, ao mito.

Hoje, após a jornada que me transportou a um verdadeiro labirinto de informações, sinto-me na obrigação de agradecer àquela senhora, não mais conosco, por ter-me, indiretamente, dirigido a caminhos tão fantásticos na busca pela verdade.

Mamãe e Enki estão juntos na Turquia. Benjamim e eu trabalhamos num projeto para a defesa do Monte Ykamiaba, no baixo Amazonas.

Benjamim foi, talvez, a peça mais importante na construção do meu projeto de vida, pois com ele posso dedicar-me de forma mais profícua ao amor à Mãe Terra. Nos últimos tempos, estamos mais animados, repartindo esta enorme responsabilidade com muito mais pessoas. Não estamos sozinhos.

Enki, o “deus das águas”. Enki, simplesmente, meu pai!

Através dele, pude desvendar essas histórias. Através de mim, ele pôde retirar as pedras do passado e deixar o caminho para as águas rolarem... Porque haverá o dia em que elas se encontrarão e poderão ajudar a reconstituir a Árvore da Vida.

FIM